



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA**  
**LINGUAGEM**



**VERÔNICA BARÇANTE MACHADO**

**AS ORAÇÕES RELATIVAS NAS ATAS DE AUDIÊNCIA PÚBLICA DA**  
**CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO (MG):**  
**uma abordagem sociolinguística**

Mariana  
Agosto/2015

**VERÔNICA BARÇANTE MACHADO**

**AS ORAÇÕES RELATIVAS NAS ATAS DE AUDIÊNCIA PÚBLICA DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO (MG):  
uma abordagem sociolinguística**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linguagem e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves

Mariana  
Agosto/2015

M149o Machado, Verônica Barçante.  
As orações relativas nas atas de audiência pública da Câmara Municipal de Ouro Preto (MG) [manuscrito]: uma abordagem sociolinguística / Verônica Barçante Machado. - 2015.  
130f.: il.: color; grafis; tabs.

Orientador: Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Letras.  
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Orações relativas. 2. Câmara Municipal de Ouro Preto. 3. Autoria. I. Gonçalves, Clézio Roberto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 801(062.552)



**Verônica Barçante Machado**

**As orações relativas nas atas de audiência pública da Câmara Municipal de Ouro Preto (MG): uma abordagem sociolinguística**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras. Aprovada em 21 de agosto de 2015 pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral**  
UFMG

**Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz**  
UFOP

**Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves**  
Orientador - UFOP

Aos meus pais, Sônia e Geraldo.

## AGRADECIMENTOS

Este é um dos momentos pelos quais mais esperei em minha vida e quero partilhá-lo com todas as pessoas especiais que fizeram parte do caminho que me levou até aqui. Portanto, obrigada pela força e pelo apoio:

Mãe e Pai, pelo apoio incondicional para que eu pudesse alcançar os meus sonhos.

Vanessa e Geraldo, meus queridos irmãos, pela grande ajuda nessa jornada.

Francisco, meu cunhado e grande amigo, pela torcida e apoio em todos os momentos.

Miguel, meu sobrinho, por ser luz em minha vida.

Raphael, que tem sido meu grande companheiro durante grande parte dessa etapa, por ter compartilhado comigo tanto os momentos de alegria quanto aqueles difíceis.

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves, que tem sido meu orientador desde a graduação, pela orientação atenciosa. Devo a você uma monografia maravilhosa e um mestrado que respeitou e aprimorou as minhas ideias iniciais. Além disso, agradeço o grande apoio que sempre me deu e por torcer pela continuidade dos meus estudos. Fico feliz por você ser grande parte dessa realização.

Professores do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, em especial Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior e Prof<sup>ª</sup>. Dra. Kassandra da Silva Muniz, que têm minha admiração, pelos sábios conselhos.

Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral, da Universidade Federal de Minas Gerais, maravilhoso profissional, pela grande contribuição que deu durante a qualificação, por ampliar meu conhecimento acadêmico e por despertar em mim o interesse pelos estudos lexicais.

Professores do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto, que me ensinaram muito sobre a profissão de professor e me estimularam a ser uma pessoa melhor. Vocês estão guardados no meu coração.

Colegas da turma de mestrado, em especial, Luís Ricardo Pires, Ana Carolina Oliveira, Wisla Ferreira, Gabriele Flausino e Sineide Gonçalves, por compartilharem comigo vários momentos nestes dois anos – tanto os bons quanto os ruins.

Kátia Silva Tomaz, pelo incentivo e orientação que sempre me deu para que eu continuasse meus estudos.

Vivian Canela Seixas, pela força que me deu para o ingresso no Programa de Pós-graduação da UFOP e pela disponibilidade que sempre teve em me ajudar.

Prof<sup>a</sup>. Dra. Elaine Chaves, pelo incentivo e pela prestimosa ajuda com o programa *Goldvarb*.

Pe. Geraldo Barbosa e Diácono Agostinho, por terem me dado a primeira oportunidade de emprego. Vocês são grandes exemplos para mim.

Vereador Maurílio Zacarias, por ter me propiciado uma grande oportunidade por meio do cargo de redatora de atas. Dedico a você uma torcida eterna por sua felicidade.

Vereadora Regina Braga e Flávio Andrade (ex-vereador), por corrigirem minhas atas de reunião ordinária.

Murilo Mendes, ex-diretor da Câmara Municipal, por reconhecer o meu trabalho e me ajudar a permanecer na instituição.

Funcionários da Câmara Municipal de Ouro Preto, que compartilharam comigo cinco anos da minha vida, em especial: Wendell (por me ensinar a redigir atas e sempre me incentivar nos estudos), Denise (pela maravilhosa liderança), Cláudia (pelas gargalhadas), Marcelo (pelo companheirismo), Edna (pela preciosa ajuda), Fatinha (pelos conselhos), Débora (pela amizade e ajuda), Andreia (pela oportunidade e pelas risadas) e Bia (pela grande amizade). Cláudia, Elisabeth, Rosângela, Rosemeire, Regininha, Lolita, Vanessa e Alcino por serem uma parte especial do meu caminho.

Minhas queridas e maravilhosas colegas da graduação, que se tornaram eternas amigas, especialmente, Gizele Ferreira e Melina Leite.

Aos amigos que fizeram parte da minha vida e que me acompanharam: Ana Paula, Mariana, Gustavo, Paulinho e Jamilly, que também trabalharam na Câmara Municipal.

Rejane, Maria das Graças, Luciane, Ana Cláudia, Josué, José dos Anjos, Kelly, Mariza, Filomena, Vitório e Rodrigo, que trabalharam comigo no Museu Aleijadinho e sempre torceram pela minha felicidade.

Lidylene, Raquel, Ana Carolina, Íris e Cristiane, amigas especiais que estão sempre comigo.

Por fim, agradeço a Deus por abrir sempre os meus caminhos, por me dar força e saúde para alcançar meus objetivos e, também, por ter colocado essas pessoas em minha vida.

*“Não há nada permanente, a não ser a mudança”.*

(Heráclito 540-480 a.C.)



## RESUMO

O emprego de orações relativas, no Português do Brasil, apresenta variantes padrão e não-padrão. Trabalhos de Mollica (1977) e Tarallo (1983) mostram a substituição gradativa da variante padrão pelas não-padrão. Kato (1993) associa as estruturas não-padrão a estruturas de deslocamento à esquerda, conhecidas como estruturas de tópico. Reche (1998) e Abreu (2013) versam sobre aquisição e uso das orações relativas por crianças e adultos. Este trabalho propõe um estudo sociolinguístico das variantes das orações relativas presentes nas atas de audiências públicas (APs) da Câmara Municipal de Ouro Preto/MG (CMOP). O objetivo geral é investigar qual variante relativa em coocorrência se destaca na escrita dessas atas. Como objetivos específicos, estabeleceu-se: investigar se a variante padrão das relativas está sendo, de fato, substituída, através do tempo, pelas variantes não-padrão, conforme apontam os estudos de Tarallo; verificar a forma com que a autoria das atas influencia o aparecimento de alguma variante; e identificar alguns fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a ocorrência das orações relativas. Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas 24 atas de Audiências Públicas, ocorridas entre os anos de 2001 e 2012. Ao rodar os dados no programa *Goldvarb*, foram encontradas 77% de relativas não-padrão e 23% de relativas padrão preposicionadas. Os fatores que mais influenciaram as relativas não-padrão foram: linguísticos - *lugar e tempo*, a *preposição* mais requerida pelo contexto foi *em* e as que mais influenciaram o aparecimento dessa variante foram *outras (sobre, com e a)*, os verbos mais encontrados foram *ter, falar, estar, ser, chegar, trabalhar, ir e precisar*. Associada a alguns desses verbos, a função sintática de *objeto indireto* foi a mais influente, apesar de a mais encontrada ter sido a de *adjunto adverbial*. No tocante aos fatores sociais, levou-se em conta a escolaridade – *ensino médio e ensino técnico* – e o tempo de serviço na Câmara – *ter de 6 a 10 anos de serviço na CMOP e ter trabalhado até dois anos na Seção de Atas*. Os fatores que mais influíram nas relativas padrão foram: linguísticos – *publicações*, a *preposição* mais requerida pelo contexto foi *em* e as que mais impactaram no aparecimento dessa variante foram *de e em*, respectivamente; os *verbos mais encontrados* foram *ir, estar, ser, ter e haver*. Associadas a alguns desses *verbos*, encontrou-se como as mais influentes a funções sintáticas de *adjunto adverbial* e de *complemento nominal*; sociais – escolaridade, *possuir graduação*, especialmente em *Letras, ter de 11 a 15 anos de serviço na CMOP e nunca ter trabalhado na Seção de Atas ou ter trabalhado no Setor até quatro anos*. A classe gramatical *substantivo*, a *presença de traço especificado* e de *traço menos humano* foram os mais encontrados nas duas variantes estudadas. Ao comparar o áudio com o texto das atas, observou-se que apenas um autor realizava correções e os fatores que o diferenciam dos demais autores de atas são, principalmente, possuir graduação em Letras e ser professor. A partir dessa análise comparativa, é possível inferir que esses dois fatores sociais do autor influenciam o aparecimento das orações relativas padrão.

**Palavras-chave:** Orações relativas. Câmara Municipal de Ouro Preto. Atas. Audiência pública. Autoria.

## ABSTRACT

The use of relative sentences in Brazilian Portuguese presents pattern and non-pattern deviations. Studies from Mollica (1977) and Tarallo (1983) show a progressive replacement from pattern deviation to the non-pattern ones. Kato (1993) associates the non-pattern structures to elements of displacement to the left, known as topic structures. Reche (1998) and Abreu (2013) discuss about the acquisition and use of relative sentences by children and adults. This study proposes a sociolinguistic study of the relative sentences deviations presented at the minute of the public hearings (APs) from the Ouro Preto City Council (CMOP). The main goal is to investigate which relative deviation in co-occurrence is detached from the writing of those minutes. As specific goals it was established: to investigate if the pattern deviation of the relative sentences is being, in fact, replaced, through time, by the non-pattern deviations, as pointed by Tarallo's studies; to verify the way in which the authorship of the minutes influences any deviation to appear; and identify some linguistic and extra-linguistic factors that favor the relative sentences occurrences. In order to accomplish this research, 24 minutes from the Public Hearing were selected, hearings that occurred from 2001 to 2012. After inserting those data on the *Goldvarb* program, 77% of non-pattern relatives and 23% of prepositioned pattern relatives were found. The factors which influenced the most the non-pattern relatives were: linguistics – *place* and *time*, the *preposition* more used on the context was *em* and the ones that influenced the most the occurrence of this deviation were *outras* (*sobre, com* and *a*), the most found verbs were *ter, falar, estar, ser, chegar, trabalhar, ir* and *precisar*. Associated with some of those verbs, the syntactic function of *indirect object* was the most influenced, despite the most found one was *adverbial adjunct*. When it comes to social factors, it was considered *scholarship – high school and technical education –* and the *time of service at the Council – to be from 6 to 10 years of service at the CMOP* and to have worked for *two years at the Minute Section*. The most influential factors on the pattern relatives were: linguistics – *publications*, the most demanded *preposition* by the context was *em* and the ones which most impacted the appearing of this deviation were *de* and *em*, respectively; the *most found verbs* were *ir, estar, ser, ter* and *haver*. Associated to some of those *verbs*, it was found as the most influential ones the syntactic functions of *adverbial adjunct* and *nominal complement*; social – *scholarship, being graduated*, especially *Languages, being from 11 to 15 years of service at CMOP* and to *never have worked at the Minute Section* or to *have worked at the Section for four years at most*. The grammar class *noun, the presence of specified trait* and *the less human trait* were the ones most found on the two studied deviations. By comparing the audio with the minutes' text, it was observed that only one author accomplished corrections and the factors that differ the author from the other ones are, mainly, to be *Languages graduated* and to work as a teacher. Based on this comparative analysis, it is possible to infer that those two social factors of the author influence the appearing of the pattern relative sentences.

**Keywords:** Relative sentences. Ouro Preto City Council. Minutes. Public hearing. Authorship.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Ouro Preto – Vista panorâmica.....	60
<b>Figura 2</b> – Praça Tiradentes.....	60
<b>Figura 3</b> – Prédio da Câmara Municipal de Ouro Preto.....	61
<b>Figura 4</b> – Composição da Mesa Diretora da Câmara Municipal de Ouro Preto.....	62
<b>Figura 5</b> – Sessão Plenária.....	63
<b>Figura 6</b> – Brasão da Câmara Municipal de Ouro Preto.....	63
<b>Figura 7</b> – Seção de Atas.....	66

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Total de ocorrências.....	73
<b>Gráfico 2</b> – Total de ocorrências por porcentagem.....	74
<b>Gráfico 3</b> – Número de ocorrências por variante.....	74
<b>Gráfico 4</b> – Porcentagem de ocorrências por variante.....	75
<b>Gráfico 5</b> – Natureza semântica do antecedente.....	79
<b>Gráfico 6</b> – Classe gramatical do antecedente.....	81
<b>Gráfico 7</b> – Preposição requerida pelo pronome relativo.....	82
<b>Gráfico 8</b> – Função sintática do pronome relativo.....	84
<b>Gráfico 9</b> – Presença de traço especificado ou de traço não-especificado do antecedente.....	85
<b>Gráfico 10</b> – Presença de traço mais ou menos humano do antecedente.....	86
<b>Gráfico 11</b> – Elementos entre o relativizador e a cópia.....	87
<b>Gráfico 12</b> – Verbos principais mais recorrentes nas orações relativas.....	88
<b>Gráfico 13</b> – Comparação numérica entre os verbos mais recorrentes nas variantes padrão e não-padrão.....	91
<b>Gráfico 14</b> – Autores por escolaridade.....	95
<b>Gráfico 15</b> – Total de ocorrências por autor de acordo com a escolaridade.....	96
<b>Gráfico 16</b> – Tempo de serviço dos autores na Câmara Municipal de Ouro Preto.....	97
<b>Gráfico 17</b> – Tempo de serviço dos autores e as ocorrências.....	98
<b>Gráfico 18</b> – Tempo de serviço dos autores na Seção de Atas.....	99
<b>Gráfico 19</b> – Tempo de serviço dos autores na Seção de Atas e as ocorrências.....	99
<b>Gráfico 20</b> – Total de autores colaboradores e autores não-colaboradores.....	101

<b>Gráfico 21</b> – Total de ocorrências por colaboradores e não-colaboradores.....	101
<b>Gráfico 22</b> – Número de ocorrências e índice de correção dos autores graduados em Letras.....	114

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Quantidade de atas de Audiências Públicas por ano (2001 a 2012).....	67
<b>Quadro 2</b> – Total das atas selecionadas por autores.....	68
<b>Quadro 3</b> – Fatores linguísticos das orações relativas.....	78
<b>Quadro 4</b> – Fatores sociais dos autores das atas de Audiências Públicas.....	93
<b>Quadro 5</b> – Fatores sociais utilizados para rodar no programa <i>Goldvarb</i> .....	95
<b>Quadro 6</b> – Atas selecionadas por autoria, ocorrências e correções.....	110
<b>Quadro 7</b> – Índice de correções dos autores graduados em Letras.....	114
<b>Quadro 8</b> – Fatores sociais dos autores graduados em Letras.....	115

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Influência do fator natureza semântica do antecedente na variante não-padrão.....	79
<b>Tabela 2</b> – Influência do fator preposição requerida pelo pronome relativo na variante não-padrão.....	82
<b>Tabela 3</b> – Influência do fator função sintática do pronome relativo na variante não-padrão.....	84
<b>Tabela 4</b> – Influência do fator escolaridade dos autores na variante não-padrão.....	96
<b>Tabela 5</b> – Influência do fator tempo de serviço na Câmara Municipal de Ouro Preto na variante não-padrão.....	98
<b>Tabela 6</b> – Influência do fator tempo de serviço na Seção de Atas na variante não-padrão.....	100

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ALMG** = Assembleia Legislativa de Minas Gerais

**AP** = Audiência Pública

**CMOP** = Câmara Municipal de Ouro Preto

**Ex** = exemplo

**FF** = forma fonética

**GN** = Gramática Normativa

**LD** = *Left Dislocation*

**LP** = Língua Portuguesa

**Nº** = número

***p*** = Significância

**PB** = Português do Brasil

**PP** = Sintagma preposicional

**PR** = Peso relativo

***p*<sub>0</sub>** = Input

**SN** = Sintagma nominal

**T** = total

**%** = porcentagem



## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>8</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>9</b>
<b>Lista de figuras.....</b>	<b>10</b>
<b>Lista de gráficos.....</b>	<b>11</b>
<b>Lista de quadros.....</b>	<b>13</b>
<b>Lista de tabelas.....</b>	<b>14</b>
<b>Lista de abreviaturas e siglas.....</b>	<b>15</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>I. O OBJETO EM QUESTÃO: A ORAÇÃO RELATIVA.....</b>	<b>25</b>
<b>1.1. O objeto nas Gramáticas Normativas.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2. O objeto nas Gramáticas de Usos.....</b>	<b>31</b>
<b>1.3. O objeto em estudos realizados.....</b>	<b>37</b>
<b>II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>53</b>
<b>III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>58</b>
<b>3.1. A cidade de Ouro Preto.....</b>	<b>59</b>
<b>3.2. Câmara Municipal de Ouro Preto .....</b>	<b>60</b>

<b>3.3. O gênero textual ata.....</b>	<b>64</b>
<b>3.4. Catalogação dos dados .....</b>	<b>66</b>
<b>3.5. O Programa estatístico <i>Goldvarb</i>.....</b>	<b>69</b>
<b>IV. ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>71</b>
<b>4.1. A variável dependente.....</b>	<b>73</b>
<b>4.1.1. Número total de ocorrências das orações relativas: padrão e não-padrão.....</b>	<b>73</b>
<b>4.1.2. Número total de ocorrências das orações relativas – variantes: padrão, cortadora e copiadora.....</b>	<b>74</b>
<b>4.2. As variáveis independentes.....</b>	<b>76</b>
<b>4.2.1. Os dados linguísticos das ocorrências.....</b>	<b>76</b>
<b>4.2.2. Quantificação e análise dos dados linguísticos das ocorrências.....</b>	<b>78</b>
<b>4.2.3. Os dados extralinguísticos das ocorrências.....</b>	<b>91</b>
<b>4.2.4. Quantificação e análise dos dados extralinguísticos das ocorrências.....</b>	<b>95</b>
<b>4.3. Análise e apresentação dos dados mais relevantes por variante.....</b>	<b>102</b>
<b>4.3.1. As orações relativas padrão preposicionadas.....</b>	<b>102</b>
<b>4.3.2. As orações relativas não-padrão.....</b>	<b>105</b>
<b>4.3.3. As orações relativas copiadoras.....</b>	<b>109</b>
<b>4.4. Índice de correção das atas segundo o critério autoria.....</b>	<b>109</b>
<b>V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>

**REFERÊNCIAS.....** 124

**ANEXO.....** 130

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe fazer um estudo sobre as orações relativas, denominadas adjetivas pela gramática normativa, nas atas de audiências públicas (APs) da Câmara Municipal de Ouro Preto/MG (CMOP).

As Gramáticas Normativas (GNs) apresentam, no emprego das orações relativas no Português do Brasil (PB), apenas as formas padronizadas e desconsideram os usos que os falantes fazem da estratégia relativa. Essas orações são classificadas, simplesmente, em restritivas e explicativas pela GN.

O emprego das orações relativas no PB, conforme Tarallo (1983) e Mollica (1977), oscila entre formas padronizadas e não-padronizadas. Os autores encontraram, basicamente, três tipos de relativas: padrão, copiadora<sup>1</sup> (ou pronome resumptivo) e cortadora, respectivamente exemplificados a seguir.

- (1) A moça **com quem** falei.
- (2) A moça **que** eu falei com **ela**.
- (3) A moça **\_que** eu falei.

No exemplo (Ex.) 1, temos a forma padronizada, na qual aparece a preposição *com*. No Ex. 2, há o pronome cópia *ela*; e no Ex. 3, a preposição *com*, exigida pela GN devido à transitividade do verbo *falar*, desaparece.

Mollica, em seus estudos sobre a copiadora, postula sua regra de apagamento (relativa cortadora) e determina os contextos favoráveis em que esse fenômeno ocorre. A autora apresenta seus resultados mostrando que os traços não-humano, o especificado e a ideia coletiva, assim como a distância zero<sup>2</sup> condicionam o aparecimento da relativa cortadora. Tarallo, por sua vez, ao dar continuidade aos estudos de Mollica, conclui que o PB caminha a favor do surgimento da relativa cortadora, sendo que essa está, gradativamente, substituindo a padrão. Mollica (1977), ao revisitar sua pesquisa depois, procurou demonstrar, como Tarallo, que o PB estaria caminhando a favor das relativas cortadoras.

---

<sup>1</sup> A partir de agora, utilizar-se-á o termo *copiadora* proposto por Mollica (1977) devido ao seu trabalho ser anterior e base para o trabalho de Tarallo (1983), que utilizou o termo *pronome resumptivo* para se referir à mesma estratégia relativa.

<sup>2</sup> Mollica (1977) observou o número de elementos entre o pronome relativo e a cópia. Nesse caso, a distância zero significa que não aparece nada entre os dois.

Mollica (2006), ao estudar os processos que migram da fala para a escrita em uma amostra de textos de sessões de jornais, analisou estruturas relativas ao fenômeno de simplificações estruturais que se caracterizam pelo cancelamento das preposições em fronteiras complexas. A autora estudou construções queístas e cortadoras. As estruturas queístas migram para a escrita com maior frequência se comparadas às cortadoras. A pesquisadora confirmou, por meio de dados, que os jornais populares dirigidos a um público leitor de menor escolarização apresentam textos mais próximos da língua falada.

Pode-se sugerir um princípio de que as variantes inovadoras “preferem” textos, digamos, “mais vulneráveis” que, no *continuum* fala/escrita carregam traços de oralidade em função de características de gênero discursivo e de nível de formalidade discursiva, assim como de tipo de veículo de informação. (MOLLICA, 2006, p.171).

A proposta de Kato (1993) para as relativas não-padrão se difere de Tarallo (1983). Com base na perspectiva gerativista, a autora associa as estratégias de relativização não-padrão à existência de estruturas de deslocamento à esquerda (*Left Dislocation* = LD), conhecidas como estruturas de tópico. Kato mostra que temos uma categoria vazia ou um pronome correferente ao item deslocado nesse tipo de construção e a relativização se daria devido ao LD.

(4) [*Esse buraco*], taparam ele outro dia. (O buraco que taparam *ele* outro dia)

**LD**

(5) [*Essa cerveja*], eu não gosto. (A cerveja *que* eu não gosto)<sup>3</sup>

**LD**

Teixeira (1938), por sua vez, trata sucintamente do fenômeno das orações relativas como uma troca de regência verbal. Segundo o autor, alguns desses fenômenos são específicos da fala das classes médias. Assim, o que Mollica e Tarallo tratam como copiadora, Teixeira apresenta como pleonasma.

(6) Olha a casa **que** **morei**.

(7) A casa **que** **morei** nela.<sup>4</sup>

Teixeira, em seu texto, *O falar mineiro*, na Revista do Arquivo Municipal, mostra no Ex. 6, ocorreu a chamada *cortadora*, e aborda tal fenômeno como uma forma de regência comum. Não há, por parte do autor, nada que indique o uso no Ex. 6 como “errado” ou “fora

---

<sup>3</sup> Kato (1993, p. 230).

<sup>4</sup> Teixeira (1938, p. 83).

dos padrões”. Porém, o autor classifica o Ex. 7 como pleonasma e comenta que “o povo diz mesmo assim” (TEIXEIRA, 1938). Desse modo, é possível inferir que o estudioso, apesar de não fazer comentários sobre o fenômeno denominado aqui *copiadora*, apresenta-o como um desvio da norma culta.

A escolha pelo referencial teórico da sociolinguística variacionista advém do fato de que a variação das orações relativas, em especial da relativa cortadora, foi observada na fala registrada dos vereadores e dos presentes tanto nas atas das APs quanto nas das reuniões ordinárias da CMOP. Portanto, por ser um fenômeno que apresenta variantes utilizadas com o mesmo valor referencial (LABOV [1972] 2008), optou-se por realizar um estudo sociolinguístico do mesmo.

Conforme a análise de várias GNs e dos estudos de Mollica (1977), Tarallo (1983), Kato (1993), Corrêa (1998) e Abreu (2013) sobre as relativas, nota-se que um mesmo tema pode apresentar várias perspectivas. Averiguar se as conclusões de Tarallo são procedentes nasce da necessidade de contribuir para os estudos sociolinguísticos. Dessa forma, esta pesquisa advém da possibilidade de se fazer um registro histórico “ao vivo” de uma provável mudança em progresso, utilizando o prisma da sociolinguística variacionista.

Ao realizar o trabalho de redatora de atas na Câmara Municipal de Ouro Preto entre os anos de 2007 e 2012, foi possível observar que o objeto estudado pelos autores supracitados ocorria frequentemente nos documentos redigidos pelos funcionários da Seção de Atas da instituição. Isso motivou a investigação do fenômeno em questão. Devido ao fato de que o aparecimento das relativas não-padrão foi observado por esses autores na oralidade, pesquisá-lo e encontrá-lo em documentos oficiais pode ser uma comprovação de que o fenômeno está se transferindo também para a esfera escrita da língua.

Outra observação importante se refere à autoria das atas que poderia influenciar no aparecimento do fenômeno. É possível haver ou não correção entre a fala na íntegra de uma audiência pública e a redação dos documentos. Porém, uma retificação nas atas depende muito dos conhecimentos gramaticais, do olhar crítico do redator, além de outros fatores, tais como escolaridade e tempo de serviço na CMOP. Todavia, a forma de seleção dos funcionários da Seção de Atas poderia comprometer a qualidade do trabalho, pois eram escolhidos aleatoriamente e não de acordo com seus conhecimentos gramaticais para redigir textos. Apenas no ano de 2007 houve a preocupação de se contratar uma estagiária do curso de Letras a fim de rever questões ortográficas e gramaticais de alguns documentos. Apesar disso, os funcionários continuaram sendo definidos por indicação política principalmente.

Entre os anos de 2007 e 2012, trabalhei como redatora de atas na CMOP. Esse cargo proporcionou-me um grande aprendizado a respeito da estrutura e da redação dos dois tipos de registro das reuniões da CMOP: as atas das reuniões ordinárias e as das APs. Apesar de ter aprendido a estrutura e redação das atas das APs, durante a maior parte do tempo em que trabalhei nessa instituição, redigi as atas das reuniões ordinárias. Ao me dedicar à redação dos dois tipos de documentos, notei, como estudiosa da LP, a riqueza linguística que eles apresentam. Cada tipo de ata, com suas características, representa uma grande fonte de objetos que podem ser estudados com base em perspectivas diferenciadas.

A seleção das atas das APs não foi aleatória. Esses documentos são redigidos a partir de uma pretensa representação da fala, é conhecida na CMOP como fala na íntegra. Ou seja, o que é dito pelos participantes das reuniões é transcrito quase literalmente nas atas. Quase literalmente devido ao fato de que alguns aspectos fonológicos e/ou lexicais podem sofrer correção por parte dos redatores. Alguns desses funcionários, em sua maioria, não possuem muitos critérios para fazer essas alterações e costumam transcrever as atas da mesma forma como escutam as falas.

Ao observar as atas das APs de alguns funcionários, percebeu-se que as atas de determinados autores apresentaram mais ocorrências de certas variantes de relativas do que de outros. Portanto, também é relevante investigar a questão autoral. Alguns fatores extralinguísticos dos autores serão pontuados como fator condicionante de algumas variantes no gênero textual estudado.

O gênero ata (AP na íntegra) é um texto que, teoricamente, representaria a linguagem oral. É permitido ao autor fazer algumas correções gramaticais no texto, desde que não comprometa o essencial do que foi dito na reunião. Essas correções, portanto, dependem tanto dos conhecimentos gramaticais do redator quanto de seu senso crítico com relação ao serviço que realiza.

Não havia uma fiscalização do trabalho feito pelos redatores na Seção de Atas. Isso ocorreu, principalmente, pelo fato de que a redação das atas das APs encontrava-se em atraso e foram necessários alguns anos para regularizar a situação, já que havia poucos funcionários na Seção de Atas. Essa tarefa somente foi finalizada no ano de 2012, quando deixei o cargo de redatora de atas da CMOP, e o setor contava com quatro funcionários e alguns colaboradores.

Optou-se pela escolha do estudo dos documentos textuais ao invés do áudio das reuniões porque nem todas as atas da CMOP possuem esse registro sonoro. Entretanto, a fim de investigar uma possível correção por parte dos autores, foi selecionada uma amostra de

áudio e comparada com as atas transcritas para observar se foram feitas correções gramaticais nas orações relativas e investigar como os fatores extralinguísticos dos redatores podem influenciá-las.

Com base em investigações iniciais, foi possível formular algumas hipóteses e questionamentos a respeito do tema em questão:

1. As estratégias relativas cortadora e copiadora estavam presentes nas atas da CMOP. Com qual frequência isso acontecia? Ou seria um fenômeno que ocorria raramente?

2. As pesquisas de Mollica e Tarallo encontraram ocorrências apenas na oralidade. Esse fenômeno pode estar se transferindo para a esfera escrita da língua por meio da análise de documentos escritos?

3. Quais fenômenos linguísticos observados nas estratégias por Mollica e Tarallo seriam relevantes para o aparecimento delas na esfera escrita?

4. Observou-se que nas atas de determinados autores acontecia, com maior frequência, ocorrências da estratégia padrão. O fator autoria seria determinante nessas ocorrências? Quais fatores extralinguísticos dos autores seriam relevantes para que aparecessem as diversas estratégias?

5. Como poderia haver correção das atas por parte dos autores, seria necessário observar se isso ocorria com relação às orações relativas. Teriam os autores observado o fenômeno e feito correções nas atas?

Nesse sentido, o **objetivo geral** deste trabalho é investigar qual variante relativa em coocorrência se destaca na escrita das atas da CMOP.

Os **objetivos específicos** são:

a) Investigar se a variante padrão das relativas está sendo, de fato, substituída, através do tempo, pelas variantes não-padrão, como apontam os estudos de Tarallo (1983).

b) Verificar a forma com que a autoria das atas influencia o aparecimento de alguma variante.

c) Identificar alguns fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a ocorrência das orações relativas, segundo Mollica (1977) e Tarallo (1983).

Esse trabalho adéqua-se à linha de pesquisa Linguagem e Memória Cultural por realizar um estudo da língua e, ao mesmo tempo, comparar documentos de texto e áudios que fazem parte da memória do povo ouro-pretano.

A presente dissertação está organizada em cinco partes. No capítulo I – O objeto em questão: a oração relativa, são expostas as perspectivas das GNs e das Gramáticas de Usos



sobre as orações relativas, além de um recorte bibliográfico sobre os principais estudos acerca do tema. No capítulo II – Fundamentação Teórica, apresentam-se os fundamentos teórico-metodológicos utilizados na pesquisa. O terceiro capítulo, Procedimentos Metodológicos, destaca os procedimentos relativos à seleção, à coleta e à análise do *corpus*. Já no quarto capítulo, Análise dos Dados, são descritos e analisados os dados coletados. Por fim, no capítulo V – Considerações Finais, são colocados os resultados desta pesquisa.

A seguir, será abordado um quadro geral sobre a perspectiva gramatical das orações relativas, bem como apresentados estudos relevantes sobre o tema para o desenvolvimento deste trabalho.

## I. O OBJETO EM QUESTÃO: A ORAÇÃO RELATIVA

Nesta seção, serão descritas algumas perspectivas sobre as orações relativas, a saber: as teorias apresentadas pelas Gramáticas Normativas (GNs), as teorias das Gramáticas de Usos e estudos sobre o tema que contribuirão para o presente trabalho.

### 1.1. O objeto nas Gramáticas Normativas

As orações relativas, denominadas pela GN como orações adjetivas, fundem-se em um processo que se fundamenta na correferência entre elementos de uma oração matriz (principal) e de uma oração encaixada. Essa construção textual envolve o antecedente, o morfema relativo e a posição relativizada, representados no exemplo 8 pelas letras A, B e C, respectivamente.

(8) O [livro] de [que] você gosta[ ] está esgotado.  
A B C

Ribeiro (1986) nomeia as orações subordinadas como cláusulas. A cláusula adjetiva, para ele, tem a função de um adjetivo, isto é, modifica o substantivo. O autor não faz nenhum tipo de classificação entre restritivas e explicativas.

(9) Vi o livro **que tu escreveste** (Escrepto por ti).  
(10) Os dedos, **que são cinco**, são os órgãos mais delicados do tacto.<sup>5</sup>

Borges (1910) conceitua as orações relativas como orações incidentes, aquelas que modificam ou restringem o sentido de outras. Essas orações são sempre ligadas pelos relativos *que*, *quem*, *qual*, *cujo* e *onde*. O autor classifica essas orações em incidentes explicativas (desenvolve ou explica uma qualidade incluída no termo que ela modifica) e restritiva (limita ou restringe a significação de um termo de outra oração, acrescentando-lhe uma ideia nova). Para Borges, elas distinguem-se pelo fato de a explicativa poder ser retirada do período sem que o sentido se altere, já a restritiva não pode ser eliminada do período sem que esse sofra mudança.

---

<sup>5</sup> Ribeiro (1896, p. 166).

- (11) A caridade, **que é uma virtude**, deve ser praticada por todos. – explicativa.  
(12) O menino **que se aplica** ha de aprender. – restrictiva.<sup>6</sup>

Dias (1959) trata as orações adjetivas como orações relativas. O autor afirma que uma oração relativa pode ser simplesmente qualificativa ou exprimir relação de fim, consequência, causa, condição, concessão.

- (13) Boca que **sempre fala** he bolsa sem cerraes. (Herc., Op. III, 171) – qualificativa.  
(14) Põe-se em perpetuo e misero desterro,/Na Scythia fria ou lá na Libya ardente,/Onde em **lágrimas viva eternamente**. (Lus. II, 128)<sup>7</sup>.

Observa-se que o autor trata como irregularidade a substituição do pronome relativo precedido pela preposição *que* seguido de pronome pessoal:

- (15) A natureza, negando-se-lhe a ordinaria razão de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, **que lhe tiram a merenda**. (M. Bernardes, Armas da Castidade, ap. Barreto, 250)<sup>8</sup>.

Leme (1934) conceitua as orações adjetivas como aquelas que possuem a função de um adjunto adnominal.

- (16) O aluno **que estuda** progride. – O aluno estudioso progride.<sup>9</sup>

Ao falar sobre os pronomes relativos, Leme observa o fato de que, além de possuírem um significado, também têm uma função sintática dentro das orações. O autor indica que, para encontrá-la, é necessário retornar ao significado dos pronomes.

O estudioso classifica as orações adjetivas como explicativas e restritivas. A primeira possui valor de um adjunto adnominal, uma relação direta para qualificar ou determinar o nome; a segunda, caráter de aposto.

- (17) O aluno **que estuda** progride. – restritiva.  
(18) O homem, **que é criatura racional**, domina a natureza. – explicativa.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> Borges (1910, p. 106).

<sup>7</sup> Dias (1959, p. 267).

<sup>8</sup> Dias (1959, p. 270).

<sup>9</sup> Leme (1934, p. 149).

<sup>10</sup> Leme (1934, p. 149).

Cruz (1954) apenas cita as orações adjetivas como cláusulas adjetivas. Em sua explicação, o autor diz que elas equivalem a um adjetivo, mas não faz mais considerações a respeito do tema.

Tôrres (1960), por sua vez, conceitua a oração subordinada adjetiva como aquela equivalente a um adjetivo.

(19) O homem **que trabalha** não passa necessidade. – “que trabalha” corresponde a “trabalhador”.<sup>11</sup>

O autor distingue as orações restritivas (exprimem uma qualidade acidental do substantivo) das explicativas (revelam uma qualidade inerente ao substantivo). Além disso, observa que a oração explicativa pode ser eliminada sem prejuízo de sentido da oração principal e sempre vem separada por vírgulas.

(20) O aluno **que estuda** merece louvores – restritiva.

(21) O homem, **que é mortal**, julga-se às vezes eterno. – explicativa.<sup>12</sup>

Brandão (1963) nomeia orações subordinadas como cláusulas. Para o autor, as orações adjetivas são cláusulas adjetivas vinculadas à subordinante por um pronome relativo. Elas podem restringir (são denominadas restritivas e não podem ser eliminadas da frase sem prejudicar o sentido do período) ou explicar (são denominadas explicativas e podem ser eliminadas da frase sem prejudicar o período) um nome ou um pronome a ela pertencentes.

(22) O homem **que trabalha** merece recompensa – restritiva – o homem trabalhador.

(23) Aquêlê homem, **que tanto trabalhou**, morreu pobre – explicativa.<sup>13</sup>

Almeida (1964) aborda as orações adjetivas como equivalentes a um adjetivo em relação à oração principal e ligadas a ela por meio de um pronome relativo.

(24) A aluna **que era de muita instrução** faleceu. – A aluna muito instruída faleceu.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Tôrres (1960, p. 216).

<sup>12</sup> Tôrres (1960, p. 216).

<sup>13</sup> Brandão (1963, p. 138).

<sup>14</sup> Almeida (1964, p. 478).

O autor classifica as orações adjetivas em explicativas e restritivas. Almeida (1964) distingue as explicativas como aquelas que indicam qualidade inerente ao substantivo a que se referem, podem ser eliminadas sem prejuízo de sentido à oração principal, vêm entre vírgulas e se proferem com certa acentuação fática. As restritivas exprimem sentido acidental, não podem ser eliminadas sem prejuízo da oração principal, não se põem entre vírgulas e se proferem sem nenhum acento fático.

- (25) O homem, **que é mortal**, passa rápido sobre a terra. – explicativa.  
(26) O homem **que é justo** deixa na terra memória abençoada. – restritiva.<sup>15</sup>

Já Savioli (1984) conceitua as orações adjetivas como aquelas que se encaixam na oração principal e funcionam como adjunto adnominal.

- (27) O tribunal desprezou as críticas **improcedentes**.  
(28) O tribunal desprezou as críticas **que não tinham procedência**.

O autor argumenta que a oração adjetiva sempre se liga a um nome da oração principal e é introduzida por um pronome relativo. Ele as classifica em restritivas (que particularizam um subconjunto dentro de um conjunto e não vêm isoladas por vírgulas) e explicativas (que têm a função de explicitar, a título de explicação ou ênfase, uma qualidade ou um modo de ser comum a todos os elementos do conjunto e vêm separadas por vírgulas, além de serem marcadas por uma pausa na fala).

- (29) Os jogadores de basquete, **que são amadores**, não recebem salários. – explicativa.  
(30) O técnico Telê prefere jogadores **que obedecem a seus esquemas**. – restritiva.<sup>16</sup>

Kury (1972) afirma que as orações adjetivas funcionam como adjunto adnominal. O autor as classifica em restritivas (que se ligam ao antecedente sem pausa e sua supressão prejudica o sentido) e explicativas (que se separam do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula, e sua supressão não altera o sentido geral).

- (31) Bem **que existe** não se alcança. (C. Ricardo, *AP*, 41) – restritiva.  
(32) A caminho do cinema está a confeitaria, **a cuja porta é grato a gente deter-se**. (C.D.A., *CA*, 27) – explicativa.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Almeida (1964, p. 478).

<sup>16</sup> Savioli (1984, p. 88).

<sup>17</sup> Kury (1972, p. 56).

Ao descrever as orações adjetivas, Rocha Lima (1994) observa que, morfológicamente, equivalem ao adjetivo se, sintaticamente, funcionarem como adjuntos adnominais da oração precedente, subordinando-se a qualquer termo anterior cujo núcleo seja um substantivo ou equivalha a um substantivo.

(33) A água é um líquido **que não tem cor**.

O autor classifica essas orações em restritivas e explicativas. As restritivas limitam o termo antecedente com o qual formam todo um significado e as explicativas acrescentam um simples esclarecimento ou pormenor. Com relação aos aspectos semânticos, ele comenta que as restritivas são indispensáveis à compreensão do conjunto e as explicativas podem ser dispensadas da oração sem prejuízo de sentido.

(34) Os pecadores **que se arrependem** alcançam o perdão de Deus. – restritiva.

(35) Vozes d'África, **que é um poemeto épico**, representa um alto momento da poesia brasileira. – explicativa<sup>18</sup>.

Cegalla (1995) apresenta as orações adjetivas como aquelas que possuem o mesmo valor e função dos adjetivos. Essas são introduzidas pelos pronomes relativos e se referem a um termo antecedente.

(36) Há coisas **que nos comovem**.

O autor divide as orações adjetivas em restritivas e explicativas. Segundo ele, as explicativas esclarecem o termo antecedente à maneira de aposto, e as restritivas limitam a significação desse termo e são indispensáveis ao sentido da frase. As orações adjetivas vêm precedidas de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo.

(37) Deus, **que é o nosso pai**, nos salvará. – explicativa.

(38) Os animais **que se alimentam de carne** chamam-se carnívoros. – restritiva.

(39) Este é um título **a que toda moça bonita aspira**.<sup>19</sup> (aspirar a algo).

---

<sup>18</sup> Rocha Lima (1994).

<sup>19</sup> Cegalla (1995, p. 357).

Cunha e Cintra (2007) apresentam as orações adjetivas como aquelas que vêm normalmente introduzidas por um pronome relativo e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome precedente.

(40) Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama.

Os autores classificam as orações adjetivas em restritivas e explicativas. As restritivas restringem a significação do substantivo ou do pronome precedente, e as explicativas acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória. Com relação aos aspectos semânticos, eles observam que as restritivas são indispensáveis ao sentido da frase e as explicativas esclarecem melhor a significação do termo antecedente. Cunha e Cintra ressaltam a diferença na escrita: as explicativas são separadas por vírgula; e as restritivas, não.

(41) És um dos raros homens **que têm o mundo nas mãos**. (A. Abelaira, NC, 121) – restritiva.

(42) Tio Cosme, **que era advogado**, confiava-lhe os papéis de autos. (Machado de Assis, OC, I, 734) – explicativa<sup>20</sup>.

Bechara (2006), por sua vez, aborda as orações relativas como orações de transposição adjetiva. Iniciam-se por um pronome relativo *que*, além de marcar a subordinação, exerce uma função sintática dentro da oração a que pertencem. Essas funções sintáticas podem ser:

(43) O menino **que estuda** aprende. (sujeito)

(44) O livro **que lemos** é instrutivo. (objeto direto)

(45) Somos **o que somos**. (predicativo)

(46) A pessoa **a que entreguei o livro** deixou-me no táxi. (objeto indireto)

(47) A pena **com que escrevo** não está boa. (adjunto adverbial)

(48) Esse é o escritor **por que o livro foi escrito**. (agente da passiva)<sup>21</sup>

Dentro dessa seção, o autor trata do emprego dos relativos *que*, *quem*, *cujo(s)*, *cuja(s)*, *onde*, *aonde* e *qual*. Além disso, Bechara descreve o relativo universal. Esse ocorre quando o relativo se transforma em um simples elemento transpositor oracional, e a linguagem coloquial o despe de qualquer função sintática.

(49) O homem **que eu falei com ele**. – em vez de:

(50) O homem **com quem** eu falei.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Cunha e Cintra (2007, p. 616).

<sup>21</sup> Bechara (2006, p. 486).

<sup>22</sup> Bechara (2006, p. 486).

Com base nessa descrição exposta anteriormente, é possível afirmar que as GNs de Ribeiro (1986) e Brandão (1963) chamam as orações relativas de cláusulas, mas não justificam essa nomenclatura. Para Leme (1934), Kury (1972) e Savioli (1984), essas orações equivalem a um adjunto adnominal. Já Ribeiro (1986), Borges (1910), Cruz (1954), Brandão (1963) e Almeida (1964) mostram que elas correspondem a um adjetivo. Ou seja, alguns autores utilizam como parâmetro a classe gramatical, e outros empregam critérios sintáticos. A maioria dos estudiosos classifica as orações em restritivas e explicativas e utilizam os mesmos elementos para essa classificação (semântico e linguístico), mas não trazem explicações detalhadas para a aplicação desses critérios. Dias (1959) separa as orações relativas em qualitativas e se serve das relações de causa e consequência para a classificação e diferenciação entre elas. Porém, tais critérios são um tanto vagos e pouco explicativos. Borges (1910), por sua vez, trata as relativas como orações incidentes, mas não traz maiores explicações para o termo.

As gramáticas normativas de Rocha Lima (1994), Cegalla (1995) e Cunha e Cintra (2007) também não trazem muitas informações diferentes a respeito desse fenômeno: fazem mesma classificação e, para isso, apresentam os mesmos critérios (um tanto vagos). Apenas Cegalla (1995) aborda sobre uma possível necessidade das orações relativas apresentarem preposição, mas não se aprofunda no assunto. Bechara (2006) é o único autor que faz uma pequena referência a um tipo de relativa não-padrão na língua<sup>23</sup> e menciona a linguagem coloquial dentro do fenômeno estudado.

## 1.2. O objeto nas Gramáticas de Usos

De acordo com Kato *et al.* (2002), orações relativas possuem, nas línguas naturais, a função de adjunto adnominal, razão pela qual são chamadas de adjetivas pela gramática normativa. Portanto, no português padrão, é possível encontrar as seguintes construções de relativas:

- (51) A autora **que** admiro.
- (52) Os livros **cujas** folhas estão rasgadas.
- (53) A moça **com quem** Pedro falou.
- (54) A casa **onde/ em que** ele mora.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Bechara versa sobre o relativo universal, que é chamado de copiadora nesta dissertação.

<sup>24</sup> Kato *et al.* (2002, p. 309).



Além disso, existem outras estratégias em que a posição relativizada pode ser ocupada por um pronome pessoal (estratégia copiadora ou resumptiva) ou, então, por um espaço vazio (estratégia cortadora).

(55) O livro **que** as folhas **dele** estão rasgadas. (estratégia copiadora)

(56) O livro **que** as folhas\_estão rasgadas. (estratégia cortadora)<sup>25</sup>

A diferença entre as duas estratégias estaria na opção possível entre o pronome ou sua elipse, no caso da estratégia cortadora, nos contextos da referência.

Dentro dos estudos de Kato *et al* (2002), há um artigo *As construções QU- no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas* que pesquisa os três tipos de relativas: padrão, cortadora e copiadora. O trabalho apresenta os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação e foi feito sob a perspectiva da sociolinguística variacionista.

Em suas conclusões, os autores apresentam a análise de 701 orações relativas, dentre as quais, 57,3% apresentam o pronome relativo como sujeito; 25,2%, como objeto direto; e as restantes estão distribuídas por sintagmas preposicionais diversos. Essa distribuição por função valida os dados de Tarallo (1983) sobre a estratégia copiadora (resumptiva): o objeto direto é a função que mais desfavorece seu uso (nesses dados o pronome não apareceu).

Ao analisar a relativa pela presença ou ausência de preposição, foram encontradas 17,5% de ocorrências preposicionadas no *corpus*. Foram analisados, ainda, alguns fatores linguísticos, tais como: a função do pronome relativo, animacidade do antecedente, tipo de oração relativa, preposição usada pelo antecedente e tipos de preposição da oração relativa.

Nos resultados encontrados, o adjunto adverbial é a mais frequente das funções relativizadas, que também é a mais usada com preposição (49%). Sem a preposição, a função de adjunto adverbial aparece como a mais baixa de todas as funções, que se encontra em 77%. Esses dados levam a uma interpretação em termos de recuperabilidade: os adjuntos adverbiais não são complementos de nenhum elemento dentro da relativa, pois o relacionamento deles com a sentença depende mais da preposição.

Com relação aos tipos de sentenças, a maioria classifica-se como restritiva. Há mais orações restritivas nas construções sem preposição do que nas com preposição. O efeito de animacidade é forte e favorece as construções sem preposição.

---

<sup>25</sup> Kato *et al*. (2002, p. 309).

De todas as preposições, *em* é a mais requerida pelo contexto das relativas em geral, e a que mais aparece é *por*. Porém, essa é menos requerida pelo contexto.

Ao rodar os dados no programa *Goldvarb*, Kato *et al.* concluíram que os fatores que favorecem o uso da preposição são a função de adjunto adverbial, a entrevista formal e a ocorrência de diferentes preposições no antecedente e na oração relativa.

Observou-se a preferência dos falantes pelas orações sem preposições. A inserção dessa partícula envolve o aprendizado da estratégia, e isso exige do falante um alto grau de consciência linguística. A ocorrência de preposições nesse *corpus* foi muito baixa. Considerando-se que os informantes possuem escolaridade, isso levou os autores à conclusão de que há uma resistência dos falantes em utilizarem as orações preposicionadas na linguagem.

Castilho (2010) descreve as orações relativas como sentenças encaixadas em um sintagma nominal que atuam como complementadores. As adjetivas são introduzidas por pronomes relativos que integram uma classe fechada.

(57) [*O aluno atento*] passa de ano.

(58) [*O aluno estudioso*] passa de ano.

(59) [*O aluno atento que é estudioso*] passa de ano.<sup>26</sup>

O autor faz referência ao relativo *que*, relativo universal na fala, ocupando o espaço dos outros relativos. Para Castilho, a sintaxe das sentenças adjetivas sempre chamou a atenção dos pesquisadores. O autor traz três estratégias de relativização propostas por Lemle (1978): padrão (em que os pronomes relativos exibem as formas correspondentes ao caso que recebem do verbo), copiadora (quando o relativo se despronominaliza, reduzindo-se à condição de conjunção, perdendo a propriedade fórica, que é preenchida por um pronome pessoal preposicionado ou não) e a cortadora (em que se apagam os pronomes pessoais).

(60) O livro **que estou lendo** é de história. (caso nominativo, função de sujeito)

(61) Perdi o livro **que estava lendo**. (caso acusativo, função de objeto direto)

(62) Devolvi o livro ao aluno **a quem ele pertencia**. (caso dativo, função de objeto direto)

(63) Não há uma área em São Paulo **em que a Polícia não entre**. (caso ablativo, função de complemento oblíquo)

(64) Os painéis solares geram a energia **com que sempre sonhamos**. (caso ablativo, função de complemento oblíquo)

---

<sup>26</sup> Castilho (2010, p. 366).

- (65) O livro de história **cuja capa está rasgada** merece ser encadernado. (caso genitivo, função de adjunto adnominal)  
(66) Os painéis solares geram a energia **com que sempre sonhamos**. (padrão preposicionada)  
(67) Não há uma área em São Paulo **que a polícia não entre nela**. (copiadora)  
(68) Não há uma área em São Paulo **que a polícia não entre**. (cortadora)<sup>27</sup>

Ao mencionar o trabalho de Kato, Castilho (2010) observa que a pesquisa da autora hipotetizou as estratégias de relativização como correspondentes à gramática de clíticos disponível pelo falante. Além disso, a autora mostra que há uma harmonia no tratamento dos clíticos e dos pronomes relativos, pois ambos compartilham a propriedade de foricidade. Assim, os falantes que usarem os clíticos na anáfora, como em:

- (69) Eu descasquei as laranjas e Pedro **as** comeu.

Utilizam a adjetiva padrão:

- (70) Eu descasquei as laranjas **que Pedro comeu**.

Os falantes que substituem o clítico pelo pronome acusativo ele, como em:

- (71) Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu **elas**.

Selecionarão a estratégia copiadora:

- (72) Eu descasquei as laranjas **que Pedro comeu elas**.

Finalmente, os falantes que anaforizam por meio da elipse, como em:

- (73) Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu **Ø**.

Selecionarão a adjetiva cortadora como em:

- (74) Eu descasquei as laranjas **que Pedro comeu Ø**.

A respeito das adjetivas livres, Castilho fala acerca do problema de encaixamento de algumas estruturas com o relativo *quem*:

---

<sup>27</sup> Castilho (2010, p. 367).

(75) **Quem foi a Portugal** perdeu o lugar.<sup>28</sup>

Sobre sentenças como a apresentada acima, foram feitas diversas análises, nas quais:

i) essas orações seriam substantivas. Nesse caso, o pronome *quem* seria uma conjunção integrante. ii) O pronome *quem* teria uma expressão omitida parafraseável por [*aquele* Ø] (Ex. 75). Com isso, a candidatura das adjetivas volta a ser cogitada. iii) O pronome *quem* organiza uma sentença adjetiva apenas quando preposicionado, como no Ex. 76 (solução encontrada por Bechara [1992] e Neves [2000]).

(76) Perdeu o lugar aquele Ø **que foi a Portugal**.

(77) Só trato de negócios **com quem me respeita**.

Segundo Castilho, essas relativas foram denominadas *livres*, talvez pela dificuldade de localizar seu ponto de encaixamento. Para o autor, essas estruturas que possuem o *quem* se situam no ponto da passagem do pronome relativo para a conjunção integrante, encontrando-se em um *continuum* categorial entre um sintagma verbal e um sintagma nominal.

Assim como as GNs, o autor versa sobre as posições sintáticas que o pronome relativo pode ocupar: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal ou adjunto adverbial.

Além disso, ele apresenta a classificação gramatical das orações adjetivas em restritivas ou explicativas, atendo-se aos critérios semânticos. Porém, sua classificação pode ser em: restritivas ou determinativas (adicionam alguma informação relevante, tendo como exemplo os dados anteriores), restritivas finais (agregam a noção de finalidade à adjetiva – Ex. 78), restritivas causais (acrescentam uma noção de causalidade às adjetivas – Ex. 79) e explicativas ou apositivas (operam como aposto do sintagma nominal – Ex. 80).

(78) Mandou retirarem seus sapatos enlameados, **que não sujassem sua sala**.

(79) O cão, **que é amigo fiel**, vigiou a casa durante toda a noite.

(80) A neve, **que é branca**, transforma-se numa lama escura depois de muito pisada.

Perini (2007) conceitua as orações relativas como construções relativas que são orações subordinadas introduzidas por um relativo e têm sempre a função de modificador externo, pertencendo, assim, à classe dos sintagmas adjetivos.

O autor apresenta como características dessa construção: a presença de um relativo, precedido, às vezes de uma preposição; a existência de uma estrutura oracional aparentemente

---

<sup>28</sup> Castilho (2010, p. 369).

incompleta logo após o relativo; a articulação de um elemento nominal (parte de um sintagma nominal) + o relativo + a estrutura oracional mencionada, formando uma sequência que é um sintagma nominal (SN); o elemento inicial nem sempre está presente.

O pronome *cujo*, conforme observa Perini (2007), está desaparecendo da linguagem coloquial e está sendo substituído por outro tipo de construção:

(81) O urso **que eu cortei a pata dele** era branco.<sup>29</sup>

O autor traz a nomenclatura gramatical que classifica as orações em restritivas e explicativas. Ele, porém, prefere nomeá-las como afirmativas e não-afirmativas.

Perini (2010) apresenta, ainda, as estruturas relativas como aquelas que são compostas por um nominal (que pode ser acompanhado de um determinante/modificador), seguido de um relativo e de uma estrutura oracional aparentemente incompleta. Essa estrutura: *sequência de nominal + relativo + estrutura oracional incompleta* forma um SN.

(82) A bobagem **que o cara disse** me deixou irritado.

Perini trata dos casos nos quais a preposição é mantida e nos quais ela pode ser omitida. Para o autor, quando a preposição é mantida, costumam ocorrer problemas especiais, que seria a colocar o SN no início da construção, deixando para trás a preposição. Esta é seguida de um pronome pessoal que se refere ao SN principal.

(83) Meu vizinho ainda chora **por causa daquela modelo**.

(84) Aquela modelo **que meu vizinho ainda chora por ela** já mudou de cidade.

A omissão da preposição ocorre devido a um desrespeito à valência do verbo.

(85) O funcionário **que você falou** é esse aí?

(86) O funcionário **que você falou dele** é esse aí?

Segundo o autor, a primeira forma é preferida, porém, a valência do verbo é desrespeitada. Isso ocorre apenas em orações relativas, nunca em orações principais ou subordinadas de outros tipos.

As gramáticas de usos, além das orações relativas padronizadas e não-padronizadas, abordam estudos a respeito do tema, correlacionando-os com diversas pesquisas que versam

---

<sup>29</sup> Perini (2007, p. 153).

sobre o assunto. Castilho (2010) apresenta um estudo mais completo acerca das orações relativas. O autor se baseia em um PB que vem sendo descrito há alguns anos e utiliza muitos exemplos da língua oral. Além disso, menciona as nomenclaturas das GNs, faz associações a pesquisas sobre o tema e expõe as nomenclaturas para as relativas não-padrão que são encontradas nesses estudos.

Perini (2007 e 2010) indica nomenclaturas e explicações para as classificações gramaticais, porém, suas explicações, tais como as gramáticas, são baseadas em critérios vagos. O autor não se baseia em nenhum *corpus* em suas gramáticas e faz mudanças nas nomenclaturas tradicionais. Além disso, trata as relativas não-padrão como desrespeito à valência do verbo, ou seja, como desvios da norma culta.

### **1.3. O objeto em estudos realizados**

Mollica (1977) utiliza dados de informantes cariocas em sua pesquisa. A autora considera a variação entre relativas copadoras e relativas com lacuna, incluindo tanto relativas padrão como não-padrão cortadoras, compreendendo que, em ambos os casos, ocorre apagamento do pronome. Em seu trabalho, ela investiga os fatores linguísticos que condicionam a ocorrência do uso de pronomes correferentes ao elemento relativizado nas estruturas relativas.

Segundo a pesquisadora, as orações relativas oscilam entre formas padronizadas e não-padronizadas, sendo que as primeiras são as formas prescritas pelas gramáticas tradicionais e as últimas são as formas de usos populares condicionadas a contextos específicos. O pronome relativo pode aparecer como sujeito e objeto preposicionado ou não-preposicionado.

A autora postula a regra de apagamento da cópia e conclui que os contextos mais favoráveis a esse sistema repousam nas características do nome do antecedente do sintagma relativizado. Sentenças em que o antecedente possui o traço não-humano têm menos possibilidade de variar e apresentam a regra aplicada; porém, aquelas cujo antecedente é de traço humano varia mais e ocorre em contextos menos favoráveis à regra.

Além dos traços  $\pm$  humano, o grau de determinação do sintagma nominal do antecedente mostra-se formador de fatores, pois é mais frequente a ocorrência da regra na relativa cujo sintagma nominal relativizado tem antecedente especificado (caracterizado pela presença de artigo definido, do pronome possessivo e do pronome demonstrativo), do que o

traço não especificado (marcado pelo artigo indefinido, pronomes indefinidos ou qualquer vocábulo com ideia indeterminado). Além disso, a autora também distingue o traço ± coletivo do antecedente e a distância como fatores condicionantes. De acordo com Mollica (1977), a distância trata-se de um traço importantíssimo em seus estudos. Ela é medida pela presença ou ausência de elementos entre o relativizador e a cópia. Esses itens podem ser: pausa, pronomes possessivos e demonstrativos pospostos ao nome antecedente, advérbios ou expressões de lugar, apostos, expressões de função conativa e sentenças encaixadas.

O *corpus* que a autora utilizou engloba entrevistas gravadas com estudantes do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Em sua análise, a pesquisadora se restringe à classe social C (nível baixo de instrução) e não considera diferenças de sexo, idade ou profissão. Esses sujeitos se mostraram linguisticamente significativos para conhecer os fatores mais favoráveis à aplicação da regra de apagamento da cópia nas orações relativas. Foram feitas sete entrevistas para cada informante, com a duração média de uma hora cada uma. Recortaram-se as sentenças relativas que apareceram na fala dos entrevistados e observou-se que eles apresentaram uma grande tendência à variação nas orações relativas.

Segundo Mollica, os traços não-humano, especificado e a ideia coletiva, assim como a distância zero, condicionam o aparecimento da relativa cortadora. Nas sentenças de relativizador como sintagma não-preposicionado, nas cláusulas de relativizador como sintagma de sujeito, traço não-humano, especificado e distância zero são condicionadores à aplicação da regra em sentenças de relativizador como sintagma objeto não-preposicionado. A variação da estrutura relativa é maior na posição de sintagma objeto preposicionado em relação às demais. Como resultados, das 1299 relativas utilizadas na pesquisa, 1195 (92%) aplicou a regra do apagamento da cópia.

Para Mollica, os ambientes linguísticos propícios ao apagamento da cópia devem estar situados nas características dos traços semânticos não-humano, especificado e de ideia coletiva, somado à distância zero, sendo que o fator distância apresenta-se como o mais forte. A regra de apagamento da cópia aplica-se com elevada probabilidade em sintagmas de sujeito.

Em 2003, ao retomar alguns estudos sobre as construções da relativa, Mollica considerou um intervalo de quase vinte anos (denominado estudo em tempo real) no português falado na região do Rio de Janeiro. Em seu trabalho, ela procurou demonstrar que o PB está caminhando na direção das denominadas “variantes cortadoras” que, conforme Tarallo (1983), seria a perda das preposições.

Em seu estudo, a autora controlou o efeito escolaridade, idade e sexo, assim como o traço de animacidade do referente, sua função sintática e a distância entre o referente e o relativizador. De acordo com os resultados da pesquisadora, há a incidência do pronome cópia quando há um elemento interveniente entre o referente e o pronome relativo. O maior número de ocorrências se dá concomitantemente ao traço distância, pois há necessidade de se recuperar o referente e, ao mesmo tempo, desfazer alguma possível ambiguidade.

(87) Eu conheço um **senhor** de oitenta e três anos de idade que **ele** pega onda.<sup>30</sup>

Nota-se no exemplo acima que há oito elementos entre o referente e o relativo. Dessa forma, há pertinência nas observações da autora no tocante ao fato de que o falante pode sentir necessidade de recuperar o referente com o uso do pronome-cópia *ele*.

A autora constata que a variante cortadora vai sendo preferida à medida que aumenta o nível de escolaridade dos falantes. Além disso, esse fator inibe o uso da estratégia copiadora, a menos que o fator distância atue na construção das orações.

Segundo Mollica, há tendência dos falantes buscarem a complementação direta, mais canônica. Isso implica a perda das preposições e o avanço da estratégia cortadora. No tocante à estratégia copiadora, não ficou provado sua evolução e algumas perguntas permanecem sem respostas.

Tarallo (1983) analisa dois *corpora*: um constituído por entrevistas com falantes da cidade de São Paulo (dados sincrônicos) e o outro composto de cartas e peças teatrais de diversas regiões do país que foram escritas entre 1725 e 1880. O autor aponta três estratégias de relativização, sendo elas: padrão (encontrada na escrita e na fala formal) e duas não-padrão (pronome resumptivo<sup>31</sup> e cortadora).

(88) Tem as que (e.) não estão nem aí, não é? – padrão.

(89) Você acredita que um dia teve uma mulher, que ela queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone. – pronome resumptivo.

(90) É uma pessoa que essas besteiras que a gente fica se preocupando (com) (e.), ela não fica esquentando a cabeça. – cortadora.<sup>32</sup>

O autor, ao apresentar os tipos de orações relativas, faz algumas considerações:

- A estratégia padrão, que é encontrada nas gramáticas e na escrita;

---

<sup>30</sup> Mollica (2003, p. 130).

<sup>31</sup> Nomenclatura utilizada por Tarallo (1983).

<sup>32</sup> Tarallo (1983, p. 2).



- A estratégia resumptiva (*resumptive pronoun*), que ocorre em uma escala sintática e pode incidir em posições de objeto direto, objeto indireto, oblíquo e posições genitivas;
- A estratégia cortadora (*PP-chopping*), em que a preposição está ausente e há uma lacuna (*gap-leaving*) em seu lugar.

Tarallo procura analisar e explicar a alternância entre esses três tipos de relativas. Além disso, examina diacronicamente os fatores sintáticos, semânticos, estilísticos e sociais que propiciam o aparecimento dessas formas. Ao selecionar seus informantes, o autor ateu-se ao critério classe social, o que incluiu os aspectos renda, educação e ocupação. Foram escolhidos 40 informantes, que foram divididos de acordo com classe social, idade e sexo. Desses, foram coletadas narrativas espontâneas.

Os outros dados que o autor utilizou comparativamente em suas análises sincrônicas foram: programas de esportes, documentários, entrevistas, mesas-redondas e novelas. Com isso, o teórico distinguiu textos redigidos para serem falados daqueles escritos para serem lidos. Quanto às novelas, o pesquisador as selecionou por sua popularidade entre os brasileiros e devido ao grande leque de personagens que fazem parte delas. A novela selecionada pelo autor foi *Jogo da Vida*, que possui representantes das classes média e alta.

A fim de apresentar os efeitos do fenômeno do passado até o presente, Tarallo expôs dados diacrônicos em sua pesquisa. O teórico trabalhou com a análise de escritores brasileiros em um *corpus* composto por cartas e peças teatrais de diversas regiões do país, escritas entre 1725 e 1880. Esses dados foram divididos em quatro tempos diferentes, de 50 em 50 anos.

Tarallo observa que o pronome resumptivo pode assumir as seguintes funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo ou genitivo. Essa é a estratégia de lacuna preenchida com o pronome.

Com relação à distância entre o referente e a oração relativa, quanto mais distante, mais necessário é o emprego do pronome resumptivo a fim de desfazer ambiguidades. Tarallo também encontrou os objetos diretos como os maiores inibidores da estratégia resumptiva. Quanto aos fatores semânticos, os traços humano, o singular e o indefinido são os que favorecem a aplicação dela.

Sobre os fatores sociais, o autor concluiu que, quanto mais alta a classe social, maior a tendência de se utilizar a estratégia padrão; e o uso da estratégia resumptiva é maior nas classes baixas. Em comparação entre as três estratégias, Tarallo concluiu que as classes média

e alta utilizam a estratégia cortadora, especialmente em fala espontânea. E as classes mais baixas favorecem o uso do resumptivo.

A fala da novela de São Paulo analisada pelo autor aponta o favorecimento da estratégia cortadora pelas personagens. Ele compara os dados encontrados com as referências dos falantes reais da cidade de São Paulo. Os resultados assinalam que os diversos discursos avaliados das mídias apontam para o uso da estratégia padrão.

Para o autor, há uma tendência da substituição da estratégia padrão no discurso pela cortadora. Na educação, a pressão da escrita se direciona para a estratégia padrão. Ou seja, a classe escolarizada de falantes e a influência da escola evitam essa propagação e, conseqüentemente, a estratégia em competição com a padrão será a resumptiva. Isso ocorre quando há uma perda de estrutura sintática para corrigir um erro na estrutura sintática escrita.

Nos dados diacrônicos, Tarallo examinou os mesmos elementos dos dados sincrônicos: posição sintática do pronome e fatores de descrição semântica. Observou-se como fatores favoráveis à conservação das orações relativas os traços humano, definido e singular. A investigação diacrônica das estratégias de pronominalização permitiu que fosse investigada a origem da estratégia cortadora.

Nos dados sincrônicos, o pronome resumptivo ficou entre 9,5% das orações relativas encontradas. Já nos dados diacrônicos, essa estratégia foi encontrada em 3,5% dos dados. Na maioria desses casos, as orações tinham relativas com um traço de distância significativo entre o referente e o pronome resumptivo. As diferenças entre os dados sincrônicos e diacrônicos devem-se, também, ao fato de que os primeiros são discursivos e os últimos são escritos. É importante assinalar que, nos dados diacrônicos, a estratégia mais utilizada é a padrão.

Segundo o autor, o nascimento da estratégia cortadora se deu no tempo IV (entre 1825 e 1880). Também foi esse o período em que os pronomes resumptivos tiveram maior incidência. Para Tarallo, isso quer dizer que, no tempo IV, começou a competição entre as duas formas não-padrão. No tempo III, observa-se apenas duas formas em competição: a padrão e o pronome resumptivo. No tempo IV, nota-se o decréscimo do uso da relativa padrão e o nascimento da estratégia cortadora. A substituição dos pronomes clíticos pela anáfora zero deu origem a esse tipo de relativa.

Em suas conclusões, Tarallo apresenta:

- Com relação ao fator social e às três variantes, a classe alta tende a utilizar mais a estratégia padrão, as classes média e alta fazem uso da estratégia cortadora, e a classe baixa emprega mais a estratégia resumptiva;
- O pronome resumptivo é uma forma estigmatizada pelas classes média e alta;
- Nos textos da mídia, constatou-se o uso da estratégia padrão, mas, na novela (em que há falas de personagens), foi mais encontrada a estratégia cortadora;
- Nos dados diacrônicos, por serem também informações de um *corpus* escrito, a variante mais utilizada foi a padrão. A relativa cortadora nasceu posteriormente, concorrendo com o pronome resumptivo. Nesses dados, o autor averiguou a substituição da estratégia padrão pela cortadora e uma frequência mínima e marginal da estratégia resumptiva.

Os resultados da análise sincrônica indicam que a variante-padrão se encontra praticamente fora do campo de batalha; que a grande vencedora parece ser a relativa cortadora; que a relativa com pronome-lembrado não goza de prestígio na comunidade; e que a variação nas relativas está diretamente relacionada ao sistema de variação encontrado no sistema anafórico da língua falada. De tal maneira essa relação se processa que, com base nas estratégias anafóricas utilizadas pelo falante, se podem prever as variantes relativas pelas quais ele opta em seu desempenho. (TARALLO, 1985, p. 74).

A proposta de Kato (1993) para as relativas não-padrão segue em uma direção diferente da tomada por Tarallo (1983). Kato propõe que o processo de relativização das três variantes obtidas por Tarallo é sintaticamente o mesmo, “havendo sempre a ligação de um operador relativo-Q com uma posição vazia *v* – variável – na sentença.” (KATO, 1993, p. 227). Portanto, a relativização se dá quando o operador relativo-Q está ligado a elementos que se encontram no interior do sujeito e fora do sujeito (IP), em deslocamento à esquerda (*Left Dislocation* = LD), geralmente referida como tópico. Portanto, se a relativização ocorre com LD, é possível explicar o motivo de existirem pronomes dentro das relativas.

Para a autora, o processo de relativização seria o mesmo para as relativas padrão e não-padrão, todavia, a diferença estaria na posição do termo relativizado, sendo esse um processo de gramaticalização. Dessa forma, o fato de as orações relativas serem formadas com base em um sintagma nominal de LD permite tanto que haja o correferente pronominal na sentença, como que este se ligue ao elemento na posição de tópico. Tal elemento em LD é o item relativizado que pode possuir um correferente na sentença relativa. “A preferência de extração de LD obedece ao princípio da economia de derivação, ou à Lei do Mínimo Esforço

de Roberts (1993), já que a LD permite relativizar localmente, embora a variável possa estar associada a um correferente longínquo.” (KATO, 1993, p. 251).

- (91) Eu falei com essa moça ontem.  
(92) (<sub>LD</sub> Essa moça <sub>i</sub>), (eu falei com ela <sub>i</sub> ontem).  
(93) A moça (<sub>cp</sub> com quem <sub>i</sub> (eu falei (<sub>pp</sub> t <sub>i</sub>) (eu falei com ela <sub>i</sub>) ontem).

Segundo Kato, a falta do efeito de ilha observado nas relativas com pronome resumptivo não se deve à falta de movimento, mas ao fato de apresentarem uma variável em LD que podem manter uma relação de correferência com pronomes distantes, atravessando barreiras. Além disso, essa posição relativizada em LD possibilita estabelecer uma ligação local com a cabeça da relativa e, dessa forma, a posição em LD oferece mais possibilidades de relativização. Por isso, a autora defende que a estratégia resumptiva é a mais fácil para os falantes.

Para Tarallo, a relativa cortadora deriva da possibilidade de o objeto pronominal ser nulo no PB. O autor mostra o fenômeno da mudança no PB utilizando a relativização dos sintagmas preposicionais (PPs). A relativização do objeto direto e do sujeito produz formas fonéticas (FFs) idênticas quando a estratégia é a do pronome relativo ou é a cortadora. Portanto, para Cohen e para Tarallo, a relativa cortadora de PPs decorre do apagamento da preposição depois da relativização: após a resumptiva com pronome nulo para Tarallo (94) e depois do movimento-Q para Cohen (95).

- (94) A moça (<sub>cp</sub> *que* (eu falei (<sub>pp</sub> \* com (*pro*)).  
(95) A moça (<sub>cp</sub>  $\emptyset$  que <sub>i</sub> (eu falei t <sub>i</sub>).

Segundo Kato, a proposta de Cohen (1989) não explica porque existem as outras variantes da relativa. Com relação à ideia de Tarallo, Kato sugere que a relativa cortadora não deriva da relativa resumptiva com pronome nulo seguida da elipse da preposição, mas de uma lacuna única no lugar de PP.

Em lugar de considerar a cortadora como resultante da elipse da preposição no contexto (<sub>pp</sub> P *pro*), como foi postulado por Tarallo, minha proposta é abordar a lacuna de PP como elipse de expressão-R na fonologia (FF = Forma Fonética), encaixando-a na categoria de regra estilística, conforme a visão de Chomsky e Lasnik (1977).” (KATO, 1993, p. 247).

Portanto, Tarallo e Kato divergem quanto à estratégia cortadora. Para Kato, a formação da estratégia cortadora é oriunda de um movimento do relativo *que*, ligando-se a

uma posição vazia no interior da sentença. Já Tarallo explica a ocorrência da copiadora por um apagamento, no qual o sintagma correferencial é apagado e substituído por uma forma pronominal correferente ao sintagma que encabeça a oração relativa.

Kato traz os estudos de Cohen (1986/89) nos quais levanta a hipótese de que o *que* é um pronome relativo. Essa posição é justificada com dados de relativas resumptivas no Romance Antigo colhidos em citações de outros romanistas. O relativo *que* seria a neutralização, em forma acusativa, de gênero, caso e número, dentro do sistema interrogativo e relativo.

O uso produtivo de LD seria a causa do desuso de formas marcadas com caso morfológico como *cujo*, *dos quais*, *com as quais*, etc., no sistema de relativas. O desuso dos clíticos *lo/o*, no sistema de pronomes pessoais (cf. Kato e Tarallo, 1987) e a perda das relativas flexionadas com caso seriam aspectos superficiais diversos de uma mesma propriedade: o enfraquecimento do caso morfológico. (KATO, 1993, p. 233).

Mollica e Tarallo analisaram os componentes linguísticos e sociais responsáveis pela formação e pelo aparecimento das variantes das orações relativas. No tocante aos informantes, ambas ficaram restritas com relação aos fatores sociais dos informantes, pois apenas trabalharam com falantes de pouca escolaridade.

A proposta de Mollica alcançou notoriedade com o tema em questão, pois a pesquisadora aliou fatores linguísticos e sociais ao aparecimento das variantes estudadas. A autora postulou a regra de apagamento da cópia e os fatores linguísticos mais propícios a essa ocorrência. Além disso, sua retomada aos estudos no intervalo de tempo real, além de comprovar a hipótese de Tarallo, trouxe mais informações acerca das estratégias não-padrão.

A pesquisa de Tarallo, por sua vez, foi ainda mais longe. O autor utilizou um *corpora* composto por dados sincrônicos e diacrônicos. Em seus dados, foram incorporados textos escritos, falados e dados de fala espontânea. Tarallo traçou uma evolução das variantes das orações relativas e apontou que as variantes padrão e copiadora sempre estiveram presentes nas línguas e que a inovação na língua surgiu com a estratégia cortadora. O teórico, assim como Mollica, conseguiu aliar fatores linguísticos e sociais ao aparecimento das variantes estudadas. As conclusões do estudo de Tarallo deram continuidade aos estudos e conclusões de Mollica e atestaram a substituição, gradativa, da estratégia padrão pela estratégia cortadora.

Kato analisou formação das variantes relativas sob a perspectiva da teoria gerativa. A autora procurou associar as estratégias de relativização não-padrão à existência de estruturas

de LD, conhecidas como estruturas de tópico. As explicações de Kato para as estratégias não-padrão basearam-se em um estudo sobre suas estruturas e comportamento. Isso que fez com que sua teoria seja relevante a fim de apresentarmos, brevemente, as estratégias relativas sob a perspectiva gerativista. Porém, é importante ressaltar que nossas análises são enfocadas em um estudo sociolinguístico do objeto em questão.

Corrêa (1998) fez um paralelo entre a realidade linguística dos alunos e o que é ensinado nas escolas. De acordo com a autora, essas instituições tratam o estudante como um aprendiz de português que deve esquecer a linguagem “corrompida” que traz de casa. É adotado, dentro das escolas, um conceito de língua padrão relacionado à classe de prestígio que não leva em conta a adequação da língua ao contexto no qual é usada. Assim, é a escola que determina qual variante linguística deve ser aprendida pelos discentes.

O estudo de Corrêa investigou, entre outros elementos de ordem social e linguística, o fator escolaridade como um determinante relevante da variação nas relativas, pois a variante padrão é aquela que deve ser aprendida formalmente na escola. Para a pesquisadora, a variação das relativas no PB não é apenas um fenômeno estilístico ou social, mas ocorre devido ao fato de ser possível na língua gramaticalmente. Ao tratar das relativas no PB e sua representação, a teórica afirmou que as gramáticas não fazem um trabalho de descrição a respeito das relativas.

Corrêa também descreveu os tipos de relativas encontradas por Tarallo (1983/86) no PB falado em São Paulo (*gap leaving variant*, variante com pronome lembrete e *preposicional P(hrase)-chopping* cortadora). Para a autora, a relevância dos estudos de Tarallo está em suas explicações apresentarem o aparecimento da cortadora como resultado de uma mudança que se iniciou no século XIX, em que os pronomes começaram a ser apagados das posições mais altas até as posições mais baixas, movendo-se para as relativas e outras subordinadas.

Em sua metodologia, Corrêa observou, por meio de dados colhidos experimentalmente, que orações relativas (principalmente as que podem apresentar preposições) não aparecem com frequência. A autora utilizou abordagem experimental-avaliativa, que envolve a experimentação controlada e a coleta foi feita pelo método do variacionismo.

Esse estudo fez um confronto entre dados de não-escolarizados e escolares de 1º e 2º graus com os de falantes cultos, buscando a estratégia com preposição no início da sentença. Dentro das narrativas escolares do 1º grau, foram coletadas 50 narrativas orais e 45 escritas, sendo que 40 estudantes – sendo cinco de cada série (de 1ª a 8ª) –, cinco informantes não-

escolarizados e cinco de nível universitário. Todos assistiram à mesma encenação (a cena de um assalto em uma lanchonete), e cada um reproduziu no gravador o que havia visto. As narrativas escritas foram solicitadas logo após as gravações. Nos dados recolhidos do 2º grau, foram solicitados 90 exercícios após um estudo sistemático das relativas. Dentro da fala culta urbana, os dados derivam do acervo do Projeto Nurc. Foram coletados 15 inquéritos, com a participação de 10 homens e 10 mulheres.

A variação nas relativas foi estudada por meio de duas variáveis dependentes: pela ausência ou presença do pronome resumptivo e pela presença ou ausência da preposição à esquerda do relativo. Além disso, a autora considerou os seguintes fatores: função sintática do termo relativizado, animacidade do antecedente (sendo que nos estudos de Tarallo o traço mais humano favoreceu o aparecimento do pronome lembrete), preposição do termo relativizado, preposição usada pelo antecedente e tipos de pronomes relativos.

Para Corrêa, não existe homogeneidade quando se trata de orações relativas. Em informantes escolarizados, as duas estratégias estão em variação. Como os não-escolarizados foram pouco representativos nesse estudo, não foi possível afirmar categoricamente que eles usem a estratégia padrão. A autora observou que, nos trabalhos de Tarallo e Lemle, não foram encontradas relativas padrão devido ao fato de os autores utilizarem apenas informantes da classe popular.

A autora também apontou que os informantes escolares e não-escolarizados produzem, de preferência, relativas de sujeito e objeto sempre sem preposição, porém, essas relativas estão de acordo com a norma padrão. Para a Corrêa, a relativa padrão ainda não existia, ou seja, não seria relevante para a vida desses alunos. Ela ressaltou que esses estudantes pertenciam à rede pública, ou seja, crianças com pouco contato com os livros e filhos de pais pouco escolarizados.

No segundo grau, foi preciso levar os alunos a usarem conscientemente a relativa preposicionada. Na série final, a maioria dos alunos escreveu empregando a relativa padrão de acordo com a prescrição gramatical. Portanto, pode-se dizer que houve um significativo aprendizado ao longo das séries escolares. A autora notou que muitos alunos equivocaram-se das circunstâncias que os levariam a usar preposição. Para ela, a grande dificuldade que os estudantes tiveram para produzir uma relativa do tipo padrão deve-se à diferença entre estratégias dos dois tipos de relativas, que tem a ver com a posição sintática ocupada pelo termo.

Para Corrêa, com o aprendizado da estratégia padrão, o falante consegue ampliar suas possibilidades linguísticas e ter mais opções. Com isso, há uma variação maior entre as estruturas. Além disso, a autora constatou que fatores de ordem social e linguística também influem no uso das relativas. No que se refere ao fenômeno gramatical, tudo indica que se a posição relativizada for um adjunto adverbial dentro da relativa e não um complemento de outros termos, o monitoramento da fala aumenta.

Não obstante, de acordo com Corrêa, deformar o que o falante fala (que antes utilizava perfeitamente uma estrutura) a fim de ensinar o português culto não deveria ser o objetivo da escola. As outras variantes precisariam ser uma oportunidade de enriquecimento para os alunos e não uma forma de reprimi-los.

Os estudos de Abreu (2013) versaram sobre a aquisição e o uso das variantes das orações relativas em crianças. Seu trabalho investigou o aparecimento dessas estruturas na produção espontânea em crianças de 1 ano e 11 meses a 5 anos, e produção controlada, em crianças entre quatro e sete anos. Além disso, foi feito um levantamento comparativo em adultos, a fim de verificar se as relativas produzidas pelas crianças na época pré-escolar são compostas pelas mesmas variantes e locais de extração encontradas na fala de adultos.

Para a realização do trabalho, a autora fez um levantamento das relativas que aparecem na fala de adultos que compõem a amostra Censo 2000 e na amostra infantil AQUIVAR/PEUL/UFRJ. Além disso, Abreu elaborou um teste nos moldes do trabalho de Diesel (2009) com vistas a obter dados de produção controlada e investigar quais orações relativas já estariam presentes na gramática infantil das crianças entre 4 e 7 anos. A hipótese da pesquisadora foi que as crianças mais velhas seriam mais bem sucedidas na tarefa de repetição enquanto as mais novas teriam dificuldades.

A amostra da fala dos adultos foi composta por 32 falantes moradores da cidade do Rio de Janeiro que integram a amostra Censo 2000. Ambas as amostras foram gravadas seguindo os critérios labovianos nos quais as entrevistas fizessem com que os entrevistados monitorassem a fala o mínimo possível. Esses falantes foram estratificados quanto aos critérios faixa etária, gênero e grau de escolarização.

A amostra da fala das crianças foi obtida por meio de gravações da fala espontânea de 23 crianças. Essas são parte da amostra AQUIVAR/PEUL/UFRJ organizada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Christina Abreu Gomes em 2004 e 2005. Foi analisada a fala de 14 meninas e 9 meninos distribuídos em faixas etárias que vão de 1,11 meses a 5,11 meses, compondo um total de aproximadamente 30 horas de gravação. Essas entrevistas foram feitas em locais familiares à



criança e realizadas com auxílio de quadros e brinquedos, de forma a estimular a expressão da fala e manter a criança envolvida com a entrevista.

Conforme a amostra da fala das crianças, foi constatado que as orações relativas são pouco frequentes na fala infantil em idade pré-escolar. Foi necessário, então, criar uma avaliação seguindo a metodologia de Diessel & Tomasello (2005). Essa consistiu em elaborar um teste de repetição de orações relativas divididas nos locais de extração de: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial e genitivo. Para isso, foram incluídos estímulos das variantes padrão e não-padrão. Esse tipo de teste mostrou-se eficiente em estudos de aquisição de relativas demonstrando que as crianças não encontram dificuldades em repetir o que já faz parte de suas gramáticas. Portanto, essa tarefa envolve, também, conhecimento adquirido. As sentenças foram elaboradas de acordo com o léxico que pudesse estar presente em situações que se aproximassem do cotidiano dos falantes.

A autora distribuiu os estímulos em três versões do teste para que cada criança fosse exposta aos mesmos tipos de estrutura e variantes na mesma quantidade. Dessa forma, a avaliação resultou em 26 sentenças manipuladas, 9 sentenças distratoras e 3 sentenças de treinamento. A variável dependente do estudo é a acuracidade de repetição do estímulo. Essa foi dividida em sete níveis e classificados em uma escala decrescente de acerto conforme cada caso.

Os resultados da análise de Abreu sobre a fala adulta mostraram que as posições mais frequentes não-preposicionadas são as com o local de extração de sujeito e de objeto direto, somando 73% das relativas, as posições preposicionadas representaram uma pequena parcela de 26% das relativas e o tipo predominante foi o de extração de adjunto adverbial. Além disso, para a autora, foi possível observar que a variante mais utilizada foi a cortadora na posição sintática de adjunto adverbial. Tais resultados corroboram com os apresentados nos trabalhos de Tarallo e Mollica.

De acordo com as análises de Abreu, na fala infantil, em situação não controlada, a oração relativa mostrou-se rara. Na análise da fala de 23 crianças, foram encontradas 24 orações relativas. O processo de aquisição das relativas depende da experiência com a língua, no qual as novas estruturas, gradualmente, passam a incorporar o repertório gramatical infantil. Assim, as crianças mais velhas apresentaram mais relativas do que as mais novas, e as relativas infantis são majoritariamente simples e representadas somente por uma proposição. As relativas mais complexas foram utilizadas por crianças mais velhas. No *corpus* infantil, foram encontradas mais relativas com extração de sujeito, seguidas das de adjunto

adverbial. As relativas para posições preposicionadas não foram frequentes em nenhuma das amostras, revelando um estágio avançado de processo de mudança.

Foi encontrada apenas uma ocorrência da relativa copiadora em posição de sujeito na fala de uma criança de faixa etária mais alta. Segundo Abreu, é possível inferir que como a variante copiadora é pouco frequente na fala dos adultos, é necessário que haja uma experiência linguística maior por parte da criança a fim de aprendê-la. O fato de as relativas padrão de objeto indireto e adjunto adverbial serem as menos ocorrentes na fala dos adultos significa que elas não aparecem em uma frequência suficiente para serem percebidas e adquiridas no processo de aquisição do PB.

Com relação à variante, na fala infantil, foram encontradas 80% das relativas preposicionadas cortadoras. Essa foi a variante mais frequente, sendo que as de locais mais frequentes foram de adjunto adverbial e de objeto indireto.

Segundo Abreu, esses resultados apontaram para a correlação entre mudança linguística, frequência de uso e aquisição.

As crianças estão adquirindo uma estrutura variável que constitui uma mudança em direção à perda da estrutura mais complexa para relativas preposicionadas, uma vez que a variante padrão é pouco produzida no local de extração preposicionados. Além disso, não só as relativas cortadoras encontradas na fala das crianças estão proporcionalmente próximas à quantidade encontrada no input, mas também porque os locais de extração encontrados na fala infantil são aqueles que são muito frequentes nas relativas cortadoras dos falantes que já adquiriram a língua. (ABREU, 2013, p. 94).

Já para o resultado do experimento de produção na amostra de fala infantil, Abreu agrupou o grau de acuracidade de repetição do estímulo em 7 níveis. A fim de facilitar as análises, optou em fazê-las em três categorias que foram denominadas em erro, variação e acerto, de acordo com a resposta do sujeito. No caso do acerto, foram quantificadas as repetições do estímulo conforme foram ditas, sem nenhuma mudança para outra variante ou estrutura. Quanto à variação, foram os casos em que, na resposta, houve a troca da variante do estímulo para outra na língua. O erro se refere às estruturas nas quais mudanças ocorreram no momento da repetição, seja por omissões, acréscimos, substituições ou estruturas que foram esquecidas e os sujeitos que não conseguiram repetir completamente ou apresentar outra variante possível na língua.

A autora quantificou altos índices de acerto quando o estímulo era uma relativa básica, sendo que as proporções foram de 89% para as crianças mais novas nas relativas de sujeito e de 91% para as crianças mais velhas. Isso revela que essas estruturas fazem parte da

gramática das crianças, uma vez que a repetição se baseia no conhecimento linguístico internalizado.

A variante copiadora nas posições não-preposicionadas tem muitas ocorrências de alto grau de acuracidade e baixos níveis de erros, indicando que as crianças mais velhas já adquiriram essa variante. Porém, as crianças mais novas tendem a substituir essa variante por outra. Para Abreu, os resultados demonstram que a estrutura da variante copiadora em posições preposicionadas é mais complexa e pouco encontrada na fala dos adultos.

As relativas preposicionadas com extração de genitivo obtiveram respostas de baixa acuracidade tanto nas crianças mais novas quanto nas mais velhas. Para a autora, isso indicou que as crianças mais velhas estão em um estágio mais avançado da aquisição desse tipo de relativa e que esse local, além de ser complexo, é de aquisição tardia. Os outros locais de extração preposicionados atraíram menos erros das crianças, porém, têm índices de repetição totalmente acurada muito baixos e altos índices de variação.

O *locus* sintático de objeto indireto obteve altos índices de erro nas faixas etárias mais baixas, e nas mais altas esse erro caiu para zero. Abreu justificou essa queda porque as crianças mais velhas já têm experiências com a variante padrão e conseguem repetir o estímulo; e, nas mais novas, pelo fato de os adultos substituírem essa variante por outras, especialmente a cortadora.

Segundo a autora, o comportamento diferenciado das crianças em função da faixa etária é um fator indicativo de que as mais velhas, por terem uma experiência linguística maior, já adquiriram mais formas de relativização do que os mais jovens. Além disso, as variantes preposicionadas foram as que causaram mais desvios de repetição para as crianças. Isso pode ser um estágio indicativo de mudança na perda das estruturas relativas preposicionadas em substituição a outras variantes, especialmente a cortadora. Observou-se que a variante cortadora apresenta altos níveis de acerto em todas as posições sintáticas, juntamente a poucas ocorrências de troca de variante.

Abreu concluiu que, dentre as posições sintáticas preposicionadas, a relativa que parece ser a mais simples é de objeto indireto quando o estímulo é uma variante copiadora ou cortadora. O estudo de Abreu revelou, assim como os de Tarallo e Mollica, que as relativas preposicionadas estão caminhando a favor das demais variantes, especialmente a cortadora.

A pesquisadora demonstrou que as relativas de sujeito são as mais frequentes nas falas espontâneas de adultos e crianças. Já no experimento de produção controlada infantil, observou-se que as relativas mais repetidas com total acuracidade, independente da idade, são

as não-preposicionadas de sujeito e objeto direto em sua forma básica. Para as relativas preposicionadas de objeto indireto, adjunto adverbial e genitivo, o alto índice de acuracidade concentrou-se na variante cortadora. A conclusão é de que as relativas mais frequentes são aquelas repetidas com total acuracidade pelas crianças. Além disso, essas se relacionam com a frequência de uso, mas também são as sentenças mais simples da língua.

As relativas mais fáceis para as crianças, ou seja, aquelas que foram repetidas com acuracidade total mais vezes por já terem seu processo de aquisição mais avançado, foram as mais frequentes no *input*, como as relativas básicas não preposicionadas, junto com as copiadoras (principalmente as de objeto indireto e genitivo com os falantes mais velhos), além das cortadoras (principalmente as de objeto indireto também com os falantes mais velhos) e, por possuírem semelhança estrutural a outras sentenças da língua. (ABREU, 2013, p. 112).

Os trabalhos de Corrêa e Abreu relacionaram a aquisição das relativas à escolaridade e à experiência linguística. As autoras tiveram dificuldade em coletar dados de narrativas orais espontâneas, porém, seus resultados foram condizentes com os de Tarallo e Mollica, em que a variante cortadora vem sendo a preferida entre os falantes.

Corrêa observou que, em informantes escolarizados, as duas estratégias estão em variação e que os falantes têm preferência por produzirem relativas de sujeito e objeto sempre sem a preposição. A dificuldade de obtenção de relativas preposicionadas levou a autora a fazer com que os estudantes do segundo grau fizessem uso delas conscientemente por meio de exercícios. As constatações de Corrêa mostraram que, quanto maior a escolaridade, maior o leque de possibilidade de usos das variantes para os falantes, pois os alunos conseguiram utilizar relativas padrão preposicionadas, demonstrando, assim, a aquisição delas. O fato de a autora precisar fazer os alunos usarem conscientemente a estratégia padrão é um indício de que, mesmo estando em processo de escolarização, os discentes têm dúvidas quanto ao emprego da norma culta na fala (especialmente as relativas preposicionadas). Dessa forma, a tendência de uso da relativa preposicionada no dia a dia está cada vez mais baixa, portanto, é perfeitamente explicável que os alunos apresentem dúvidas sobre a sua aplicação.

Abreu fez um paralelo entre a aquisição de orações relativas em crianças e o uso delas pelos adultos. A autora utilizou dados de produção espontânea e controlada e constatou que as crianças utilizam pouco as orações relativas em fala espontânea. Porém, à medida que a escolaridade aumenta, são capazes de fazer repetições das variantes das relativas com mais tranquilidade devido ao processo de uso e aquisição. A pesquisadora faz uma ressalva com relação ao uso da estratégia copiadora, que foi pouco encontrada em seu trabalho: já que os

adultos tendem a utilizá-la com menor frequência, as crianças têm mais dificuldades para aprendê-la devido às suas experiências linguísticas. Os testes de acuracidade feitos por Abreu apresentaram resultados bastante previsíveis para sua pesquisa. Ao associar aquisição das relativas em crianças e o seu uso pelos adultos, é bastante plausível que as relativas cortadoras, por serem as mais utilizadas pelos adultos, acabem sendo as que as crianças repitam com mais facilidade.

O presente estudo, além de fazer uma análise quantitativa e verificar se a estratégia relativa cortadora continua aumentando na fala e se transferindo para a esfera escrita, pretende fazer uma análise qualitativa – tal como as Mollica e Tarallo – e examinar quais fatores linguísticos e sociais são preponderantes para o aparecimento das três estratégias de relativização. É importante destacar que fatores sociais dos autores serão considerados a fim de identificar os índices de correção nas atas analisadas.

## II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresenta-se, a seguir, o arcabouço teórico que norteia este trabalho: a Sociolinguística Variacionista. O surgimento da linguística moderna teve seu apogeu com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916. De acordo com a visão estruturalista, cada língua deveria ser enfocada segundo a natureza de sua própria organização estrutural.

Os pesquisadores posteriores a Saussure mantiveram e aprofundaram a separação entre sistema e discurso. Mesmo identificando a língua como um sistema social, o estruturalismo foi definido justamente por sua recusa em considerar o que a língua tem de social.

Novas perspectivas emergiram com uma conferência sobre sociolinguística organizada por William Labov, em 1964, na qual vinte e cinco pesquisadores se reuniram para debaterem temas pautados na relação entre língua e sociedade. O resultado do encontro foi a publicação dos *Proceedings*, organizado por Bright (1966), como um texto introdutório, publicado mais tarde com o título *As dimensões da Sociolinguística*. Esse texto marca o nascimento da nova disciplina e a oposição à gramática gerativa de Chomsky, que se impunha como paradigma dominante.

A partir da década de 1960, com o advento do enfoque variacionista, os sociolinguistas passaram a se preocupar em demonstrar a heterogeneidade inerente à linguagem e mostrar que a variação é sistemática, regular e ordenada. “Argumentaremos que o modelo gerativo para a descrição de uma língua como objeto homogêneo é em si mesmo desnecessariamente irrealista e representa um retrocesso em relação às teorias estruturais, capazes de acomodar os fatos da heterogeneidade ordenada.” (WEINREICH, LABOV e HERZOG [1968] 2006, p. 35).

Os propósitos de descrever a heterogeneidade linguística e de encontrar um modelo capaz de dar conta da influência dos fatores sociais que atuam na língua passaram a ter êxito com os trabalhos de William Labov, em 1972. Reconhecido como o representante da teoria variacionista, sua abordagem faz da variação e da mudança linguística objetos centrais de estudo. “Tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala.” (LABOV, [1972] 2008, p. 238).

Para Labov, o novo modo de fazer linguística trata-se de estudar empiricamente as comunidades de fala. Os estudos empíricos permitiram o conhecimento e a sistematização dos usos na língua falada. A mudança é determinada em grande parte pelas relações sócio-políticas e ideológicas que se estabelecem dentro da comunidade de fala. “A estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura.” (WEINREICH, LABOV e HERZOG [1968] 2006, p. 123).

Nas comunidades de fala, sempre existem formas linguísticas em variação denominadas variantes linguísticas; ou seja, um fato linguístico é usado de duas formas diferentes ao mesmo tempo pelos falantes e estão em concorrência uma com a outra. “A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.” (LABOV, [1972] 2008, p. 313). Assim, a sociolinguística investiga os fenômenos da variação de um fato linguístico, diagnosticando as variáveis internas e externas que exercem influência sobre o fato estudado (TARALLO, 1985).

Labov explica que a língua por si mesma é um fato social, pois está condicionada aos grupos/comunidades que os falantes pertencem. Portanto, é preciso prestar atenção também aos aspectos sociais a fim de explicar as transformações, porque elas são sensíveis às classes sociais e a um grupo de fatores que fazem parte das informações extralinguísticas dos indivíduos. Então, para explicar a mudança linguística, é preciso determinar os aspectos de seu contexto social com que se vinculam mais estreitamente.

A análise sociolinguística busca estabelecer a relação entre um processo de variação que se dá na língua em um determinado momento (análise sincrônica) com os processos de mudança que estão ocorrendo com a língua no decorrer do tempo (análise diacrônica).

De acordo com Tarallo (1985), em uma análise de variáveis sociais, observa-se o quadro da comunidade de fala nos termos entre a variação estável e a mudança em progresso. Caso seja constatada uma variação estável, esse quadro tende a se manter por um longo período e não há predominância de uma variante ou outra. Já se houver uma mudança em progresso, isso indica que o processo da variação linguística caminha a favor de uma das variantes identificadas, tornando seu uso, posteriormente, categórico dentro dessa comunidade de fala. Assim, uma das variantes tenderia a cair em desuso.

A mudança primeiramente não chama a atenção de ninguém, já que a nova variante é utilizada por poucas pessoas em uma determinada comunidade de fala. Logo depois, ela avança para grupos sociais, adquire valor social sistemático e é refreada na fala formal, podendo ser rotulada como estereótipo. Suas perspectivas futuras dependem do tipo de grupo ao qual ela está associada. Caso esse seja da corrente dominante da sociedade, a nova regra pode ser incorporada ao dialeto dominante. Caso seja excluído da corrente dominante da sociedade, a forma linguística pode ser corrigida, estigmatizada ou extinta. “A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta.” (WEINREICH, LABOV e HERZOG [1968] 2006, p. 122).

Lucchesi (2012), por sua vez, questiona as teorias apresentadas pela Sociolinguística Variacionista. Para ele, há dois grandes impasses teóricos que a disciplina apresenta em sua formulação teórica.

A chamada teoria da Variação e da Mudança Linguística não conseguiu formular uma teoria própria para a estrutura da língua. Por outro lado, não foi capaz de formular uma visão abrangente que capturasse satisfatoriamente a dimensão sócio-histórica da linguagem na análise dos processos particulares de variação e mudança. (LUCCHESI, 2012, p. 793).

De acordo com o autor, a disciplina não foi capaz de formular uma teoria a respeito da estrutura da língua incorporada à sua proposição da mudança linguística. A solução para esse problema dependeria de uma hipótese consistente da competência linguística que incorporasse os processos de variação e mudança. Para o teórico, tal solução ainda está longe de ser alcançada pelos estudiosos da área.

Lucchesi argumenta que a disciplina também não alcançou êxito ao enquadrar o processo de mudança no contexto das disposições sociais e ideológicas. A análise Laboviana conseguiu dar conta disso ao mostrar que o processo social da ilha de Martha's Vineyard se refletia na atitude dos membros da comunidade em relação ao fenômeno que estava sendo observado. Porém, as análises variacionistas não tomaram os mesmos rumos: fazem, desde então, uma análise mecanicista das variáveis sociais.

Ao circunscrever a análise do encaixamento social dos processos de variação e mudança à descrição dos resultados quantitativos dos fatores sociais considerados isoladamente, o resultado é o estabelecimento de relações mecanicistas e históricas entre as variantes em foco e os fatores sociais. (LUCCHESI, 2012, p. 798)



A solução para esses impasses teóricos, na visão de Lucchesi, seria: a formulação de uma teoria da estrutura da língua incorporada à teoria da mudança e “a superação da análise mecanicista do condicionamento social da variação e da mudança linguística em função de uma análise mais globalizante que integre o contexto sócio-histórico como um todo na análise do processo linguístico na matriz mais ampla dos fatores sociais.” (LUCCHESI, 2012, p. 800).

Lucchesi apresenta os impasses teóricos da disciplina Sociolinguística e mostra que é possível fazer uma análise mais globalizante do condicionamento social da variação e da mudança, tal como Labov fez com relação à sua pesquisa em Martha’s Vineyard. A pertinência dos questionamentos de Lucchesi reside no fato de que, para que uma pesquisa seja completa e confiável, é necessário que todos os fatores envolvidos no condicionamento da variação e da mudança sejam observados e não apenas alguns fatores selecionados mecanicamente, como é comum vermos nas pesquisas atualmente.

No caso do presente trabalho, são considerados alguns fatores sociais relevantes dos autores das atas que podem influenciar na correção durante a transcrição das orações relativas. Os questionamentos de Lucchesi são levados em conta, buscando-se uma análise que englobe o maior número de fatores possíveis.

Segundo Tarallo (1986), a língua falada é passível de ser analisada e sistematizada. A sistematização do caos linguístico demonstra que cada variante corresponde a certos contextos que a favorecem, e esses são denominados fatores condicionadores. Tais itens influem na realização de uma variável, de uma forma ou de outra. Tarallo aponta como fatores extralinguísticos a formalidade ou informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, a escolaridade, a faixa etária e o gênero.

O autor assinala que nem tudo o que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação. De maneira geral, os resultados de análises apontam para duas direções: a estabilidade das variantes ou a mudança em progresso (nesse caso, uma das variantes acaba desaparecendo). A fim de integrar a dimensão histórica dentro do processo de análise linguística, Tarallo observa que a análise diacrônica (através do tempo) mostra o processo pelo qual duas variantes entraram em conflito e uma delas substituiu a outra.

Segundo Tarallo, existem pesquisas feitas por meio da análise de um determinado fato linguístico em diversas faixas etárias: é a pesquisa feita em tempo aparente. A análise em tempo real é aquela feita através dos anos.

O fenômeno apresentado neste trabalho das orações relativas será pesquisado por meio do arcabouço teórico da sociolinguística variacionista e avaliado sincronicamente.

### III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos adotados nesta pesquisa, a saber:

- I. Fazer o levantamento das ocorrências de orações relativas preposicionadas e distinguir à qual variante cada uma delas pertencem: padrão, cortadora ou copiadora;
- II. Classificar essas variantes de acordo com alguns dos critérios linguísticos e semânticos apresentados por Mollica (1977) e Tarallo (1983), tais como: tipo de relativa, identificação do antecedente, classificação gramatical, preposição exigida pelo relativo, presença de traço mais ou menos especificado, traço mais ou menos humano, verbo principal dentro da oração relativa, função sintática do pronome relativo e, no caso da copiadora, distância entre o relativizador e o pronome-cópia;
- III. Selecionar os fatores extralinguísticos dos autores das atas relevantes para o estudo: faixa etária, sexo, escolaridade, tempo de serviço na CMOP, tempo de serviço na Seção de Atas, se era colaborador ou não na redação dos documentos, modalidade efetivo ou contratado, cargo que exerce na instituição e profissão;
- IV. Rodar todos os dados linguísticos das ocorrências encontradas no programa *Goldvarb* a fim de apresentar a influência dos fatores linguísticos no aparecimento das variantes;
- V. Rodar os dados dos autores no programa *Goldvarb* com vistas a identificar a influência dos fatores extralinguísticos no aparecimento das variantes;
- VI. Avaliar fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam no aparecimento das variantes;
- VII. Fazer uma análise dos áudios de uma ata de cada autor (mesmo que não sejam todas as selecionadas) e verificar se há correções nas orações relativas.

É importante ressaltar que não é feita uma análise social dos informantes (aqueles que falam durante as reuniões) devido à natureza dos documentos analisados. Não existe um tempo determinado para todos os presentes falarem durante das reuniões. Além disso, a pesquisa não tem acesso aos dados extralinguísticos deles (classe social, faixa etária, escolaridade, etc.).

Tarallo (1983) constata que estratégia padrão está sendo substituída, através do tempo, pela cortadora. Com base na análise das atas das APs é possível fazer um levantamento da utilização dessa estratégia pelos falantes. Esses documentos, por serem uma

fonte representativa da fala, podem fornecer os dados para averiguar o uso da estratégia cortadora na língua e compará-lo com o emprego da estratégia padrão. Além disso, é verificado como esse processo pode estar migrando da esfera da fala e para a escrita.

Após esses procedimentos, pretende-se ter algumas respostas a alguns questionamentos e objetivos presentes neste trabalho. Sendo assim, será possível perceber qual variante está sendo atualmente mais utilizada nas atas e como a autoria pode influenciar nessa questão.

### **3.1. A cidade de Ouro Preto (MG)**

A seguir, são apresentadas algumas informações sobre Ouro Preto (MG) e um breve relato de sua importância histórica no cenário brasileiro.

Bohrer apresenta o município de Ouro Preto (MG) através de sua localização na Zona Metalúrgica de Minas Gerais, denominada Quadrilátero Ferrífero, e a uma distância de 96 km de Belo Horizonte (capital do Estado). Segundo o autor, a cidade possui 13 distritos e, no total, uma população de 69.598 habitantes, segundo o Censo do IBGE de 2010. As principais atividades econômicas são o turismo e a extração mineral. Além disso, é sede da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), que oferta 42 cursos de graduação e 34 cursos de pós-graduação. Esse é um fator relevante para a movimentação da economia ouro-pretana, já que a cidade recebe, anualmente, milhares de estudantes oriundos de diversas partes do país.

Através de um levantamento histórico, o autor comenta que, partir do século XVII, os bandeirantes começaram a percorrer a região de Minas Gerais à procura de ouro e metais preciosos. A primeira a chegar à atual Ouro Preto foi a bandeira de Antônio Dias, em 1698. Trinta anos depois, a cidade contaria com cerca de 40 mil pessoas, a maior aglomeração da América Latina devido à extração aurífera.

Bohrer observa que entre os anos de 1707 e 1709, o arraial foi palco da Guerra dos Emboabas, disputa entre paulistas e portugueses pelo ouro da região. Em 1711, o arraial foi elevado à categoria de Vila. Nascia, portanto, a Vila Rica de Albuquerque. Porém, de 1750, o ouro ficou escasso e a Coroa Portuguesa intensificou a fiscalização e os impostos. A opressão culminou com a Inconfidência Mineira, movimento separatista liderado por intelectuais e profissionais liberais e que foi rechaçado duramente por Portugal.

De acordo com o autor, Vila Rica virou Imperial Cidade de Ouro Preto em 1823 e permaneceu como capital da Província de Minas Gerais até 1897, quando Belo Horizonte foi inaugurada.

Famosa por possuir o maior conjunto homogêneo da arquitetura barroca no Brasil, foi decretada, Cidade Monumento Nacional em 1933 e Patrimônio Cultural da Humanidade em 1980 pela Unesco.



FIGURA 1 – Ouro Preto – Vista panorâmica  
Fonte: aventurasbr.com



FIGURA 2 – Praça Tiradentes  
Fonte: mondego.com.br

### 3.2. Câmara Municipal de Ouro Preto

Segundo Campos, a Câmara Municipal de Ouro Preto (CMOP) foi fundada em 1711 e está localizada na Praça Tiradentes, Centro, na Casa Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Atualmente, o Legislativo municipal conta com quinze vereadores, e seu presidente é o vereador Thiago Mapa.



FIGURA 3 – Prédio da Câmara Municipal de Ouro Preto  
Fonte: [www.cmop.mg.gov.br](http://www.cmop.mg.gov.br)

Campos apresenta a palavra *vereador*<sup>33</sup>, que vem do verbo *verear*, contração de *verificar*, cuidar da boa administração da vila, reger e cuidar da “res publica” ou do bem público. Portanto, de acordo com a autora, a Câmara Municipal possui três funções básicas: legislativa, que consiste na elaboração de leis sobre matérias da competência do município; fiscalizadora, que tem por objetivo o exercício do controle da administração local, principalmente quanto à execução orçamentária e ao julgamento de contas prestadas pelo prefeito (o controle externo da Câmara Municipal é exercido com o auxílio do Tribunal de Contas do Estado); e administrativa, restrita apenas à sua organização interna, ou seja, sua estrutura de funcionamento e no que se refere à elaboração de seu regimento interno.

A Mesa Diretora da CMOP é, atualmente, composta pelos seguintes membros: vereador Thiago Mapa, presidente, vereador Edison Ribeiro, vice-presidente, vereador Leonardo Barbosa, primeiro-secretário e, por fim, vereadora Solange Pereira, como segunda secretária. Durante a ausência do prefeito e de seu vice, a cidade fica sob a responsabilidade do presidente da CMOP.

---

<sup>33</sup> Fonte: [www.cmop.mg.gov.br](http://www.cmop.mg.gov.br).



FIGURA 4 – Composição da Mesa Diretora da Câmara Municipal de Ouro Preto  
Fonte: [www.cmop.mg.gov.br](http://www.cmop.mg.gov.br)

As competências da Mesa Diretora da CMOP são:

- I. dirigir os trabalhos legislativos e tomar as providências necessárias à sua regularidade;
- II. apresentar projetos de resoluções que disponham sobre criação, modificação ou extinção de cargos ou funções da Secretaria da Câmara, a correspondente remuneração, observados os parâmetros estabelecidos pela Lei de Diretrizes Orçamentárias e o disposto na Legislação Federal pertinente;
- III. apresentar projeto de Decreto Legislativo que vise à autorização para o(a) Prefeito(a) ausentar-se do Município;
- IV. encaminhar, de ofício ou a requerimento do Plenário, pedido de informação por escrito ao(à) Prefeito(a), a Secretário(a), a dirigente de entidade da administração direta ou indireta ou a outras autoridades municipais;
- V. encaminhar, de ofício ou a requerimento do Plenário, pedido de informação por escrito ao(à) Prefeito(a), a Secretário(a), a dirigente de entidade da administração direta ou indireta ou a outras autoridades municipais;
- VI. apresentar Projeto de Resolução fixando os subsídios do(a) Prefeito(a), do(a) Vice-Prefeito(a), dos(as) Secretários(as) Municipais e dos(as) vereadores(as), nos termos da Legislação Federal;
- VII. apresentar Projeto de Resolução abrindo créditos adicionais ao Poder Legislativo;
- VIII. apresentar Projeto de Resolução dispendo sobre organização administrativa da Câmara. (CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO).

O órgão possui como missão, visão e valores:

**Missão:** Legislar, fiscalizar e prestar serviços públicos, com ética, respeito, eficiência e transparência, de forma integrada, visando à melhoria da qualidade de vida dos moradores do município de Ouro Preto.

**Visão:** Ser referência em legislação, fiscalização e gestão no âmbito nacional.

**Valores:** Comprometimento; confiança; credibilidade; espírito de equipe; ética; foco no cliente; honestidade; respeito; transparência.



FIGURA 5 – Sessão Plenária  
Fonte: CMOP



FIGURA 6 – Brasão da Câmara Municipal de Ouro Preto<sup>34</sup>  
Fonte: [www.cmop.mg.gov.br](http://www.cmop.mg.gov.br)

<sup>34</sup> O atual brasão da cidade foi concedido a Vila Rica por D. João V quando a erigiu à vila, em 1711. Reproduz graficamente a topografia da vila, ou seja, três morros – Cabeças, Santa Quitéria (Praça Tiradentes) e Alto da Cruz e dois vales – Antônio Dias e Pilar do Ouro Preto. O listel *Pretisum aurum nigrum* (Precioso áureo e negro) refere-se à cor escura do ouro que ocorre na região e que deu origem ao nome da cidade. As datas de 1711 e 1789 referem-se, respectivamente, à fundação e à Inconfidência Mineira.



A qualidade do trabalho nas atas da CMOP não havia sido questionada internamente nesse órgão até que houve a contratação de um estagiário do curso de Letras em 2007, a pedido do então coordenador do setor, WSM<sup>35</sup>, agente legislativo I, que era responsável pela elaboração das atas das reuniões ordinárias e monitorava a redação das APs. A princípio, a contratação do estagiário seria apenas para a revisão de algumas atas. Para isso, foi necessário conhecer todo o funcionamento da Seção, bem como aprender a redação e a elaboração desses documentos. Com a saída do coordenador em 2008, o setor careceu de um coordenador e de um funcionário efetivo para garantir a continuidade do trabalho. Durante algum tempo, uma funcionária de outro setor exerceu a função. Eu, na época, exercia a função de agente legislativo III. Minha função consistia em redigir e revisar as atas das reuniões ordinárias e conferir a redação das atas das APs feitas pelos demais funcionários da Seção. Com a minha saída em fevereiro de 2011, mostrou-se imperativo que um profissional do curso de Letras ficasse responsável pela elaboração e revisão das atas como um todo. Em setembro de 2011, portanto, foi criado o cargo de assessor de redação de atas que, primeiro, foi exercido por mim e, atualmente, é ocupado pela funcionária CLF<sup>36</sup>.

### **3.3. O gênero textual ata**

Segundo o Manual de Redação da Presidência da República, a redação oficial “é a maneira pela qual o poder público redige atos normativos e comunicações.” (BRASIL, 2002, p. 3). Essa deve ser imbuída de impessoalidade, uso do padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Os atos normativos devem ser transparentes e de fácil compreensão, já que seu princípio fundamental é informar com clareza e precisão.

Na CMOP, algumas atas podem ser redigidas somente por funcionários efetivos da instituição, já que os assessores e funcionários contratados não responderiam ao princípio da imparcialidade em seus escritos. O Manual de Redação Parlamentar da Assembleia do Estado de Minas Gerais (ALMG, 2013) ressalta a necessidade da padronização de documentos oficiais de órgãos públicos. Os documentos oficiais, geralmente, obedecem a um padrão em sua formatação. No caso das atas da CMOP, esse padrão foi estabelecido internamente, desde que começaram a ser digitadas. Elas possuem margens determinadas a fim de serem

---

<sup>35</sup> Escreve-se apenas as iniciais dos profissionais para preservar suas identidades.

<sup>36</sup> Foram utilizadas apenas as iniciais do nome da funcionária a fim de preservar sua identidade.

encadernadas posteriormente; o cabeçalho é padronizado e nele constam o tema da ata e o nome da instituição (no caso a CMOP); e no rodapé, tem o número da página/número total de páginas. Esse padrão foi estabelecido pelo funcionário efetivo WSM, que era chefe da Seção.

As atas das APs são assinadas por seu autor. Ele se torna, portanto, responsável pela redação precisa do que foi dito e discutido durante a reunião. Já as atas das reuniões ordinárias são aprovadas durante a reunião e assinadas por todos os vereadores presentes. Cada um recebe uma cópia com antecedência a fim de que possa aprovar ou não a redação das atas. Eles se tornam, portanto, responsáveis pelo que nelas está escrito.

O Manual de Redação Parlamentar da Assembleia de Minas distingue os documentos parlamentares em quatro categorias: textos de natureza técnico-legislativa (relacionados com o processo legislativo propriamente dito e por cuja autoria os próprios parlamentares respondem), textos de natureza político-administrativa (elaborados devido às atividades político-administrativas da instituição), textos de natureza técnico-consultiva (escritos e assinados por consultoria especializada) e textos de natureza política (relativos às manifestações parlamentares de cunho predominantemente político). As atas estão inseridas nos documentos de natureza político-administrativa, já que são registros do que acontece durante as reuniões.

Segundo o manual, são partes desses tipos de documentos: título, fecho, texto, assinatura e identificação do autor. Formalmente, esse gênero textual inicia-se com elementos essenciais à identificação da reunião a que se refere, traz a lista dos presentes e dos fatos ocorridos. Tanto na ALMG quanto na CMOP, a redação segue o transcurso da reunião estabelecido pelo Regimento Interno da instituição e a ordem cronológica da mesma.

O Regimento Interno da CMOP não especifica nada a respeito da redação das atas. Portanto, adota-se o padrão da redação da Assembleia: as atas podem ser transcritas na íntegra (tudo o que é dito é transcrito quase que literalmente, pois pode haver correções ortográficas e/ou gramaticais) ou resumidamente (há um resumo de tudo o que ocorreu durante a reunião). Além disso, elas podem ser atas de reuniões ordinárias ou atas de audiências públicas. O objeto de estudo deste trabalho são as atas das APs da CMOP.

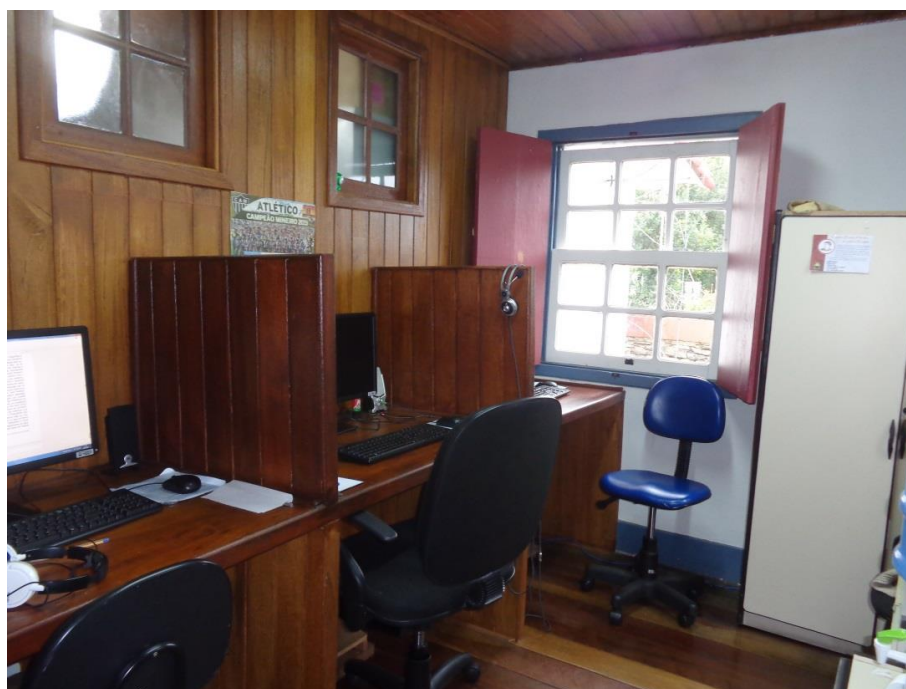


FIGURA 7 – Seção de Atas<sup>37</sup>  
Fonte: A própria autora

### 3.4. Catalogação dos dados

As APs da CMOP geralmente são solicitadas pelos vereadores quando há algum problema envolvendo a comunidade e que precisa ser discutido e solucionado. Assim, são convidadas para participar da audiência as autoridades sobre o assunto e os envolvidos no problema. Durante as reuniões, primeiro falam os convidados; a seguir, os vereadores. Depois disso, a palavra é aberta à comunidade. Nas considerações finais, são dadas sugestões por parte dos participantes para a resolução da questão em pauta.

Além desse caso, há também as APs para prestações de contas. Os secretários municipais têm a obrigação de comparecer à CMOP prestarem contas de suas ações de três em três meses. Nesse tipo de reunião, o secretário fala, logo após os vereadores e, depois disso, a palavra é aberta aos membros da comunidade que queiram questionar ou fazer alguma observação a respeito do tema em discussão.

---

<sup>37</sup> A redação das atas de reuniões ordinárias e de audiências públicas é feita com base no áudio das reuniões. A Seção de Atas é composta por três cabines, e a sala possui isolamento acústico para que os funcionários possam concentrar-se no que escutam pelos fones de ouvido sem interrupções dos outros setores. Foto tirada em 25 mar. 2015

As atas de APs da CMOP, necessariamente, por serem documentos oficiais, obedecem a um padrão: são compostas por uma introdução (consta a data, o nome de quem a presidiu, o nome dos presentes e a abertura da sessão), o corpo da ata (transcrevem-se as falas de todos os que participaram da reunião) e o final (frase final que se consta a data, o nome e o cargo do redator da ata).

A parte da ata que nos interessa é justamente o corpo do documento, em que são transcritas as falas de todos os participantes da reunião. Nesse item, são encontrados as três variantes das orações relativas a serem analisadas no presente estudo.

Foram escolhidas para o *corpus* desta pesquisa as atas das APs da CMOP entre os anos de 2001 e 2012. O *corpus* é constituído por 193 atas, sendo que:

QUADRO 1  
Quantidade de atas de Audiências Públicas por ano (2001 a 2012)

Números de atas de Audiências Públicas – 2001 a 2012	
Ano	Quantidade de atas
2001	4
2002	8
2003	16
2004	6
2005	25
2006	16
2007	25
2008	23
2009	22
2010	19
2011	21
2012	8

Por meio de uma análise prévia dessas atas, percebeu-se que, além da autoria, o número de páginas, de palavras e o tipo de ata (íntegra ou resumo) influenciavam no aparecimento das relativas não-padrão. Portanto, esses critérios foram utilizados para a seleção da amostra. Devido a esse fato, não foi possível analisar amostras de atas de todos os anos supracitados. Isso também não fez muita diferença, pois os autores redigiram alguns

documentos até mesmo anos depois da reunião acontecer. Observou-se que o tema das reuniões pouco importava para o aparecimento das orações relativas; apenas as atas em que havia discussões exaltadas sobre temas polêmicos possuíam um menor monitoramento da fala. Além disso, foram retiradas da amostra as atas produzidas por mim.

Apresenta-se, no quadro a seguir, a relação de atas selecionadas para a amostra relacionada por autores<sup>38</sup>:

**QUADRO 2**  
Total das atas selecionadas por autores

<b>Autores (13)</b>	<b>Atas selecionadas</b>	<b>Código das atas<sup>39</sup></b>	<b>Número de páginas</b>	<b>Número de palavras</b>
APA	14/05/2008	APA1	20	16.961
	23/12/2008	APA2	18	14.593
AFP	11/08/2011	AFP1	4	2.732
CGF	17/05/2007	CGF1	35	29.608
	20/02/2008	CGF2	51	32.757
DAF	24/06/2003	DAF1	27	22.234
	21/11/2006	DAF2	30	21.507
ELT	14/04/2011	ELT1	22	18.107
	05/07/2011	ELT2	13	9.574
ECP	30/05/2003	ECP1	23	11.787
LGF	29/10/2007	LGF1	29	22.285
	08/10/2010	LGF2	24	19.402
MSO	17/12/2007	MSO1	28	21.321
	18/02/2008	MSO2	25	19.014
RAE	21/03/2001	RAE1	26	20.227
	12/06/2002	RAE2	25	18.741
RDB	22/03/2006	RDB1	25	18.535

<sup>38</sup> Os nomes dos autores foram apresentados com apenas as iniciais dos prenomes e sobrenomes a fim de preservar suas identidades.

<sup>39</sup> As atas foram nomeadas de acordo com as iniciais do autor para preservar suas identidades. Portanto, já que são duas atas de cada um, exceto por AFP e ECP, as atas, neste trabalho serão nomeadas como atas 1 e 2. Esses números estão acoplados às iniciais dos autores das atas.

	01/09/2010	RDB2	32	26.597
SRM	20/05/2007	SRM1	29	24.919
	10/10/2007	SRM2	28	23.812
TFS	27/09/2010	TFS1	37	27.949
	12/04/2011	TFS2	14	10.290
WSM	19/10/2006	WSM1	34	25.408
	26/02/2007	WSM2	26	22.716

Foram selecionadas, portanto, as duas atas de cada autor que possuíam maior número de páginas/palavras. A fim de preservar a identidade das pessoas, elas foram nomeadas com algumas das iniciais de seus prenomes e sobrenomes. Dois dos funcionários redigiram apenas uma ata. Portanto, em um total de 13 autores, foram selecionadas 24 atas para serem analisadas.

### 3.5. O programa estatístico *Goldvarb*

Guy & Zilles (2007) corroboram com a afirmação de que toda pesquisa dialetal é inerentemente quantitativa e cada vez mais vem sendo amparada e abordada em termos essencialmente quantitativos. Segundo os autores, em uma análise desse tipo, os principais cursos estão na coleta de dados, redução e apresentação e interpretação e explicação dessas informações.

De acordo com eles, nem sempre é possível coletar todos os dados relevantes disponíveis, logo, é necessário confiar em uma amostra dos dados possível e contornar todos os problemas provenientes disso. Portanto, uma das melhores maneiras de garantir representatividade seria usar uma amostra aleatória, construída de maneira a dar uma probabilidade de todos os tipos de informantes serem incluídos. Para isso, é preciso que se obtenha tantos dados quanto possível, pois mais é sempre melhor. Mesmo que o pesquisador se preocupe com os números, o essencial em qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é apenas produzir esses resultados, mas, por meio deles, identificar e explicar fenômenos linguísticos.

Guy & Zilles destacam o programa *Goldvarb* (*Varbrul*) como um conjunto de programas computacionais de análise multivariada que é estruturado a fim de acomodar dados

de variação linguística. Essa análise permite investigar situações em que a variável linguística é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. “A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente.” (GUY & ZILLES, 2007, p. 105).

Para os autores, o resultado das análises feitas por esse programa apresenta medidas dos efeitos das variáveis independentes e de outros elementos. Além disso, também é possível para o pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, o tamanho e a direção dos efeitos das variáveis independentes.

O *Goldvarb* é utilizado especialmente porque vai além de uma análise de percentagens e frequência, o que seria uma análise univariada e suscetível a resultados incorretos e que não controle as demais variáveis. O programa permite que seja construído um modelo completo e específico dos processos e efeitos, fazer os testes de significância, etc., que não aparecem em um simples cálculo de porcentagem. Além disso, tolera muito bem desvios na linguagem natural, o que seria fatal em outros métodos que exigem uma distribuição equivalente em todas as células. Possibilita, ainda, uma recodificação e outros manuseios dos dados, além de contribuir para uma construção matemática dos mesmos. Esse tipo de abordagem feita pelo programa é uma das mais poderosas e sofisticadas na estatística.

## IV. ANÁLISE DOS DADOS

Apresentam-se, a seguir, a descrição e análise das orações relativas padrão preposicionadas e não-padrão encontradas nas atas para a realização desta pesquisa. Este trabalho considera variável como sendo o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata nos dizeres de Coelho *et al.* (2014, p. 17).

As variáveis dependentes são as variantes estudadas das orações relativas: padrão preposicionada, cortadora e copiadora. O *Goldvarb* utiliza análises binárias, portanto, as porcentagens calculadas pelo programa mostrarão a análise da estratégia não-padrão em relação à padrão, já que a primeira é a estratégia inovadora e foi encontrada em maior quantidade em relação à segunda. Isso será visualizado nos gráficos e dados que serão apresentados posteriormente.

As variáveis independentes são os fatores linguísticos que caracterizam as orações relativas preposicionadas e os fatores sociais que procedem dos autores das atas da CMOP.

De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 164), *Goldvarb* oferece duas opções para rodar os dados: *one level* (um nível) e *step-up/ step down*. A diferença entre as duas é que a opção *step* testa a significância de cada grupo de fatores, enquanto a opção *one level* não faz isso. A fim de fazer uma análise sociolinguística mais avançada e completa, optou-se pela rodagem de dados em *step*. Esse tipo de rodada do *Goldvarb* calcula os pesos relativos usando todos os fatores e grupos de fatores presentes no arquivo. O resultado é um peso relativo (PR) para cada um dos fatores e, a cada rodada, um *input* e um valor de *log-likelihood* (logaritmo de verossimilhança) e um valor de significância. A rodada *step-up* faz tudo isso repetindo o método sucessivamente para várias combinações de grupos de fatores. Isso começa com o processo de testar os grupos individualmente, adicionando-os um a um. A seguir, no *step-down*, o sistema é o contrário, retirando os grupos da análise um por um. Dessas rodadas, são escolhidos os melhores grupos fatores, em ordem de significância e, ao mesmo tempo, são eliminados os fatores que não possuem significância para a variável estudada.

Foram rodados pelo programa nove grupos de fatores e, devido ao valor de significância, que será explicado posteriormente, foi selecionada a rodada de número 37 pelo *Goldvarb* como *step-up*. A rodada *step-down* foi excluída da análise deste trabalho por apresentar um número de significância inferior ao da rodada *step-up*.



Conforme dito anteriormente, as rodadas *step-up* e *step-down* apresentam três números que garantem a significância dos resultados: *input*, *log-likelihood* e *significância*. O *input* ( $p_0$ ) representa “o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 238). Os pesos relativos dos fatores são calculados pelo programa em relação a esse nível geral. A taxa geral de  $p_0$  é de 0,40, dadas as expectativas sobre a distribuição equilibrada dos dados. Portanto, em termos numéricos, quando  $p_0$  se afasta do valor base é porque o programa precisou corrigir fatores que não estão em equilíbrio na amostra. Em uma análise sociolinguística, é muito difícil conseguir uma amostra equilibrada, e esta pesquisa possui uma amostra com dados numéricos muito diferentes entre os fatores. O presente trabalho tem  $p_0 = 0,819$ . Isso significa que o programa equilibrou os fatores que estão sendo analisados a fim de apresentar resultados satisfatórios.

O *log-likelihood* (logaritmo de verossimilhança) mede a aproximação entre o modelo, representado pelos pesos relativos, e os dados observados (GUY e ZILLES, 2007, p. 238). O seu valor absoluto varia em função da quantidade de dados (quanto maior o número de dados, maior o valor absoluto), da aproximação entre as previsões do modelo (número de aplicações esperado em cada célula, se o modelo for correto) e dos dados observados (quanto mais distante, maior o valor). Esse valor sempre é negativo devido a uma característica própria do programa, e o *log-likelihood* dessa análise é igual a -269,327.

A significância ( $p$ ) mede a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira, se essa hipótese tem baixa probabilidade de ser verdadeira, diz-se que o estudo é significativo. O ponto de corte de  $p = 0,05$ , portanto, números menores ou iguais a esse valor apontam significância. Essa pesquisa apresenta  $p = 0,036$ , portanto, o presente estudo é significativo e a hipótese nula tem baixa probabilidade de ser verdadeira.

Assim, esta pesquisa apresenta  $p_0 = 0,819$ , ( $p_0 > 0,05$ , fatores equilibrados pelo *Goldvarb*), *log-likelihood* = -269,327 (valor alto) e  $p = 0,036$  ( $p < 0,05$ , o que indica valores de significância). Esses números apontam baixa probabilidade de ocorrência da hipótese nula e aproximação entre os modelos e os dados observados.

O *Goldvarb* aponta os PRs dos fatores analisados. O PR é o produto gerado pelo programa, um conjunto de dados que indica o efeito de determinado fator sobre o uso da variante investigada, calculando, assim, sua tendência probabilística. O valor dos PRs recai em um intervalo entre 0 e 1, sendo que o valor zero ocorre quando o fator nunca está presente na variante, e o valor 1 indica que tal variante sempre advém quando o fator está presente. Quando temos valores numéricos de 0,0 a 0,49, a variável dependente desfavorece o uso da

variante observada, quando temos entre 0,51 e 1,0, a variável dependente contribui para o emprego da variante observada. Quando o PR é 0,50, não há favorecimento ou desfavorecimento.

Serão descritos a seguir, em gráficos e tabelas, as porcentagens (%), os números (N<sup>os</sup>) e os PRs<sup>40</sup> de acordo com os fatores que foram apresentados e estudados neste trabalho. Além disso, serão mostrados alguns números de dados que não foram rodados no programa, mas que foram utilizados nesta pesquisa.

#### 4.1. A variável dependente

##### 4.1.1. Número total de ocorrências das orações relativas: padrão e não-padrão

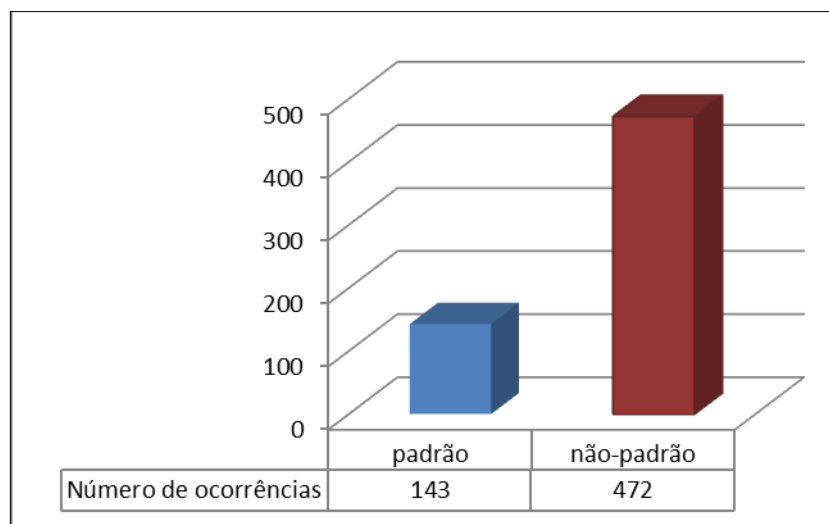


GRÁFICO 1 – Total de ocorrências

<sup>40</sup> Nem sempre os PRs são condizentes com as porcentagens e números de ocorrências. Isso se deve ao  $p_0$ , que é o valor numérico que faz com que o *Goldvarb* equilibre os fatores dentro das variantes a fim de equilibrar numericamente as ocorrências para gerar o PR confiáveis dos fatores analisados.

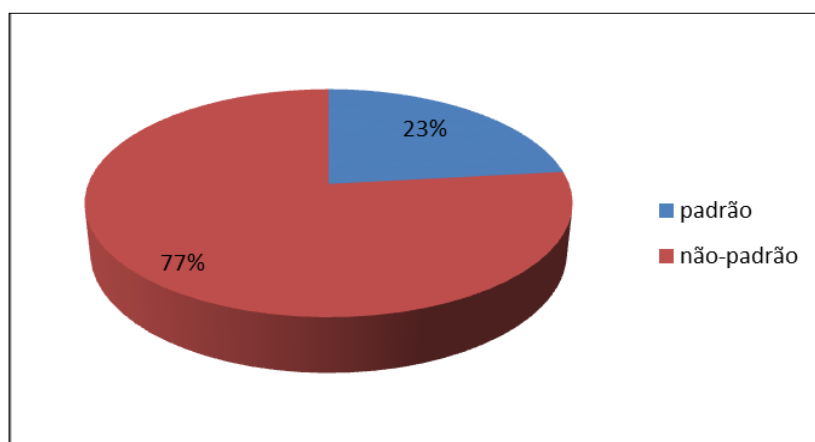


GRÁFICO 2 – Total de ocorrências por porcentagem

Foram encontradas, ao todo, 615 ocorrências, das quais 143 são de orações relativas padrão (23%) e 472 de orações relativas não-padrão (77%). Dentro dessas ocorrências, apenas o pronome relativo *que* apareceu. De acordo com as pesquisas de Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu, há uma tendência maior da utilização desse relativo em detrimento dos outros nas variantes das orações relativas estudadas.

#### 4.1.2. Número total de ocorrências das orações relativas – variantes: padrão, cortadora e copiadora

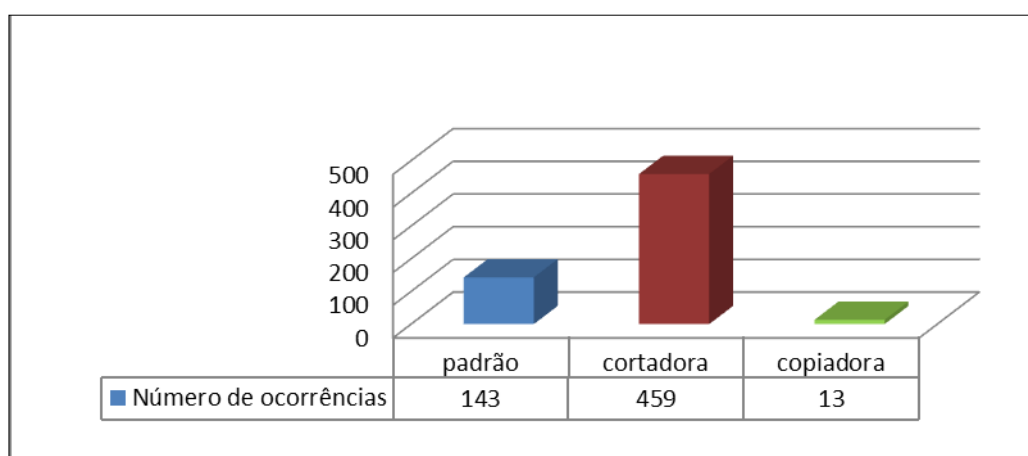


GRÁFICO 3 – Número de ocorrências por variante

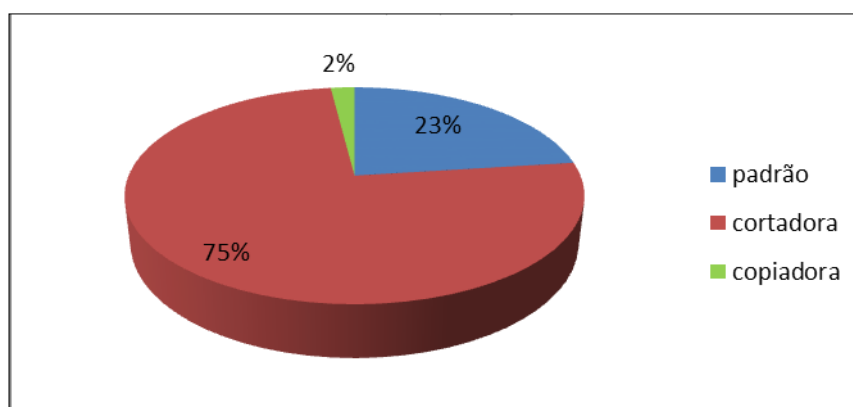


GRÁFICO 4 – Porcentagem de ocorrências por variante

De acordo com os gráficos 3 e 4, as atas apresentaram 143 ocorrências da variante da relativa padrão (23%), 459 da variante da relativa cortadora (75%) e 13 da variante da relativa copiadora (2%).

Esses resultados são condizentes com os das pesquisas dos autores apresentados anteriormente. Kato *et al.* concluíram que há uma maior resistência dos falantes em utilizarem as orações preposicionadas na linguagem (nesse caso, a padrão) e acabam optando pelas relativas não preposicionadas (de sujeito ou objeto direto) ou pela estratégia cortadora. A pesquisa de Corrêa concluiu que os alunos tendem a esquivar-se do uso das preposições. O trabalho de Abreu demonstrou que as relativas de sujeito são as mais frequentes nas falas espontâneas de crianças e adultos. Logo, há uma propensão em se evitar a estratégia padrão, pois, segundo os autores, geralmente, o uso das preposições provoca dúvidas nos falantes. Como este estudo é feito em documentos escritos que possuem uma pretensa representação das falas, pode-se levantar a hipótese de que a tendência de se utilizar as estratégias não-padrão está se transferindo da fala para os textos escritos. Isso será observado por meio de uma comparação das atas com os documentos de áudio a fim de verificar as possíveis correções dos autores no fenômeno estudado.

Os dados numéricos e percentuais levantados nesta pesquisa condizem com os resultados de Mollica (1977) e Tarallo (1983), os quais afirmaram que o PB está caminhando a favor da estratégia cortadora. Kato *et al.*, Corrêa e Abreu também encontraram mais ocorrências da estratégia cortadora em seus trabalhos, confirmando as hipóteses de Tarallo e Mollica. Observa-se que o percentual encontrado dessa variante nesta pesquisa supera as demais condizendo, assim, com os estudos mencionados anteriormente.

Da mesma forma, conforme os dados dos autores supracitados, a estratégia copiadora é a menos encontrada nas atas. É importante ressaltar que esses resultados corroboram com as conclusões de Mollica e Tarallo, os quais afirmam que essa é a estratégia mais estigmatizada pelos falantes e, por isso, a menos utilizada. Na pesquisa de Abreu, foi encontrada apenas uma ocorrência dessa variante. Para ela, devido ao fato de essa estratégia ser a menos utilizada, demora a entrar no repertório linguístico das crianças do que as demais estratégias.

## 4.2. As variáveis independentes

### 4.2.1. Os dados linguísticos das ocorrências

Apresentaremos, nesta parte, os dados linguísticos selecionados e encontrados nas ocorrências das variantes estudadas das orações relativas.

- A) **Natureza semântica do antecedente:** o fator é relevante porque foram encontradas porcentagens significativas de ocorrências com alguns antecedentes semânticos em comum. Por isso, foi possível agrupá-los em: *tempo*, *lugar*, *coisas e seres em geral* (coisas, objetos e seres animados), *ações* (palavras que indicam ações e também as que estão relacionadas às que indicam trabalhos e estudos), *publicações* (termos jurídicos, legislativos e matemáticos) e *outros* (termos que não se encaixam semanticamente dentro das categorias anteriores).
- B) **Classe gramatical do antecedente:** os antecedentes mais comuns se enquadram nas as classes gramaticais de *substantivo*, *advérbio*, *numeral* e *pronome indefinido*. Esse agrupamento permitiu também definir quais as naturezas dos antecedentes mais recorrentes nas variantes estudadas.
- C) **Preposição requerida pelo pronome relativo:** as preposições encontradas foram: *de*, *em*, *sobre*, *a* e *com*. Será apresentado, mais adiante, um estudo comparativo para saber quais preposições foram mais encontradas nas variantes estudadas. No caso das variantes não-padrão, será feito, conforme o contexto da oração, um estudo da preposição necessária caso aquela variante fosse padrão.
- D) **Função sintática do pronome relativo:** as funções sintáticas estudadas nas variantes foram as de *adjunto adverbial*, *objeto indireto* e *complemento nominal*.
- E) **Presença de traço especificado ou não-especificado do antecedente:** o fator foi estudado no trabalho de Mollica. É caracterizado pela presença de preposição,

artigo definido, pronome possessivo e/ou pronome demonstrativo. Já o traço não-especificado é marcado pela presença de artigos indefinidos, pronomes indefinidos ou qualquer vocábulo com ideia indeterminadora.

- F) Traço humano e traço não-humano do antecedente:** o traço pesquisado no trabalho de Mollica mostrou-se determinador de fatores.
- G) Distância entre o relativizador e a cópia:** o traço analisado por Mollica e Tarallo em seus trabalhos, a ser estudado nos casos da estratégia copiadora para verificar se a distância entre o relativizador e a cópia favorece essa estratégia.
- H) Verbos principais mais recorrentes nas orações relativas:** a existência de verbos principais que são recorrentes nas orações relativas e em quais variantes eles se repetem mais é um fator importante a ser analisado e relacionado com os demais.

Para a rodada no programa *Goldvarb* considerou-se os seguintes dados linguísticos: *natureza semântica do antecedente do pronome relativo, classe gramatical do mesmo, preposição requerida pelo pronome, função sintática dele e presença do traço especificado ou de traço não-especificado do antecedente*. Os demais dados não serão rodados pelo programa, mas serão utilizados na realização deste trabalho. Esses fatores foram analisados e agrupados de acordo com o quadro apresentado a seguir:

**QUADRO 3**  
Fatores linguísticos das orações relativas

<b>Natureza semântica do antecedente</b>	tempo	lugar	Seres em geral (coisas, objetos e seres animados)	Ações (trabalho, estudo)	Publicações (termos legislativos, jurídicos e matemáticos)	Outros (substantivos diversos)
<b>Classe gramatical do antecedente</b>	substantivo	advérbio	numeral	Pronome indefinido	..	..
<b>Preposição requerida pelo relativo</b>	de	em	outras	..	..	..
<b>Função sintática do relativo</b>	Adjunto adverbial	Complemento nominal	Objeto indireto	..	..	..
<b>Traço específico ou não do antecedente</b>	Presença de traço especificado	Presença de traço não-especificado	..	..	..	..
<b>Traço humano e não-humano</b>	Traço humano do antecedente	Traço não-humano do antecedente	..	..	..	..
<b>Distância entre o relativizador e a cópia</b>	Número de elementos entre o relativizador e a cópia	..	..	..	..	..
<b>Verbos recorrentes na oração relativa</b>	..	..	..	..	..	..

#### 4.2.2. Quantificação e análise dos dados linguísticos das ocorrências

As análises dos dados linguísticos das ocorrências das orações relativas, incluindo os resultados obtidos pelo programa *Goldvarb*<sup>41</sup>, são expostas neste item.

<sup>41</sup> Observa-se que a rodada dos dados foi feita em relação à estratégia não-padrão, portanto, os resultados das tabelas apresentam os pesos relativos em relação a essa variante.

A) **Natureza semântica do antecedente**

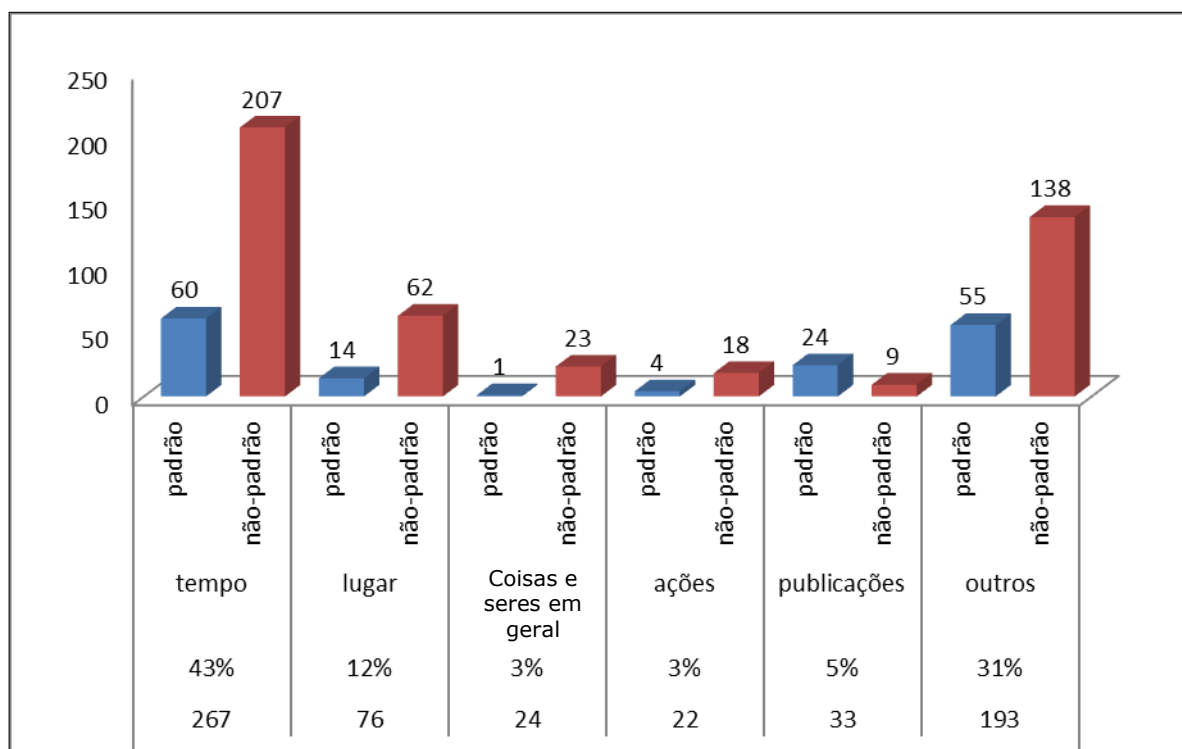


GRÁFICO 5 – Natureza semântica do antecedente

TABELA 1

Influência do fator natureza semântica do antecedente na variante não-padrão

	Nº/T	%	PR
<b>Tempo</b>	207/267	77	0,547
<b>Lugar</b>	62/76	81	0,622
<b>Coisas e seres em geral</b>	23/24	95	0,797
<b>Ações</b>	18/22	81	0,396
<b>Publicações</b>	24/33	72	0,463
<b>Outros</b>	138/193	71	0,365

Esse grupo de fatores está, de acordo com a rodada no *Goldvarb*, em sexto e último lugar dentre os fatores que favorecem as estratégias não-padrão.

Observa-se, no gráfico 5, que as palavras com campo semântico de *tempo* são as que possuem maior porcentagem nas duas estratégias (em um total de 43 seguidas do que foi chamado neste trabalho de campo semântico *outros*, que foi uma reunião de substantivos diversos não relacionados semanticamente entre si. Observa-se, em seguida, o campo semântico *lugar* em maior porcentagem no aparecimento das duas estratégias (em um total de



12%). Ressalta-se que, no campo semântico *publicações*, há um número maior de estratégias padrão em relação à não-padrão.

De acordo com os PRs, em ordem decrescente, propiciando as estratégias não-padrão, há os campos semânticos: *coisas e seres em geral* (96), *lugar* (97) e *tempo* (98). Os demais campos semânticos *outros* (99), *ações* (100) e *publicações* (101) favorecem o aparecimento da estratégia padrão.

Destacam-se, no favorecimento das estratégias não-padrão, os campos semânticos *lugar* e *tempo*, tanto numericamente quanto em relação aos PRs. É possível inferir que os falantes, ao realizarem orações relativas não-padrão, têm maior facilidade em apagar as preposições ao utilizar esses antecedentes semânticos, que geralmente estão associados à função sintática de *adjunto adverbial*. Já com relação às relativas padrão, ressaltam-se as *publicações*, tanto numericamente quanto em relação aos PRs. Provavelmente, isso se deve ao fato de que, ao envolver termos mais formais (jurídicos, matemáticos, etc.), os falantes monitorem mais sua fala e utilizem, com mais frequência, a preposição.

(96) TFS1C5. “[...] hoje estamos sem dois professores e tem saído professores demais da escola, houve um dia de prova que a gente estava sem quatro professores, porque os professores estão saindo das escolas no horário de aula e isso é inconstitucional, inclusive eu trouxe um... um pendrive que fala dos atos públicos [...]”.

(97) RAE1C4. “[...] Um exemplo muito prático disso, é a questão em que eu trabalhei diretamente que foi uma nova delimitação para o Parque da Cachoeira das Andorinhas que havia uma delimitação que considerava um quilômetro, um raio de um quilômetro em torno da Cachoeira. [...]”.

(98) APA1C9. “[...] tem dia que levanto e dá vontade de jogar tudo para o alto e me afastar da Associação Habitacional [...]”.

(99) CGF2P2. “[...] por instantes pensei que seria baleado pelo Cabo Ribeiro, tal era a ferocidade com que este miliciano (inaudível), isso tudo no pátio da Delegacia [...]”.

(100) CGF2P12. “[...] Senhor Marco, Tenente Coronel Marco Antônio Janeiro, há uma acusação no último parágrafo da carta do Delegado de plantão muito grave, que foi lida pelo Deputado Padre João e reafirmada pelo Vereador Kuruzu, de que o problema de acontecimentos como aquele seria de comando [...]”.

(101) CGF1P2. “[...] Isso eu vi uma estatística de que no primeiro ano de castração, em mil novecentos e noventa e seis, foram abandonados quinhentos animais na porta do centro [...]”.

## B) Classe gramatical do antecedente

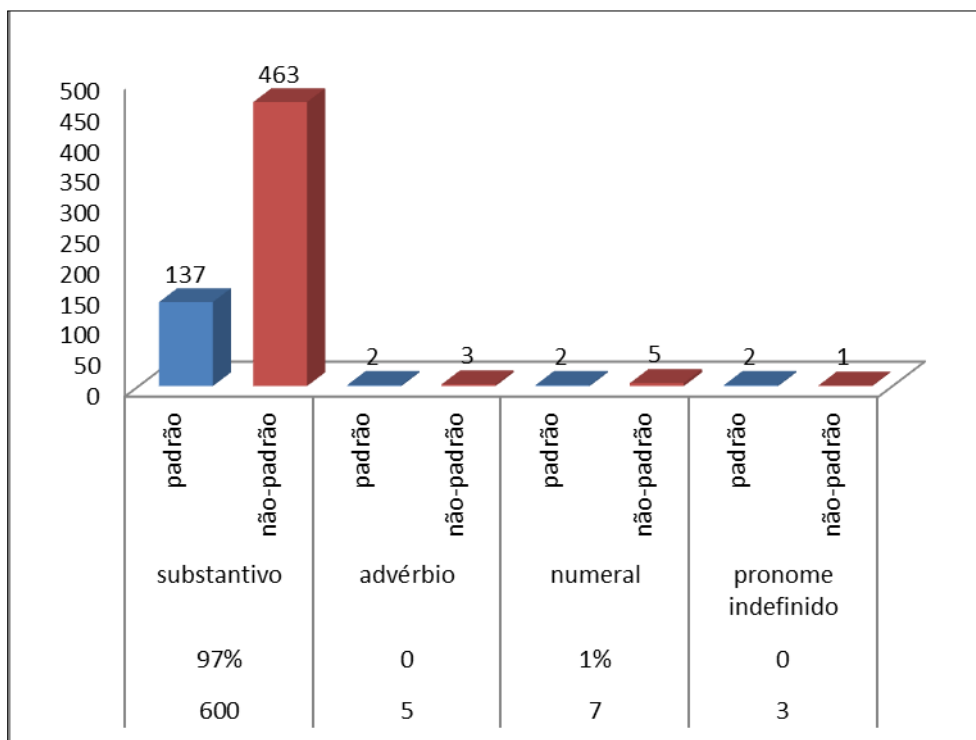


GRÁFICO 6 – Classe gramatical do antecedente

Esse grupo de fatores foi eliminado pelo *Goldvarb* por não ser considerado relevante dentre os demais grupos na incidência das variantes estudadas.

O gráfico<sup>42</sup> 6 mostra que a classe gramatical mais recorrente tanto para as ocorrências padrão quanto não-padrão é a de *substantivo* (102 e 103) com 600 aparições (97% do total). O maior número de casos foi nas relativas não-padrão. Os índices apresentados pelas demais classes gramaticais foram baixíssimos em relação a essa classe gramatical.

A classe mais encontrada foi substantivo devido ao fato de que as orações relativas funcionam, de acordo com as GNs citadas anteriormente, como adjuntos adnominais ou adjetivos, função sintática/classe gramatical que acompanha um nome (geralmente um substantivo), dando-lhe uma característica ou especificando-o.

<sup>42</sup> Todas as tabelas e os gráficos que não somarem 100% apresentam esse resultado em função do arredondamento feito pelo próprio *Goldvarb*.

(102) DAF1P12. “[...] Mas é por isso que insistimos na tese de que um ponto em cada bairro e em cada distrito vai de encontro a esse problema, porque o problema dela é a destinação final da coisa, porque a comunidade está disposta. [...]”.

(103) ELT1C16. “[...] Então, e mais ainda, eu parablenizo o trabalho da Gracinha, que o problema seria reciclagem entendeu, porque hoje a gente, são poucas as ações de reciclagem que a gente está conseguindo a suprir a demanda de embalagens, mas e daqui a hora que acabar, e a hora que todo material for biodegradável, vier de papel de celulose, e ai como nós faremos? [...]”.

### C) Preposição requerida pelo pronome relativo

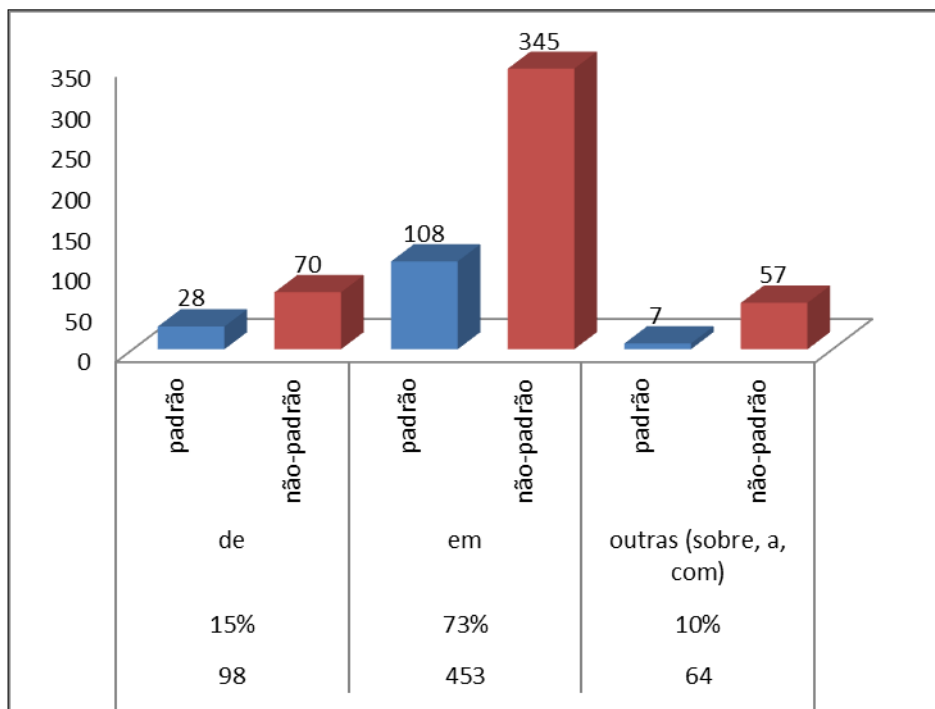


GRÁFICO 7 – Preposição requerida pelo pronome relativo

TABELA 2

Influência do fator preposição requerida pelo pronome relativo na variante não-padrão

	Nº/T	%	PR
<b>de</b>	70/98	71	0,329
<b>em</b>	345/453	76	0,498
<b>outras</b>	57/64	89	0,757

Esse grupo de fatores foi o quarto em ordem de relevância apontado pelo *Goldvarb* para o aparecimento das orações relativas não-padrão.

De acordo com o gráfico 7, tanto para as ocorrências padrão quanto não-padrão, a preposição mais requerida nas orações relativas, com 453 ocorrências (73%), é *em* (106 e 107). Provavelmente, isso ocorre devido à regência dos verbos principais das orações

analisadas. Mais uma vez, a variante mais encontrada numericamente e percentualmente foi a não-padrão.

Com relação aos PRs, as preposições que mais favorecem as variantes não-padrão está dentro do fator *outras* (*sobre, a, e com*) (104). A preposição com maior tendência de ocorrer na variante padrão são as *de* (105) e *em*.

O trabalho de Kato *et al.* mostra que, dentre todas as preposições, *em* é a mais exigida pelos contextos das relativas em geral, e a que mais aparece é *por*, apesar de ser a menos requerida pelo contexto. O presente trabalho, em termos de resultados percentuais, apresenta semelhança com o fato de ser *em* a preposição mais requisitada em todas as variantes. A preposição *por* não aparece no presente trabalho, diferentemente de Kato *et al.* A pesquisa de Corrêa observa que os alunos não utilizam preposições espontaneamente e ela precisou levá-los a empregá-la. Abreu aponta para uma possível resistência dos falantes em utilizarem a estratégia padrão devido a possíveis dúvidas com relação ao uso da preposição. Embora isso não tenha sido checado no presente trabalho, as conclusões da autora devem ser levadas em consideração devido ao alto número de estratégias não-padrão encontrado.

(104) DAF1C12. “[...] Até então o projeto que estávamos trabalhando era aquele projeto que estamos vivendo de cidadania e que não se pensava nisso. [...]”.

(105) RAE1P3. “[...] Eu tenho a impressão de que, após essas comunicações, a Polícia Militar, com os poucos recursos de que dispõe em Ouro Preto, prontificou-se em ter uma atuação mais firme nesta região. [...]”.

(106) DAF1P8. “[...] Na hora em que a coisa começar a funcionar vai ver se tantos por cento para a Prefeitura e tantos por cento para a Associação é viável ou se tem que rever isso. [...]”.

(107) DAF1C14. “[...] Então acho eu no balanço geral do projeto como um todo ele vai de encontro aos trabalhos das associações, das cooperativas porque a partir do momento que falamos que a linguagem universal do capitalismo é o dinheiro e uns gostam mais de dinheiro e outros gostam menos. [...]”.

## D) Função sintática do pronome relativo

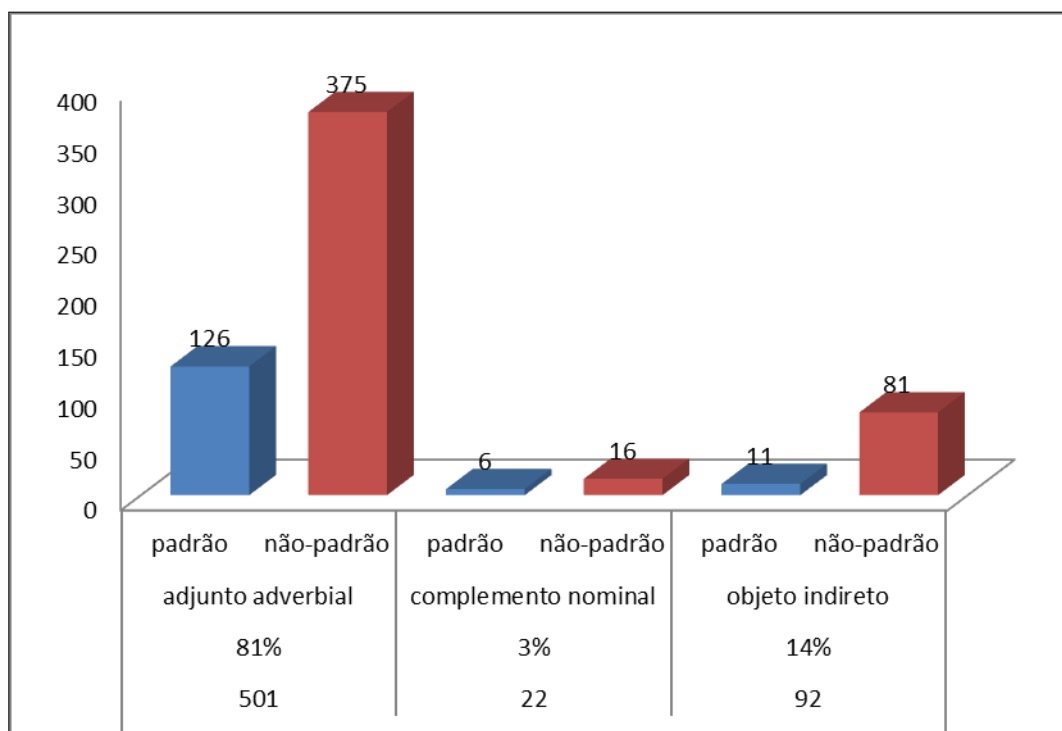


GRÁFICO 8 – Função sintática do pronome relativo

TABELA 3

Influência do fator função sintática do pronome relativo na variante não-padrão

	Nº/T	%	PR
<b>Adjunto adverbial</b>	375/501	74	0,443
<b>Complemento nominal</b>	16/22	72	0,490
<b>Objeto indireto</b>	81/92	88	0,777

Esse grupo de fatores foi o terceiro em ordem de relevância apontado pelo *Goldvarb* para o aparecimento das orações relativas não-padrão. Devido ao fato de que foram estudadas apenas as relativas padrão preposicionadas e não-padrão, analisaram-se as orações relativas com as funções sintáticas de *adjunto adverbial*, *complemento nominal* e *objeto indireto*. O tipo de função sintática mais encontrada percentualmente foi *adjunto adverbial* com 501 ocorrências (81%), tanto nas ocorrências padrão quanto naquelas não-padrão.

Os PRs indicam que a função sintática que mais favorece o aparecimento as variantes não-padrão é de *objeto indireto* (108). As funções sintáticas de *adjunto adverbial* (109) e de *complemento nominal* (110) tendem ao favorecimento da estratégia padrão.

As pesquisas Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu encontraram *adjunto adverbial* como a mais frequente nas funções sintáticas, ou seja, os resultados numéricos deste trabalho são condizentes com os estudos desses autores. Corrêa observou a tendência dos falantes produzirem, de preferência, relativas de sujeito e objeto sem preposição. Segundo a autora, tudo indica que se a posição relativizada for um adjunto adverbial dentro da relativa, o monitoramento da fala aumenta.

Com relação aos números e às porcentagens, a presente pesquisa corrobora com os resultados de Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu. Os PRs diferem desses resultados ao apresentarem a função sintática de *objeto indireto* como a que favorece mais a variante não-padrão em comparação à padrão. Isso pode ter acontecido devido à natureza do contexto de fala das atas analisadas, as APs, e as funções sintáticas estão relacionadas, provavelmente, à regência e/ou à transitividade dos verbos encontrados nas ocorrências das orações relativas.

(108) **APA2C19.** “[...] porque a gente não conseguiu captar todo o recurso que a gente precisa, então a gente está trabalhando gastando dentro da prioridade [...]”.

(109) **CGF1P6.** “[...] Aí a conclusão que eles chegaram: os municípios em que o Estado mata os animais, a população cumpre menos as normas, abandona mais e adota menos [...]”;

(110) **RDB2P5.** “[...] A questão do tombamento é um instrumento constitucional, está na constituição, de proteção patrimonial e cultural em que a comunidade se manifesta a favor ou não [...]”.

### E) Presença de traço especificado ou de traço não-especificado do antecedente

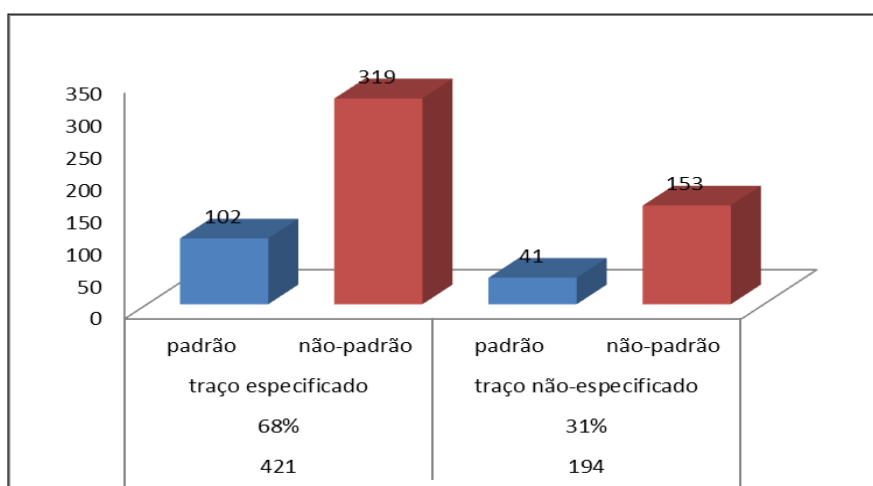


GRÁFICO 9 – Presença de traço especificado ou de traço não-especificado do antecedente

Esse grupo de fatores foi eliminado pelo *Goldvarb* por não ser considerado relevante dentre os demais grupos no aparecimento das variantes estudadas no presente trabalho.

Observa-se que o traço especificado do antecedente (Ex. 111 e 112) (*preposição, artigo definido, pronome possessivo e pronome demonstrativo*) foi o mais encontrado nas duas variantes padrão e não-padrão em 421 ocorrências (68% do total). Essas porcentagens e números estão de acordo com o trabalho de Mollica, no qual o traço especificado do antecedente mostrou-se formador de fatores no aparecimento das relativas cortadoras.

(111) CGF2P3. “[...] No momento em que eu tirei o meu filho do pescoço e o coloquei no chão, e fui para o toailete, desculpe a emoção mas depois que eu voltei do toailete vi um braço me abraçando, quando eu olhei para trás era um policial no qual eu não conhecia, fui conhecer no quartel o nome correto [...]”.

(112) CGF2C4. “[...] Então, depois se for o caso, na reunião privada que nós vamos ouvir os dois Policiais Militares [...]”.

#### F) Presença de traço mais ou menos humano do antecedente

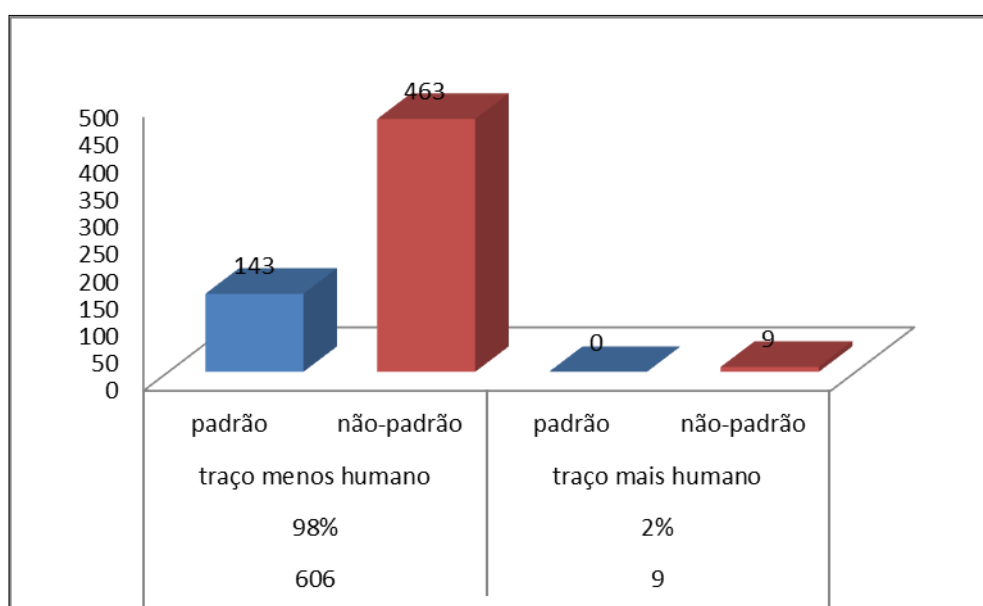


GRÁFICO 10 – Presença de traço mais ou menos humano do antecedente

Optou-se por não rodar esse grupo de fatores no programa *Goldvarb* devido à quantidade numérica e percentual encontrada. Esse fator linguístico foi o mais preponderante em questão numérica nas orações relativas, tanto padrão (113) quanto não-padrão (114). A maioria dos antecedentes possui traço menos humano, totalizando 606 ocorrências (98%). O resultado condiz com os de Mollica, em que o traço menos humano é formador de fatores nas orações relativas cortadoras.

(113) APA1P3. “[...] então pedir ai que esse discurso do governo de que o pessoal esta sendo usado não ajuda em nada só tenciona e em nível de embate o pessoal saberá o que fazer se tirar o pessoal de lá numa situação hostil eles saberão para onde ir[...]”.

(114) CGF2C24. “[...] os policiais haviam recebido a denúncia que havia uma pessoa traficando êxtase nesse local a Praça Reinaldo Alves de Brito, e essa denúncia deram as características físicas e os trajas [...]”.

### G) Distância entre o relativizador e a cópia

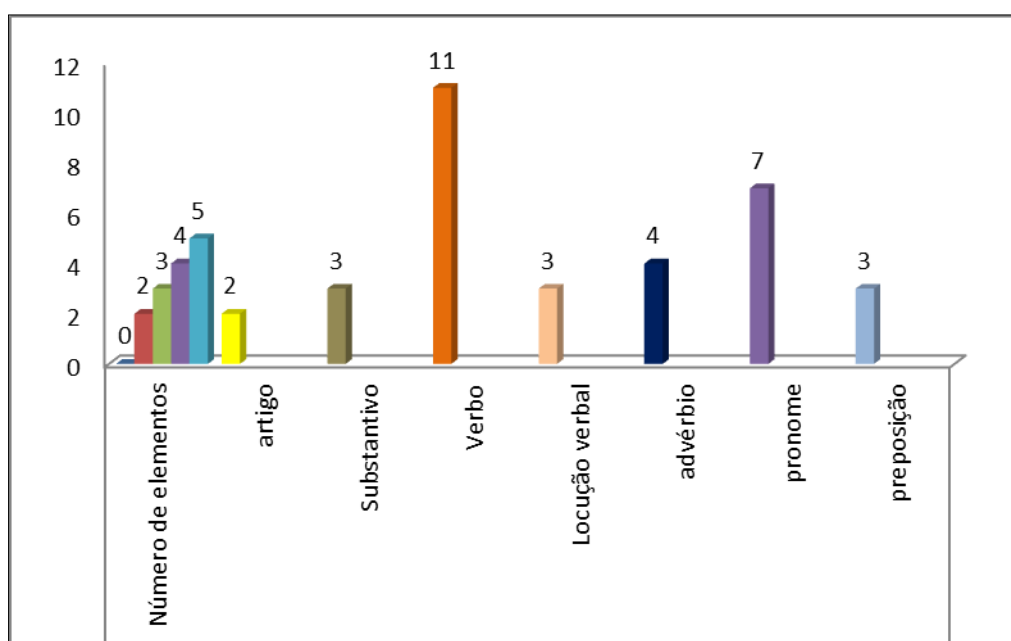


GRÁFICO 11 – Elementos entre o relativizador e a cópia

As ocorrências de orações relativas copiadora foram quantitativamente pequenas para fazermos alguma conclusão definitiva a respeito desse tipo de variante. Por isso, esse grupo de fatores não foi utilizado para a rodagem no *Goldvarb*.

Porém, nesta pesquisa, foram encontrados até cinco elementos entre o relativizador e a cópia, eles pertencem às seguintes classes gramaticais: *artigo*, *substantivo*, *verbo*, *locução verbal*, *advérbio*, *pronome* e *preposição*. Observa-se que a classe gramatical *verbo* (11 ocorrências) é a mais recorrente no caso analisado.

De acordo com Mollica e Tarallo, a distância é um traço importantíssimo nos estudos sobre a estratégia copiadora. Há uma tendência maior de se utilizar essa estratégia quanto maior for a distância entre o relativizador e a cópia, a fim de evitar ambiguidades que poderiam surgir nas frases. Além disso, de acordo com os autores estudados neste trabalho, essa estratégia é a mais estigmatizada e a menos preferida pelos falantes.



Apresentam-se, a seguir, dois exemplos de cinco elementos entre o relativizador e a cópia (Ex. 115 e 116):

(115) CGF1L2. “[...] Um cachorrinho que nasceu na rua, a hora que ele acaba de desmamar ele vai comer o quê? Ele não vai comer nada, ele não alcança a lixeira! Então, ele sobrevive, aquele cachorrinho que nasceu na rua, ele sobrevive se alguém tem a caridade ali de alimentar ele, se algum automóvel não atropelar, se ele não morrer da verminose que ele já nasceu infestado por ela, se ele não morrer das diversas intemperes e da instabilidade de vida que esse animal leva. [...]”.

(116) CGF2L2. “[...] porque eu vejo que o nosso olhar, talvez da sociedade, é um olhar que talvez vocês policiais não conseguem penetrar nele [...]”.

## H) Verbos principais mais recorrentes nas orações relativas

Foi encontrada uma grande quantidade de verbos diversificados nas orações relativas. Por isso, esse fator não foi rodado no programa. Foi possível, porém, realizar uma contagem deles e selecionar os que mais apareciam numericamente nas orações.

A discussão sobre a transitividade verbal das ocorrências encontradas será feita posteriormente em um outro trabalho.

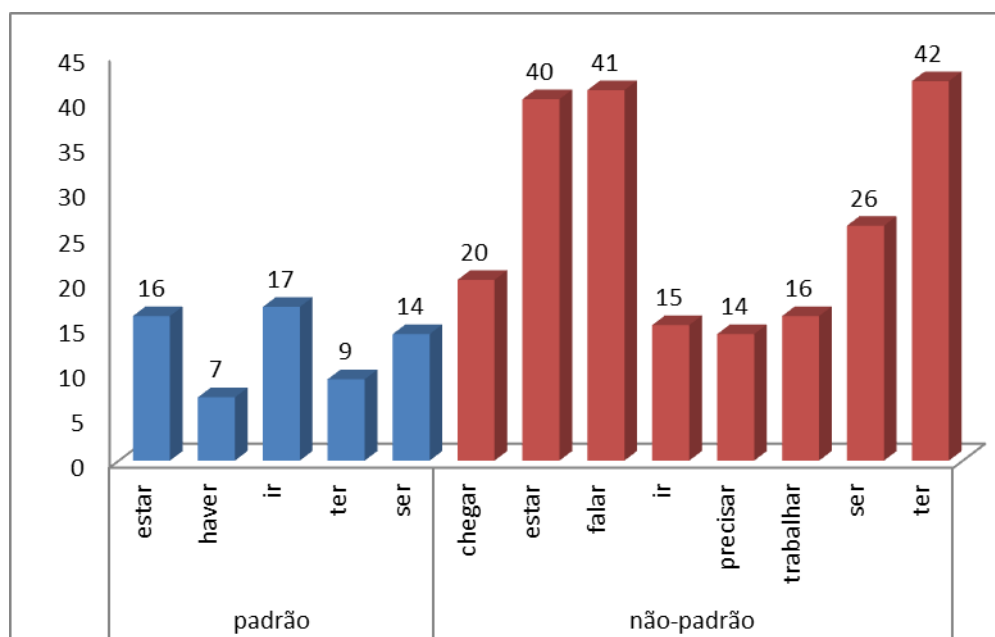


GRÁFICO 12 – Verbos principais mais recorrentes nas orações relativas

O gráfico 12 representa os verbos principais mais recorrentes nas orações relativas padrão e não-padrão. As orações não-padrão foram as encontradas em maior número (especialmente a variante cortadora), portanto, é natural que seus verbos principais também estejam em maior número com relação à variante padrão. Os verbos mais citados nessa

variante foram, em ordem decrescente: *ir, estar, ser, ter e haver* (Exs. 117, 118, 119, 120 e 121, respectivamente). Os verbos mais localizados na variante não-padrão foram, em ordem decrescente: *ter, falar, estar, ser, chegar, trabalhar, ir e precisar* (Exs. 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128 e 129, respectivamente).

Os verbos *ir, estar e chegar* estão associados, na maior parte das ocorrências, à função sintática de adjunto adverbial, pois os seus contextos seriam: *ir a algum lugar, estar em algum lugar e chegar a algum lugar*. Isso contribui para que essa função sintática tenha sido a mais encontrada percentualmente.

Os verbos *falar, trabalhar e precisar* estão associados à função sintática de *objeto indireto*: *falar de alguma coisa ou de alguém, trabalhar com alguma coisa ou com alguém e precisar de algo ou de alguém*. Como esses foram os contextos verbais mais recorrentes nas variantes não-padrão, pode-se associá-los ao PR encontrado na função sintática de *objeto indireto*, que foi a que mais favoreceu as relativas não-padrão na presente pesquisa, diferindo, assim, dos resultados dos trabalhos de Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu.

Observa-se que o verbo *haver* está presente apenas na variante padrão como um dos mais recorrentes, apesar de aparecer na variante não-padrão com menos ocorrências (GRÁFICO 13). Já os demais verbos recorrentes na variante padrão estão presentes na variante não-padrão, mas em posições diferentes na escala decrescente. Os verbos *falar, chegar, trabalhar e precisar*, mais recorrentes na variante não-padrão, estão presentes na variante padrão, porém, não foram os mais recorrentes dessa última.

(117) WSM1P1. “[...] A saúde nunca vai ser cem por cento, porque no dia em que for cem por cento não vai morrer ninguém. [...]”.

(118) RAE2P1. “[...] Na outra vez em que Vossa Excelência esteve aqui, nós pudemos conversar sobre isso. [...]”.

(119) CGF2P7. “[...] E nós viemos para conversar com a comunidade, e chegamos num momento em que você foi vítima dessa agressão, mas talvez até pela sua emoção, algumas coisas eu queria assim, mais esclarecidas [...]”.

(120) RAE2P5. “[...] Aí eu vou fazer a minha pergunta, secretário, tem uma licitação, de que eu tenho cópia, de uma empresa, não sei se é JALK ou INELTO, não sei qual das duas, que é de uma licitação de R\$ 7.000.000,00(sete milhões de reais), em torno disso. [...]”.

(121) DAF1P5. “[...] Hoje, nessa audiência, estamos aqui participando de um projeto que é assim, a princípio, um projeto pioneiro em termos de Minas Gerais como um todo em que há uma participação, há uma proposta de uma participação mais ligada do morador, do habitante dentro de um benefício que vai além da cidadania, mas vai também trazer alguns resultados para ele. [...]”.

(122) MSO1C13. “[...] Assumimos a pouco tempo, como uma instituição que tinha onze cursos de pós-graduação credenciados pela CAPS, em dois anos e meio, elevamos para vinte cursos, e com esses duzentos e sessenta quase, professores, em nível de doutor, ou de mestrado pelo menos, teremos a oportunidade de verticalizar mais ainda, temos outros cursos de pós-graduação pra jovens da região e do Brasil

todo, somos uma instituição pública federal, para acender também, para chegar também, ao seu mestrado e ao seu doutorado. [...]”.

**(123) RAE1P6.** “[...] Quem tiver arquivos da imprensa local da época vai poder ver, não me lembro o jornal da época, porque em Ouro Preto é um tal de criar e fechar jornal, mas houve um jornalzinho da época que fez inclusive uma reportagem comigo e com a Maria Benícia em que nós falávamos justamente da importância de se implantar a rede de esgoto no Morro de São Sebastião para que se pudesse garantir e preservar a nascente do Rio das Velhas e também para garantir o crescimento sustentável do Morro de São Sebastião. No final da administração Angelo Oswaldo, o ex Vice- Prefeito Flávio Andrade está aqui e sabe disso, nós participamos de uma cerimônia na Casa de Gonzaga em que nos foi apresentado um projeto patrocinado pela Fundação Nacional de Saúde em que se tinha a intenção de fazer a licitação de tratamento de esgoto do Morro de São Sebastião. [...]”.

**(124) APA1C20.** “[...] eu já venho trabalhando por vocês a mais tempo outro assunto é referente a devolução do valor não é a primeira vez que eu escuto sobre essa questão, a última vez que eu estive aqui através de uma audiência através de uma reunião eu escutei também desse fato e eu gostaria de esclarecer a todos, atualmente nós temos já a mais tempo um programa de legitimação de posse através do nosso servidor Sinval, servidor público municipal [...]”.

**(125) ELT1C14.** “[...] O Calimério como eu falei só lembrando, foi Diretor aqui da Fábrica de Tecidos muitos anos, e por coincidência recebi uma documentação dele hoje, tocante a amido de milho que ele é representante, exatamente usado para as sacolas biodegradáveis [...]”.

**(126) LFG1C10.** “[...] eu estive em uma apresentação outro dia, que por sorte chegou um turista de BH, que conhecia a mesa [...]”.

**(127) ELT2C4.** “[...] aí você tem um tratamento que é feito com a pessoa e com a família que são atendidas pelos programas que a equipe trabalha, desenvolve [...]”.

**(128) CGF2C13.** “[...] Ah Ricardo, igual hoje eu vim lá de casa para cá e as pessoas perguntando para mim; no dia que eu estava indo para o médico, que o próprio...a Prefeitura cedeu o carro para me buscar em casa porque com essa perna aqui eu não estava andando, inclusive até no dia que eu fuí no Quartel para dar depoimento, eu estava com essa perna doendo, o próprio advogado estava me apoiando para mim poder andar [...]”.

**(129) APA1C21.** “[...] e todos os esclarecimentos que vocês precisarem podem me procura na procuradoria do município [...]”.

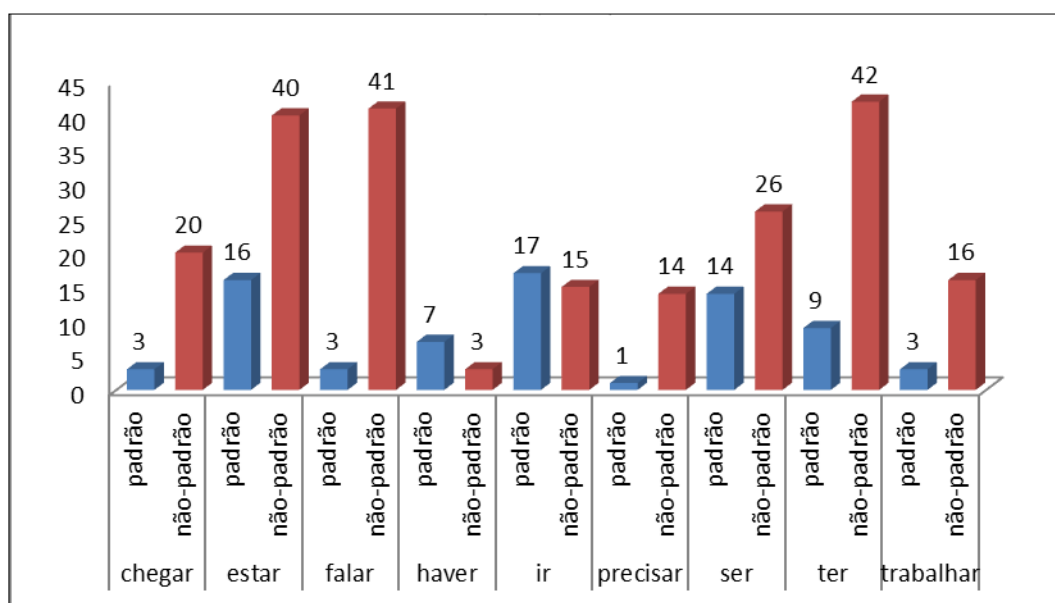


GRÁFICO 13 – Comparação numérica entre os verbos mais recorrentes nas variantes padrão e não-padrão

Conforme dito anteriormente, os verbos mais recorrentes na variante padrão foram, em ordem decrescente: *ir*, *estar*, *ser*, *ter* e *haver*; e na variante não-padrão, também em ordem decrescente: *ter*, *falar*, *estar*, *ser*, *chegar*, *trabalhar*, *ir* e *precisar*. Os verbos que as duas variantes possuem em comum são *estar*, *ir*, *ser* e *ter*. Dessa forma, observa-se que, desses verbos em comum, apenas *ir* possui um número aproximado entre as duas variantes analisadas. Os demais verbos em comum seguem a regra e são mais recorrentes na variante padrão.

Os demais verbos *estar* e *haver* (recorrentes na variante padrão) e *falar*, *estar*, *chegar*, *trabalhar* e *precisar* (recorrentes na variante não-padrão) foram encontrados em quantidades mínimas na outra variante relação à variante à qual são mais recorrentes.

#### 4.2.3. Os dados extralinguísticos das ocorrências

Como não foi possível obter os dados extralinguísticos (idade, escolaridade, gênero, classe social, etc.) dos informantes das atas (aqueles que costumam falar nas APs), recuperaram-se os dados extralinguísticos ou sociais dos autores das atas e utilizou-se o critério autoria a fim de fazer a seleção dos documentos.

Nesta parte do trabalho, serão demonstrados os fatores extralinguísticos dos autores são relevantes para a redação das atas.

- A) **Gênero:** masculino (M) ou feminino (F).
- B) **Faixa etária:** utilizadas três faixas etárias para encaixar os autores, sendo que (1) de 18 a 30 anos, (2) de 31 a 59 anos e (3) a partir de 60 anos.
- C) **Escolaridade:** ensino fundamental completo, ensino médio completo, ensino técnico completo ou graduação completa. Será distinguida se a graduação é em Letras ou outra, pois esse pode ser um fator que influencie na correção dos documentos.
- D) **Tempo de serviço na CMOP:** o fator pode ser relevante, já que quanto maior o período dentro da instituição, maior será o conhecimento do funcionário a respeito de seu funcionamento.
- E) **Tempo de serviço na Seção de Atas:** o fator é apenas para aqueles que ocuparam unicamente a função de redator de atas durante algum tempo. Quanto maior o tempo no setor, maior contato com o gênero e maior os conhecimentos adquiridos a respeito dele.
- F) **Cargo na CMOP:** a maioria dos funcionários contratados exerce o cargo de agente legislativo III, para quem tem ensino médio completo e pode exercer qualquer função dentro da instituição. Porém, na prática, isso não ocorre, pois pessoas com ensino superior completo podem ocupá-lo. O cargo de assessor parlamentar é aquele em que o funcionário assessora o vereador em seu gabinete dentro da CMOP e, geralmente, é ocupado por meio de indicação. Observa-se que *cargo* é diferente de *função*. A *função* o funcionário pode exercer em qualquer setor na CMOP e ocupar o mesmo *cargo* que outro que exerça em uma *função* totalmente diversa.
- G) **Profissão:** alguns dos autores possuem outra profissão além daquele cargo que exercem na CMOP. Portanto, colocamos a profissão como um fator que pode influenciar a redação e/ou correção dos documentos.
- H) **Modalidade:** efetivo ou contratado. O funcionário efetivo costuma ter mais tempo de serviço do que o funcionário contratado, portanto, ele pode ter tido um contato maior com o gênero textual ata, mesmo que tenha sido apenas colaborador da Seção de Atas.
- I) **Colaborador:** sim ou não. Os funcionários colaboradores são aqueles de outros setores que se dispuseram a fazer algumas atas de AP sem o compromisso de

ter um tempo definido para entregá-las. Eles redigiram atas apenas para ajudar a Seção de Atas (que se encontrava com muito trabalho em atraso) e para preencherem melhor algum tempo livre que eles tivessem durante o período de trabalho.

Apresenta-se, abaixo um quadro com a descrição dos fatores extralinguísticos dos autores das atas de APs.

**QUADRO 4**  
Fatores sociais dos autores das atas de Audiências Públicas

<b>Autores</b>	<b>APA</b>	<b>AFP</b>	<b>CGF</b>	<b>DAF</b>	<b>ELT</b>
<b>Gênero</b>	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
<b>Faixa etária</b>	2	3	2	2	2
<b>Escolaridade</b>	Ensino médio completo	Graduação em Letras	Graduação em Pedagogia	Graduação em Pedagogia	Ensino médio completo
<b>Tempo de serviço na CMOP</b>	10 anos	17 anos	6 anos	16 anos	4 anos
<b>Tempo de serviço na Seção de Atas</b>	..	2 meses	4 anos	..	..
<b>Cargo na CMOP</b>	Assessor Parlamentar	Agente Legislativo III	Agente Legislativo III	Agente Legislativo IV	Agente Legislativo III
<b>Profissão</b>	Assessor Parlamentar	Agente Legislativo III	Desempregada	Professora	Faxineira
<b>Modalidade</b>	Contratado	Efetivo	Contratado	Efetiva	Contratada
<b>Colaborador</b>	Sim	Não	Não	Sim	Sim
<b>Autores</b>	<b>ECP</b>	<b>LGF</b>	<b>MSO</b>	<b>RAE</b>	<b>..</b>
<b>Gênero</b>	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	..
<b>Faixa etária</b>	3	1	2	2	..
<b>Escolaridade</b>	Ensino médio completo	Técnico em Segurança do Trabalho	Técnico em Contabilidade	Graduação em Letras	..
<b>Tempo de serviço na CMOP</b>	16 anos	2 anos	14 anos	12 anos	..
<b>Tempo de serviço na Seção de Atas</b>	..	2 anos	2 anos	..	..
<b>Cargo na CMOP</b>	Assessora de Comissões	Agente Legislativo III	Agente Legislativo III/ Diretor de	Agente Legislativo I	..

			Compras		
<b>Profissão</b>	Assessora de Comissões	Técnico em Segurança do Trabalho	Sempre trabalhou na CMOP	Professora	..
<b>Modalidade</b>	Efetiva	Contratada	Contratado	Efetiva	..
<b>Colaborador</b>	Sim	Não	Não	Sim	..
<b>Autores</b>	<b>RDB</b>	<b>SRM</b>	<b>TSF</b>	<b>WSM</b>	..
<b>Gênero</b>	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	..
<b>Faixa etária</b>	2	2	1	1	..
<b>Escolaridade</b>	Graduação em administração pública	Técnico em Segurança do Trabalho	Graduação em Educação física	Mestre em Farmácia	..
<b>Tempo de serviço na CMOP</b>	8 anos	3 anos	4 anos	3 anos	..
<b>Tempo de serviço na Seção de Atas</b>	X	2 anos	2 anos	3 anos	..
<b>Cargo na CMOP</b>	Segurança desarmada/ Assessora Parlamentar	Agente Legislativo III	Agente Legislativo III, Assessora de Serviços Gerais, Diretora de Eventos	Agente Legislativo I	..
<b>Profissão</b>	Segurança desarmada/ Assessora Parlamentar	Técnico em Segurança do Trabalho	Professora	Agente Legislativo I/Estudante	..
<b>Modalidade</b>	Efetiva	Contratada	Contratada	Efetivo	..
<b>Colaborador</b>	Sim	Não	Não	Não	..

O quadro abaixo contém as informações que foram utilizadas na rodagem do *Goldvarb*. Ressalta-se que os demais fatores serão, também, considerados para o presente trabalho caso sejam necessários para alguma análise a ser feita. Não foram rodados no programa devido à sua grande diversidade e discrepância numérica.

## QUADRO 5

Fatores sociais utilizados para rodar no programa *Goldvarb*

FATORES EXTRALINGUÍSTICOS UTILIZADOS PARA RODAR NO PROGRAMA <i>GOLDVARB</i>			
Escolaridade	Tempo de serviço na CMOP	Tempo de serviço na Seção de Atas	Colaborador?
Ensino médio completo	Até 5 anos	Nunca trabalhou no Setor	Sim
Ensino técnico	De 6 a 10 anos	Até dois anos	Não
Graduação em Letras	De 11 a 15 anos	Até quatro anos	..
Demais graduações	De 16 a 20 anos	..	..

### 4.2.4. Quantificação e análise dos dados extralinguísticos das ocorrências

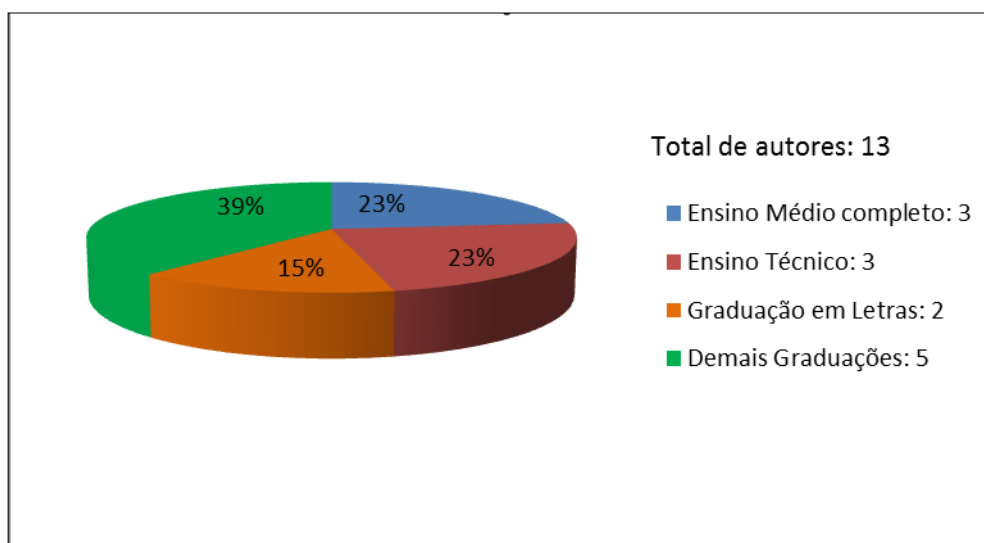


GRÁFICO 14 – Autores por escolaridade

Em um total de 13 autores, 3 possuem Ensino Médio completo (23%), 3 têm Ensino Técnico (23%), 2 possuem graduação em Letras (15%) e 5 são graduados em outras áreas (39%). Ou seja, trata-se de uma amostra desequilibrada no fator escolaridade dos autores.



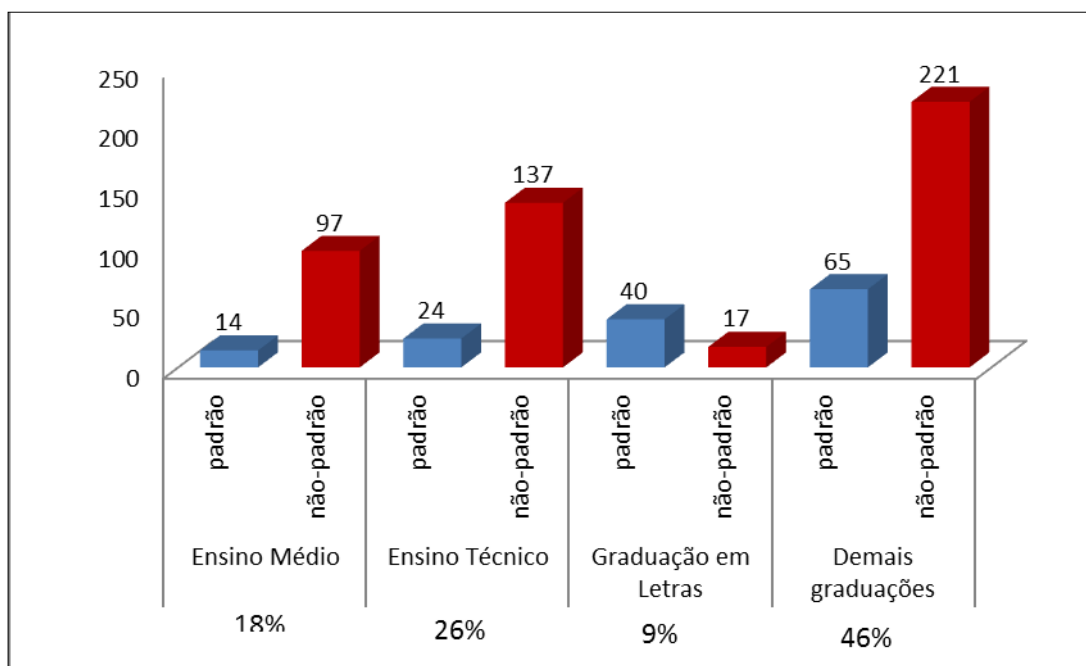


GRÁFICO 15 – Total de ocorrências por autor de acordo com a escolaridade

TABELA 4  
Influência do fator escolaridade dos autores na variante não-padrão

	Nº/T	%	PR
<b>Ensino médio completo</b>	97/11	87	0,631
<b>Ensino técnico</b>	137/161	85	0,552
<b>Graduação em Letras</b>	17/57	29	0,232
<b>Demais graduações</b>	221/286	77	0,478

Esse grupo de fatores foi o que mais influenciou o aparecimento das variantes não-padrão, de acordo com o *Goldvarb*. Observa-se, no gráfico 15, que os autores com demais graduações são responsáveis por 46% das ocorrências, seguidos dos que possuem ensino técnico (26%), depois os que têm ensino médio (18%) e, por fim, os profissionais que possuem a graduação em Letras (9%). Vale a pena ressaltar que o número de autores por escolaridade influenciou o resultado total das porcentagens das ocorrências. Porém, ao analisar as numerações e porcentagens das ocorrências padrão e não-padrão, observa-se que apenas os autores que possuem graduação em Letras superaram o número de ocorrências das variantes padrão (40) em relação à não-padrão (17). Os demais autores possuem, numericamente e percentualmente, mais ocorrências não-padrão do que padrão.

Os PRs apresentados na tabela 4 mostram que os fatores ensino médio completo e ensino técnico são os que mais influenciaram o aparecimento das variantes não-padrão. Já a graduação em Letras e as demais graduações são os fatores que induziram o aparecimento das variantes padrão, sendo que a graduação em Letras é o fator mais forte nessa variante. Portanto, observa-se que a tendência dos autores mais escolarizados é a de empregarem a estratégia padrão.

Todos os trabalhos anteriormente mencionados apontam para uma tendência dos falantes utilizarem orações relativas que não exijam preposição, independentemente da escolaridade. Mollica e Tarallo constataam que a variante cortadora vai sendo preferida à medida que aumenta a escolaridade dos falantes. Porém, os autores trabalharam com informantes menos escolarizados e de classe popular. As porcentagens e os números das ocorrências da presente pesquisa apontam para uma utilização das estratégias não-padrão em todos os níveis de escolaridade, já que essa foi a mais encontrada durante o estudo. Esses resultados corroboram com os de Corrêa e Abreu, que também notaram o maior uso das estratégias cortadoras em suas análises. Porém, ressalta-se que as autoras trabalharam com crianças e estudantes até o ensino médio.

É possível inferir, também, de acordo com PRs, que o fato de possuir graduação, especialmente em Letras, influencia no aparecimento das relativas padrão. Ou seja, apesar de as pesquisas apontarem para o uso da estratégia cortadora, ainda utiliza-se a estratégia padrão em autores mais escolarizados.

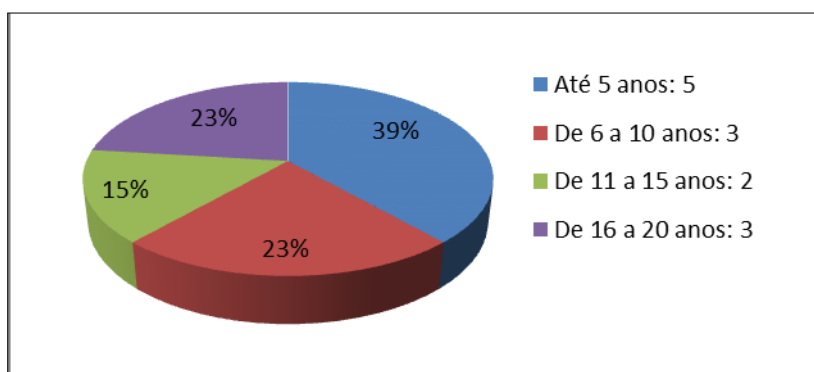


GRÁFICO 16 – Tempo de serviço dos autores na Câmara Municipal de Ouro Preto

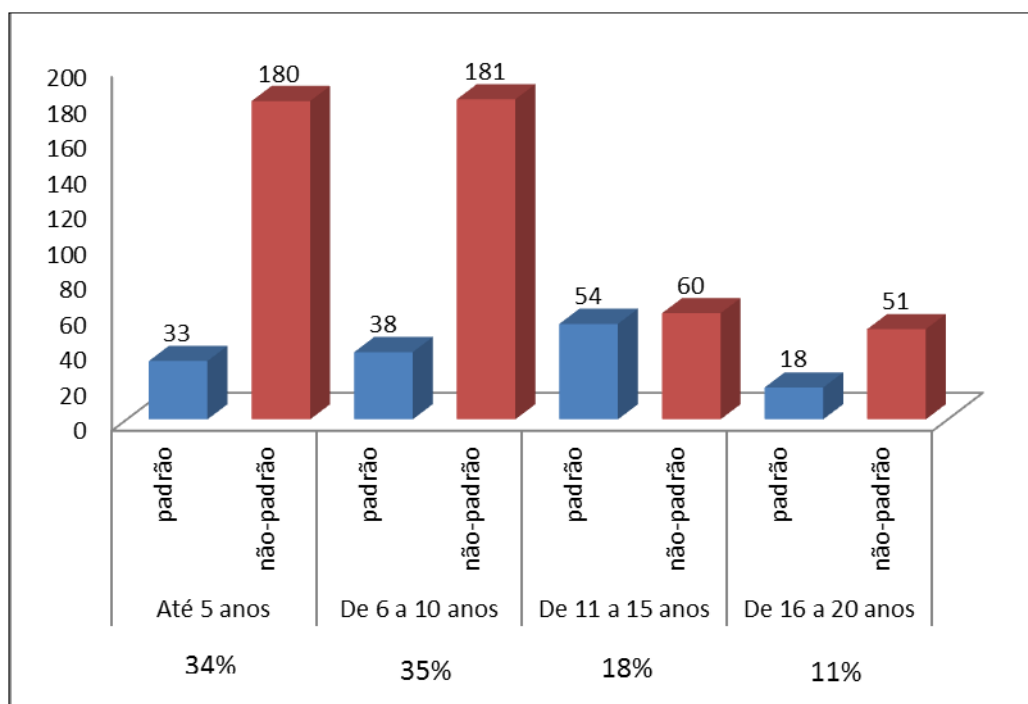


GRÁFICO 17 – Tempo de serviço na CMOP dos autores e as ocorrências.

TABELA 5

Influência do fator tempo de serviço na Câmara Municipal de Ouro Preto na variante não-padrão

	Nº/T	%	PR
<b>Até 5 anos</b>	180/213	84	0,489
<b>De 6 a 10 anos</b>	181/219	82	0,672
<b>De 11 a 15 anos</b>	60/114	52	0,234
<b>De 16 a 20 anos</b>	51/69	73	0,458

Esse grupo de fatores foi considerado o segundo mais importante pelo *Goldvarb* no aparecimento das orações relativas não-padrão.

É possível observar nos gráficos 16 e 17, devido ao fato de que os autores com até 10 anos de serviço na CMOP são maioria, detêm, numericamente, a maior parte das ocorrências das orações relativas. Essas são ocorrências não-padrão (180 para autores com até 5 anos de serviço e 181 para autores que possuem de 6 a 10 anos de serviço, totalizando 361 ocorrências). Apenas os autores com entre 11 e 15 anos de serviço de CMOP possuem um número praticamente equivalente de variantes padrão e não-padrão de orações relativas (54 padrão e 60 não-padrão).

Observa-se na tabela 5, por meio dos PRs, que o tempo de serviço na CMOP que mais favorece o aparecimento das estratégias não-padrão é de 6 a 10 anos. Os demais tempos de serviço na CMOP favorecem as estratégias padrão, especialmente os autores que possuem de 11 a 15 anos de serviço, cujo PR é maior para essa estratégia. Esses dados condizem com as porcentagens apresentadas no gráfico 17.

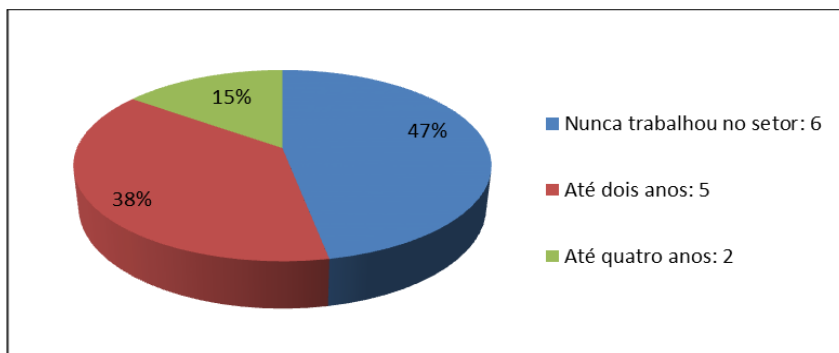


GRÁFICO 18 – Tempo de serviço dos autores na Seção de Atas

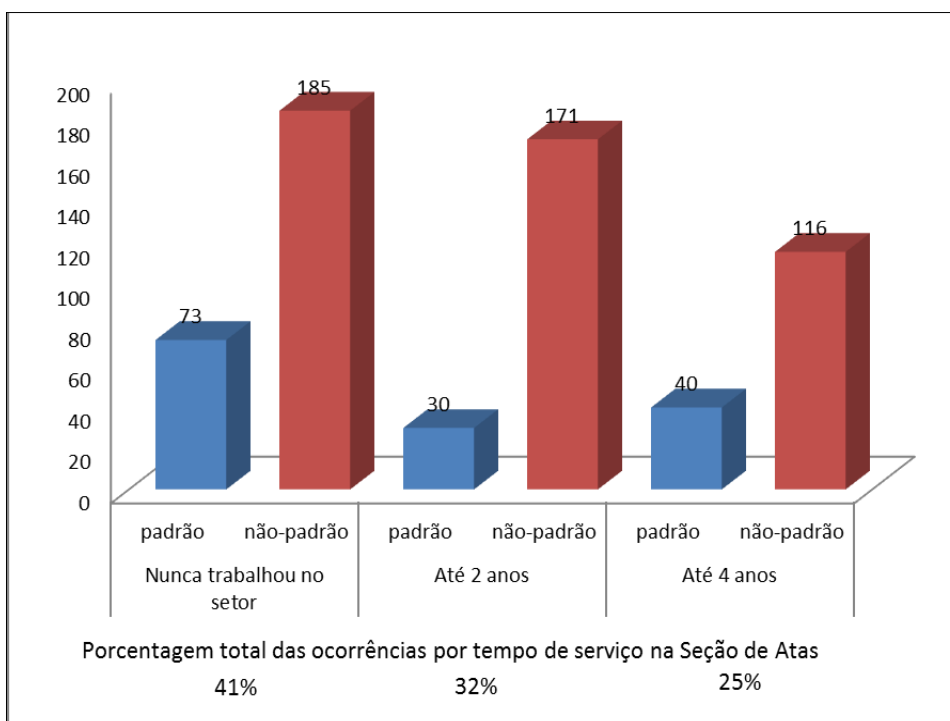


GRÁFICO 19 – Tempo de serviço dos autores na Seção de Atas e as ocorrências

**TABELA 6**  
Influência do fator tempo de serviço na Seção de Atas na variante não-padrão

	<b>Nº/T</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<b>Nunca trabalhou no setor</b>	185/258	71	0,444
<b>Até 2 anos</b>	171/201	85	0,706
<b>Até 4 anos</b>	116/156	74	0,320

Esse grupo de fatores é o quinto que favorece o aparecimento das estratégias não-padrão.

Observa-se que o tempo de serviço na Seção de Atas é curto, já que o setor é recente. Até então quem sempre faziam as atas eram os colaboradores, que possuem mais tempo de serviço de CMOP. Aqueles que nunca trabalharam no setor (6 pessoas) são os colaboradores (47%). A maior parte das pessoas que trabalhou na Seção de Atas atuou no setor por até dois anos, que é o tempo máximo para os contratados ficarem na CMOP. Apenas 2 pessoas ficaram (15%) até quatro anos no setor.

Os autores que nunca trabalharam no setor produziram, numericamente, mais ocorrências devido ao fato serem em maior número, colaboradores de outros setores da CMOP e da Seção de Atas ser recente. Já aqueles que ficaram no setor até 4 anos foram os que produziram uma porcentagem menor de ocorrências (25%). Os profissionais que mais produziram relativas padrão foram esses que nunca trabalharam na repartição, apesar de que o maior número de ocorrências em todos os tempos de serviço é o de relativas não-padrão.

Os PRs apresentados pela tabela 6 mostram que as pessoas que trabalharam até 2 anos no setor são um fator de auxílio ao aparecimento das estratégias não-padrão. Os que nunca trabalharam no setor e os que trabalharam até 4 anos favoreceram a estratégia padrão. Desse modo, os mais experientes na produção das atas são os que mais produziram estratégias padrão, e os menos experientes na produção do gênero textual criaram mais estratégias não-padrão. Esses dados dos PRs condizem com as porcentagens e os números apresentados no gráfico 19, o que relata a relação entre a experiência no setor e a produção das estratégias.

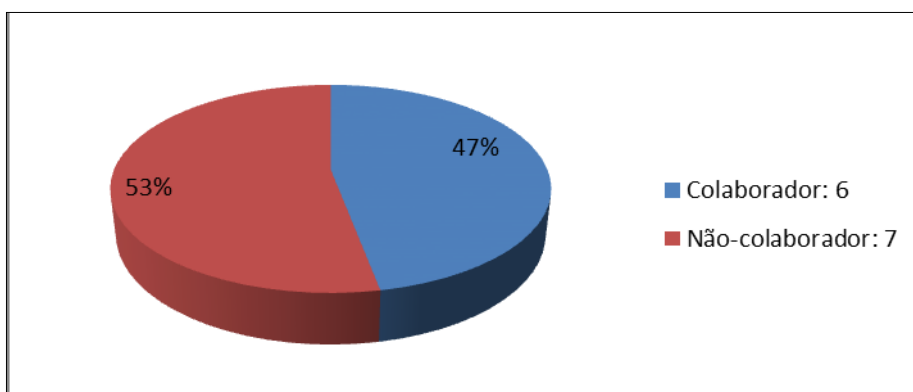


GRÁFICO 20 – Total de autores colaboradores e autores não-colaboradores

Observa-se que a porcentagem de colaboradores e não-colaboradores é aproximada, já que a diferença entre esses dois fatores é de um autor. Os colaboradores são aqueles que trabalhavam em outros setores que não o de Atas e os não-colaboradores são os que trabalhavam de fato na Seção de Atas e ficavam especificamente durante um tempo determinado nessa função.

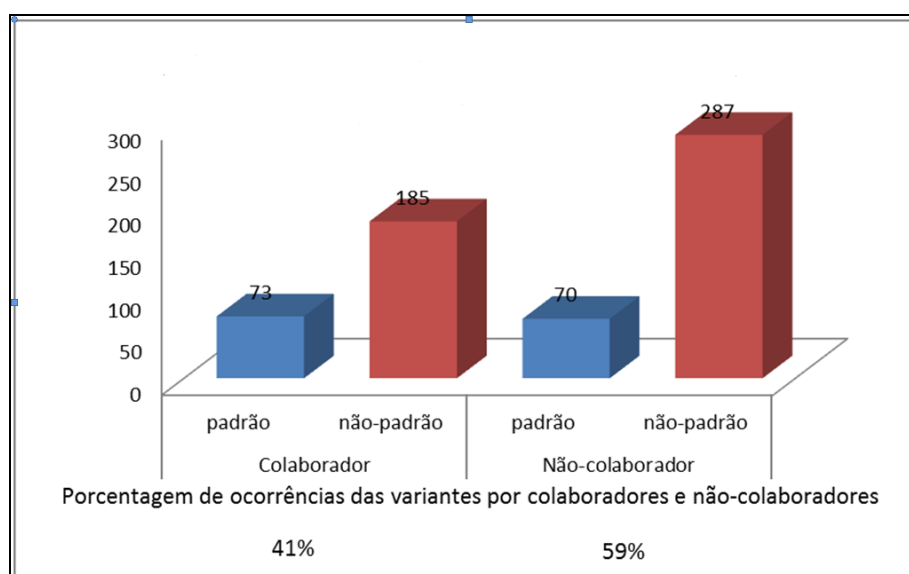


GRÁFICO 21 – Total de ocorrências por colaboradores e não-colaboradores

Esse grupo de fatores foi eliminado pelo *Goldvarb* por não ser considerado relevante dentre os demais grupos no aparecimento das variantes estudadas.

O gráfico 21 mostra que os autores não-colaboradores (que fizeram atas durante mais tempo e estão há mais tempo na CMOP) são responsáveis pela maior parte das ocorrências (59%). Todos produziram um maior número de relativas não-padrão, tanto colaboradores quanto não-colaboradores, porém esses últimos criaram um número maior de relativas não-padrão em relação aos primeiros. Quanto às relativas padrão, observa-se que nos dois fatores analisados essa modalidade é equivalente numericamente.

### 4.3. Análise e apresentação dos dados mais relevantes por variante

#### 4.3.1. As orações relativas padrão preposicionadas

Em um total de 615 ocorrências, 143 delas (23%) foram de relativas padrão preposicionadas. Os resultados corroboram com as pesquisas de Mollica, Tarallo e Kato *et al.*, que encontraram menos ocorrências dessa variante em relação à padrão. De acordo com Kato *et al.* e Abreu, há uma tendência dos falantes evitarem as relativas preposicionadas na linguagem, que acabam optando pelas não-preposicionadas (no caso, a cortadora ou as de sujeito e objeto direto). Corrêa, em sua pesquisa, precisou levar os alunos a utilizarem posições conscientemente, por não encontrá-las durante o andamento de seu trabalho.

Este estudo é realizado em textos escritos, portanto, eram esperadas mais ocorrências padrão preposicionadas do que as não-padrão. Como isso não aconteceu, dizer é possível detectar que há uma tendência de se evitar as estratégias padrão mesmo nesse gênero textual/texto escrito em que há uma pretensa representação da fala (com as devidas correções por parte dos autores, que será analisada em outra parte deste trabalho).

Ao fazer uma análise dos fatores linguísticos que favoreceram o aparecimento da variante padrão preposicionada, constatou-se:

- A) Natureza semântica do antecedente:** numericamente e percentualmente, o que mais aparece são as palavras com o campo semântico *tempo*. Com relação aos PRs, os fatores que mais favorecem essa estratégia são de campo semântico *outros*, *ações* e *publicações*. Percentualmente e no tocante aos PRs, destacam-se *publicações*, provavelmente pelo fato de que, ao envolver termos formais

(jurídicos, matemáticos, etc.), os falantes monitorem mais as suas falas e utilizem mais a preposição.

- B) Classe gramatical do antecedente:** a classe gramatical mais encontrada foi *substantivo*. Os índices das outras classes gramaticais foram baixíssimos em relação a essa. Isso ocorreu em razão de as orações relativas funcionarem, de acordo com as GNs citadas anteriormente, como adjuntos adnominais ou adjetivos, que são a função sintática/classe gramatical que acompanha um nome (geralmente um substantivo), dando-lhe uma característica ou especificando-o. Esse grupo de fatores foi eliminado pela rodada do *Goldvarb*.
- C) Preposição requerida pelo pronome relativo:** a preposição mais requerida numericamente e percentualmente foi *em*. Esses números corroboram com os resultados de Kato *et al.*, os quais afirmam que essa preposição é a mais requerida nos contextos gerais das relativas. Os PRs indicam que as preposições que mais favorecem o aparecimento da estratégia padrão são *de* e *em*, respectivamente. Isso provavelmente se deve à transitividade/regência dos verbos mais encontrados dentro das orações dessa variante.
- D) Função sintática do pronome relativo:** foram analisadas as orações relativas de função sintática de *adjunto adverbial*, *complemento nominal* e *objeto indireto*. Percentualmente e numericamente, a função sintática mais encontrada foi *adjunto adverbial*. Isso corrobora com as pesquisas de Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu. Os PRs indicam que as funções sintáticas que mais favorecem a relativa padrão são *adjunto adverbial* e *complemento nominal*. Isso provavelmente, assim como no grupo de fatores da preposição, em virtude da transitividade e/ou da regência dos verbos mais encontrados nas orações relativas padrão.
- E) Presença de traço especificado ou de traço não-especificado do antecedente:** percentualmente e numericamente, a presença de traço especificado foi a mais encontrada nas duas variantes. Esses números estão de acordo com os de Mollica, que considera esse traço formador de fatores no aparecimento das relativas. Esse grupo foi eliminado pela rodada do *Goldvarb*.
- F) Presença de traço mais ou menos humano do antecedente:** percentualmente e numericamente, a presença de traço não-humano do antecedente foi a mais preponderante nessa variante. O resultado condiz com os de Mollica, em que o



traço humano é formador de fatores das orações relativas. Esse grupo de fatores não foi rodado no programa *Goldvarb* devido à quantia numérica dele encontrada.

**G) Verbos principais mais recorrentes nas orações relativas:** os verbos mais encontrados na variante padrão foram, em ordem decrescente, *ir*, *estar*, *ser*, *ter* e *haver*. Os verbos *ir* e *estar* estão associados, especialmente, à função sintática de *adjunto adverbial*, pois seus contextos mais comuns requerem: *ir a algum lugar*, *estar em algum lugar*. Isso está em acordo com os PRs encontrados para o favorecimento dessa função sintática na variante padrão. Esse fator não foi rodado no *Goldvarb* devido ao grande número de verbos diferentes obtidos.

Ao fazer um estudo dos fatores extralinguísticos ou sociais que favoreceram o aparecimento dessa variante, verificou-se:

**A) Escolaridade:** percentualmente e numericamente, apenas os autores com graduação em Letras superaram as ocorrências padrão em relação às não-padrão. Os PRs mostram que os fatores graduação em Letras e as demais graduações são os que influenciam no aparecimento das relativas padrão. Trabalhos mencionados anteriormente, Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu, apontam para o uso das estratégias não-padrão em todas as escolaridades e um aumento da utilização da padrão com o aumento da escolaridade. Porém, Tarallo e Mollica trabalharam com informantes menos escolarizados e de classe popular; e Corrêa e Abreu, com crianças e estudantes de ensino médio. Tais autores apontam para o uso da estratégia padrão à medida que aumenta a escolaridade dos informantes. Os resultados do presente trabalho corroboram com esses estudos e ainda destacam a graduação em Letras como o fator que mais influencia no aparecimento das relativas padrão.

**B) Tempo de serviço na CMOP:** percentualmente e numericamente, os autores que têm de 11 a 15 anos detêm o maior número de relativas padrão. Esses percentuais são condizentes com os PRs que mostram esse fator com o maior PR na variante padrão. Isso mostra que, quanto maior a experiência na CMOP, maior a probabilidade de o autor produzir essa variante, já que sua experiência linguística com a redação de documentos oficiais é maior.

**C) Tempo de serviço na Seção de Atas:** os autores que nunca trabalharam no setor foram os que mais produziram ocorrências percentualmente e numericamente, já que eles sempre fizeram atas antes mesmo de o setor existir. Os

PRs desse fator mostram que favorecem as estratégias padrão quem nunca trabalhou no setor e os que trabalharam até 4 anos, ou seja, aqueles que possuem maior experiência ao redigir e/ou corrigir as atas que possuem a tendência de produzir mais estratégias padrão.

**D) Colaborador:** o número de colaboradores e não-colaboradores é equivalente (diferença de um autor), observa-se que o número de estratégias padrão foram equivalentes nesse grupo de fatores. Não é possível comparar essas porcentagens e numerações com os PRs, pois esse grupo foi eliminado pelo *Goldvarb*.

#### 4.3.2. As orações relativas não-padrão

Nesse aspecto, estão incluídas as variantes cortadora e copiadora, pois o programa *Goldvarb* utiliza análises binárias e somente foi possível rodar a variante padrão em relação à não-padrão. Em um total de 615 ocorrências, 472 (77%) foram de relativas não-padrão. Ainda, dentro das orações relativas não-padrão, 459 ocorrências são da variante da relativa cortadora (75%) e 13 da variante da relativa copiadora (2%).

Os resultados corroboram com as pesquisas de Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu. Mollica e Tarallo constataram um aumento significativo das ocorrências da estratégia cortadora e afirmaram que o PB está caminhando a favor dessa estratégia. De acordo com Kato *et al.*, Corrêa e Abreu, há uma inclinação de os falantes utilizarem estratégias sem preposição (cortadoras, de sujeito ou objeto direto). Corrêa precisou fazer com que seus sujeitos utilizassem conscientemente a preposição em seus trabalhos.

Há, portanto, uma tendência de se evitar a estratégia padrão, especialmente, devido ao o uso das preposições gerar dúvidas nos falantes. Como o nosso estudo é feito em documentos escritos que apresentam uma pretensa representação da fala, o fato de encontrarmos mais estratégias não-padrão neles pode ser um fator indicativo de que esse fenômeno está sendo transferido para a esfera escrita da língua. A fim de verificar possíveis correções dos autores, será feito um levantamento entre o áudio das atas e a correção que elas podem ter sofrido.

Com relação à estratégia copiadora, por ser um caso especial e que apresentou números pequenos, serão feitas algumas considerações separadamente. Essa seção tratará das duas estratégias conjuntamente devido à forma de análise do *Goldvarb* mostrada anteriormente.

Ao fazer um estudo dos fatores linguísticos que favoreceram o aparecimento de variantes não-padrão, encontrou-se:

**A) Natureza semântica do antecedente:** numericamente e percentualmente, o que mais ocorreu foram palavras com o campo semântico *tempo*. Com relação aos PRs, os fatores que mais favoreceram essas estratégias foram *coisas e seres em geral*, *lugar e tempo*. O campo semântico *coisas e seres em geral* engloba muitas palavras diversas e, por isso, pode ter sido considerado um fator relevante pelo programa. Destacam-se, também, os campos semânticos *lugar e tempo*, tanto percentualmente quanto em relação aos PRs. Isso é possível devido ao fato de esses campos semânticos estarem ligados à função sintática de *adjunto adverbial*, que foi a mais encontrada numericamente em comparação às estratégias padrão e não-padrão.

**B) A classe gramatical do antecedente:** assim como na estratégia padrão, nas estratégias não-padrão, a classe gramatical mais encontrada foi *substantivo*. Os índices das outras classes gramaticais foram baixíssimos em relação a essa. Isso ocorreu porque as orações relativas funcionam, de acordo com as GNs citadas anteriormente, como adjuntos adnominais ou adjetivos, que são a função sintática/classe gramatical que acompanha um nome (geralmente um substantivo), dando-lhe uma característica ou especificando-o. Esse grupo de fatores foi eliminado pela rodada do *Goldvarb*.

**C) Preposição requerida pelo pronome relativo:** a preposição mais requerida numericamente e percentualmente foi *em*. Esses números corroboram com os resultados de Kato *et al.*, segundo eles, essa preposição é a mais requerida nos contextos gerais das relativas. De acordo com os PRs, as preposições que mais favorecem o aparecimento das estratégias padrão estão incluídas no grupo *outras* (*sobre, a e com*). Isso provavelmente se deve à transitividade/regência dos verbos principais das orações relativas não-padrão. O fato de que as orações relativas não-padrão foram as mais encontradas nesta pesquisa mostra a tendência ao apagamento da preposição por parte dos usuários da língua.

**D) Função sintática do pronome relativo:** foram analisadas as orações relativas de função sintática de *adjunto adverbial*, *complemento nominal* e *objeto indireto*. Percentualmente e numericamente, a função sintática mais encontrada foi *adjunto adverbial*. Isso corrobora com as pesquisas de Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu, que a encontraram como a mais frequente das funções sintáticas. Os PRs indicam que a função sintática que mais propicia as relativas não-padrão é de *objeto indireto*. Tal

resultado difere dos apresentados por Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu. Isso pode ter acontecido devido ao contexto de fala das atas analisadas, que são as APs. Nesse caso, existe uma tendência de monitoramento de fala nas funções sintáticas mais internalizadas linguisticamente; e a de objeto indireto não é uma delas, pois a opção dos falantes geralmente é pelas relativas de sujeito e de objeto direto. A função sintática *objeto indireto* também está relacionada à transitividade e/ou à regência dos verbos mais encontrados nas orações relativas não-padrão.

**E) Presença de traço especificado ou de traço não-especificado do antecedente:** percentualmente e numericamente, a presença de traço especificado foi a mais verificada nas duas variantes. Esses números estão de acordo com os de Mollica, que considera esse traço formador de fatores no aparecimento das relativas, especialmente da cortadora. Esse grupo foi eliminado pela rodada do *Goldvarb*.

**F) Presença de traço mais ou menos humano do antecedente:** percentualmente e numericamente, a presença de traço não-humano do antecedente foi a mais preponderante nessa variante. O resultado condiz com os de Mollica, em que o traço humano é formador de fatores das orações relativas, especialmente das cortadoras. Esse grupo de fatores não foi rodado no programa *Goldvarb* devido à quantia numérica encontrada.

**G) Verbos principais mais recorrentes nas orações relativas:** os verbos mais encontrados na variante não-padrão foram, em ordem decrescente, *ter*, *falar*, *estar*, *ser*, *chegar*, *trabalhar*, *ir* e *precisar*. Os verbos *falar*, *trabalhar* e *precisar* estão associados à função sintática *objeto indireto*: *falar de alguma coisa ou de alguém*, *trabalhar com alguma coisa ou com alguém* e *precisar de algo ou de alguém*. Como esses foram os contextos verbais mais recorrentes nas variantes não-padrão, pode-se associá-los ao PR encontrado na função sintática *objeto indireto*, a que mais contribuiu para as relativas não-padrão na presente pesquisa, diferindo, assim, dos resultados dos trabalhos de Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu. Esse fator não foi rodado no *Goldvarb* devido ao grande número de verbos diferentes obtidos.

Ao fazer um estudo dos fatores extralinguísticos ou sociais que favoreceram o aparecimento das variantes não-padrão, concluiu-se:

**A) Escolaridade:** de acordo com as porcentagens e números, os autores que possuem demais graduações (que não Letras) foram os que mais produziram ocorrências, porém, eles estão em maior número. A avaliação dos PRs desfez essa

dúvida equilibrando os fatores e mostrando que possuir ensino médio e ensino técnico são os fatores que mais influenciam o aparecimento das estratégias não-padrão. Todos os trabalhos mencionados anteriormente, Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu, apontam para uma utilização das estratégias não-padrão em todas as escolaridades. Porém, Tarallo e Mollica trabalharam com informantes menos escolarizados e de classe popular; e Corrêa e Abreu, com crianças e estudantes de ensino médio.

**B) Tempo de serviço na CMOP:** os autores que possuem até 10 anos de serviço na CMOP são em maior número, também são os que mais produziram ocorrências, em sua maioria, não-padrão. Os resultados dos PRs mostram que ter de 6 a 10 anos de serviço na CMOP propicia o aparecimento das ocorrências não-padrão. Isso mostra que quanto menor a experiência linguística dos autores com documentos escritos, maior a probabilidade de se produzir orações relativas não-padrão.

**C) Tempo de serviço na Seção de Atas:** produziram mais ocorrências aqueles que nunca trabalharam no setor devido ao fato de a Seção de Atas ser recente e de esses profissionais estarem em maior número. Os que ficaram no setor até quatro anos produziram uma quantidade menor de ocorrências. Os números de ocorrências não-padrão são maiores em todos os tempos de serviço. Os PRs mostram que trabalhar até dois anos no setor é um fator que favorece as relativas não-padrão. Isso ocorre porque esses autores possuem uma menor experiência linguística ao tratar de documentos escritos.

**D) Colaborador:** apesar de o número de colaboradores e não-colaboradores ser equivalente (diferença de um autor), observa-se que o número de estratégias não-padrão foram um pouco maiores para os não-colaboradores. Porém, estes foram responsáveis pelo maior número de ocorrências em relação àqueles. Não é possível comparar essas porcentagens e numerações com os PRs, pois esse grupo de fatores foi eliminado pelo *Goldvarb*.

### 4.3.3. As orações relativas copadoras

Dentro de um total de 615 ocorrências, apenas 13 (2%) foram de orações relativas copadoras. Os dados apresentados corroboram com os de Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu.

Mollica, Tarallo e Kato *et al.* encontraram frequências mínimas da estratégia copadora. Por isso, os autores não puderam fazer muitas considerações a respeito dessa variante. Foi observado por eles que essa variante é a mais estigmatizada pelos falantes e, assim, a menos utilizada. Abreu encontrou apenas uma ocorrência da estratégia copadora, para a autora, como tal construção é a menos utilizada, demora mais a entrar no repertório linguístico das crianças.

A distância entre o relativo e a cópia também contribui para a estratégia copadora. De acordo com Mollica e Tarallo, quanto mais distante, maior a possibilidade de ocorrência da estratégia copadora, já que o pronome cópia serve para retomar o antecedente e desfazer possíveis ambiguidades.

Neste trabalho, foram identificados até cinco elementos entre o relativizador e a cópia. Estão entre eles, as seguintes classes gramaticais: *artigo*, *substantivo*, *verbo*, *advérbio*, *locução adverbial*, *pronome* e *preposição*, sendo que a mais encontrada foi a classe gramatical *verbo*.

### 4.4. Índice de correção das atas segundo o critério autoria

Todas as atas da CMOP são redigidas seguindo critérios pré-estabelecidos pela própria instituição. Esses incluem desde correções ortográficas, lexicais e sintáticas até a formatação final do documento.

Conforme dito anteriormente, apenas a partir de 2007 foi contratada uma estagiária do curso de Letras a fim de realizar correções nos documentos. Porém, essas correções ficaram restritas às atas das reuniões ordinárias e, como a redação das atas das APs estavam atrasadas, sua redação/correção ficou por conta dos próprios autores. Todavia, esses profissionais não possuíam, necessariamente, conhecimentos gramaticais suficientes para redigir tais documentos. A única orientação dada a esses funcionários foi que poderiam

realizar correções gramaticais caso não fosse comprometido o que havia sido dito durante as reuniões.

Para este estudo, foram selecionadas, inicialmente, duas atas de cada autor entre 2001 e 2012, somando um total de 24 documentos, pois dois dos autores possuíam apenas uma ata cada. O critério adotado a fim de observar e escolher essas atas foram a autoria e o número de palavras/páginas devido ao fato de que, em uma análise prévia, foi possível notar que as atas maiores possuíam, obviamente, um número maior de ocorrências (conferir quadro 2).

A fim de observar se havia correção por parte dos autores, como ela influiria no aparecimento do número das ocorrências e quais fatores extralinguísticos desses profissionais seriam favoráveis por isso, foi necessário fazer uma conferência entre o que estava escrito nos documentos (o fenômeno estudado das estratégias relativas padrão e não-padrão) e os áudios das atas. Porém, nem todas as atas selecionadas segundo os critérios estabelecidos anteriormente possuíam amostras de áudio. Houve grandes perdas de documentos digitais na CMOP no decorrer dos anos e, especialmente, no ano de 2007, devido a uma intervenção da Cemig, que danificou o servidor do sistema e ocasionou a perda da maior parte dos dados nele contidos.

Portanto, para a conferência com o áudio, foi construída uma pequena amostra a partir das atas que já integravam o *corpus* selecionado que possuíam áudio e foram incluídas outras atas selecionadas. Quando as duas atas de algum autor não possuíam documento de áudio, foi incluída uma terceira ata a fim de realizar essa conferência. Apresenta-se, a seguir, o quadro com todos os dados, inclusive com o número de correções de cada ata.

## QUADRO 6

Atas selecionadas por autoria, ocorrências e correções

ATAS								
Ata	Nº de páginas	Nº de palavras	Padrão	Cortadora	Copiadora	Possui gravação?	Data	Correções
APA1	20	16.691	3	28	0	Sim	14/05/2008	0
APA2	18	14.593	6	22	1	Sim	23/12/2008	0
AFP1	4	2.732	1	3	0	Sim	11/08/2011	0
CGF1	35	29.608	6	38	2	Não	17/05/2007	X
CGF2	51	32.757	17	49	3	Não	20/02/2008	X
CGF3	26	17.894	5	5	0	Sim	04/06/2009	0
DAF1	27	22.234	12	24	0	Não	24/06/2003	X

DAF2	27	21.507	2	9	0	Não	21/11/2006	X
ELT1	22	18.107	1	21	0	Sim	14/04/2011	0
ELT2	13	9.574	1	11	0	Sim	05/07/2011	0
ECP1	23	11.787	4	15	0	Não	30/05/2003	0
LGF1	29	22.285	1	21	1	Sim	29/10/2007	0
LGF2	24	19.402	2	19	0	Sim	08/10/2010	0
MSO1	28	21.321	7	23	1	Não	17/12/2007	X
MSO2	25	19.014	8	23	0	Não	18/02/2008	X
MSO3	26	19.235	8	11	0	Sim	06/07/2011	0
RAE1	26	20.227	27	8	1	Não	21/03/2001	X
RAE2	25	18.741	13	5	0	Não	12/06/2002	X
RAE3	23	18.736	13	1	0	Sim	11/02/2009	13
RDB1	23	18.535	1	16	0	Não	22/03/2006	X
RDB2	32	26.597	6	24	1	Sim	01/09/2010	0
SRM1	29	24.919	3	14	2	Não	20/05/2007	X
SRM2	28	23.812	3	33	1	Não	10/10/2007	X
SRM3	22	17.494	2	3	0	Sim	18/06/2009	0
TSF1	37	27.949	5	19	0	Não	27/09/2007	X
TSF2	14	10.290	0	12	0	Sim	12/04/2011	X
WSM1	34	25.408	12	18	0	Não	19/10/2006	X
WSM2	26	22.716	5	8	0	Não	26/02/2007	X
WSM3	2	6.347	0	5	0	Sim	09/03/2010	0

Observa-se, no quadro 6, que os autores AFP e ECP possuem apenas uma ata. Foram procurados registros de áudio de todas as atas de DAF, porém, não foram localizados. Dessa forma, DAF foi excluído dessa análise. Como as atas de CGF, MSO, RAE, SRM e WSM não possuíam documento de áudio, foram selecionadas uma terceira ata de cada um para compor a amostra da conferência. Assim, foram selecionadas e classificadas todas as ocorrências dessas atas, além de efetuada a conferência com o áudio para verificar se houve alguma correção por parte dos autores.

Em uma análise prévia, notou-se que as atas RAE1 e RAE2 possuem mais ocorrências da variante padrão do que as dos outros autores. Foi levantada a hipótese de que o autor provavelmente corrigia as variantes cortadoras que encontrava devido ao fato de que, em suas atas, a variante padrão seria a mais recorrente. Como as duas atas não possuem áudio para a conferência, foi selecionada uma terceira ata (RAE3) a fim de observar se havia correções. Foram encontradas, em RAE3, 13 ocorrências da variante padrão e apenas 1 da variante cortadora. Ao realizar a conferência de áudio, observou-se que todas as ocorrências



padrão eram, na verdade, ocorrências da estratégia cortadora corrigidas por RAE. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

**(130) RAE3P1.**

**Áudio:** “[...] *Eu acho que esse é o objetivo de toda equipe de governo e, na situação que a gente tá, na negociação que a gente fez ...* [...]”

**Texto:** “[...] Eu acho que esse é o objetivo de toda equipe de governo e, na situação em que estamos, na negociação que fizemos com a empresa DELPHI, que está localizada no município de Ouro Preto, mas pretendeu instalar uma unidade satélite em Ouro Preto, no distrito de Cachoeira do Campo. [...]”

Observa-se que o autor faz correções não somente com relação à oração relativa, mas também com relação ao uso do termo *a gente*.

**(131) RAE3P3.**

**Áudio:** “[...] *Em todas as reuniões que participei ...* [...]”

**Texto:** “[...] Em todas as reuniões em que participei, eu vi total empenho do governo municipal, por intermédio do prefeito Ângelo Oswaldo, do Secretário Toninho, do presidente da Câmara – Júlio Pimenta -, por intermédio também do vice-prefeito – Dr. Dimas. [...]”

Há, neste caso, uma hipercorreção do autor, já que a regência verbal, exigiria a preposição *de* ao invés de *em*.

**(132) RAE3P5.**

**Áudio:** “[...] *A gente se coloca à disposição para qualquer ação que a gente possa estar trabalhando...* [...]”

**Texto:** “[...] Nós estamos nos colocando à disposição para qualquer ação com que possamos trabalhar – com capacitação, que a gente sabe que é uma busca do atual governo para novas empresas para reverter a situação econômica. [...]”

Nota-se, mais uma vez, a troca do termo *a gente*, de uso coloquial, por *nós*, remetendo ao uso formal. RAE introduz a preposição *com* a fim de obedecer à regência do verbo *trabalhar*.

**(133) RAE3P7.**

**Áudio:** “[...] *É uma questão grave, nós temos que enfrentar essa questão da Novelis. Estamos enfrentando também essa questão com a Vale do Rio Doce nos vários municípios que a Vale presta serviço ...* [...]”

**Texto:** “[...] É uma questão grave, nós temos que enfrentar essa questão da Novelis. Estamos enfrentando também essa questão com a Vale do Rio Doce nos vários municípios em que a Vale presta serviço, estamos enfrentando essa situação inclusive com a DELPHI [...]”

É possível observar o acréscimo da preposição *em* já que o antecedente do relativo indicativo de lugar e exerce a função sintática de adjunto adverbial.

**(134) RAE3P9.**

**Áudio:** “[...] Então, agora, estão levando a nossa Ouro Preto também e não estão deixando essa parte que ela falou ali do social. [...]”

**Texto:** “[...] Então, agora, estão levando a nossa Ouro Preto também e não estão deixando essa parte de que ela falou ali do social. [...]”

Verifica-se o acréscimo da preposição *de* a fim de obedecer à regência do verbo *falar*.

Com base nos dados apresentados, nasce o questionamento: o que diferencia RAE dos demais autores para que ele faça as correções e os outros não? Observando a tabela contendo os fatores extralinguísticos, é possível notar que o autor trabalha na CMOP há mais de 10 anos, sempre colaborou com a Seção de Atas, esteve em diversos setores da instituição, possui graduação em Letras e trabalha como professor de Língua Portuguesa (LP). Por meio de uma comparação dos fatores sociais, o autor que mais se aproxima disso é AFP, que possui graduação em Letras, trabalha há mais 15 anos na CMOP, esteve em diversos setores da CMOP e prestou serviço para a Seção de Atas durante apenas dois meses. A única ata que AFP fez possui apenas 2.732 palavras enquanto atas analisadas de RAE possuem entre 18 e 20 mil palavras. Na única ata de AFP, foi encontrada 1 ocorrência da variante padrão e três não padrão, sem correções. É possível afirmar que o fato de ser graduado em Letras faz com que RAE corrija as ocorrências das orações relativas, mas não é possível afirmar nada a respeito de AFP, já que seus dados foram insuficientes.

A partir de 2013, todas as APs começaram a passar pelas correções do assessor de redação de atas, profissional que, obrigatoriamente, deve ser formado em Letras. Com o objetivo de verificar se o curso de Letras seria suficiente para uma pessoa efetuar a correção das orações relativas, buscou-se uma ata de AP de 2013, de qualquer autor (já que esse fator seria irrelevante nesse caso devido à correção), que apresentasse o maior número de palavras/páginas e que já estivesse corrigida por ele. A ideia era fazer o levantamento das relativas no texto em comparação com o áudio. Dessa forma, seria possível analisar se o fato de o corretor ser graduado em Letras alteraria os resultados das orações padrão, como o caso de RAE. Chamaremos essa ata de CLF1.

Apresenta-se, abaixo, um quadro comparativo das ocorrências e suas correções dos autores que possuem graduação em Letras.

**QUADRO 7**  
Índice de correções das atas dos autores graduados em Letras

ATAS								
Ata	Nº de páginas	Nº de palavras	Padrão	Cortadora	Copiadora	Possui gravação?	Data	Correções
AFP1	4	2.732	1	3	0	Sim	11/08/2011	0
RAE3	23	18.736	13	1	0	Sim	11/02/2009	13
CLF1	33	25.792	3	22	1	Sim	10/06/2013	0

Apesar de a ata de RAE3 ser menor (tanto em número de páginas quanto em número de palavras), o número de ocorrências padrão é maior em relação à ata de CLF1 devido ao fato de que CLF1 não fez correções das ocorrências. O gráfico 22 mostra o número de ocorrências e correções por autor graduado em Letras.

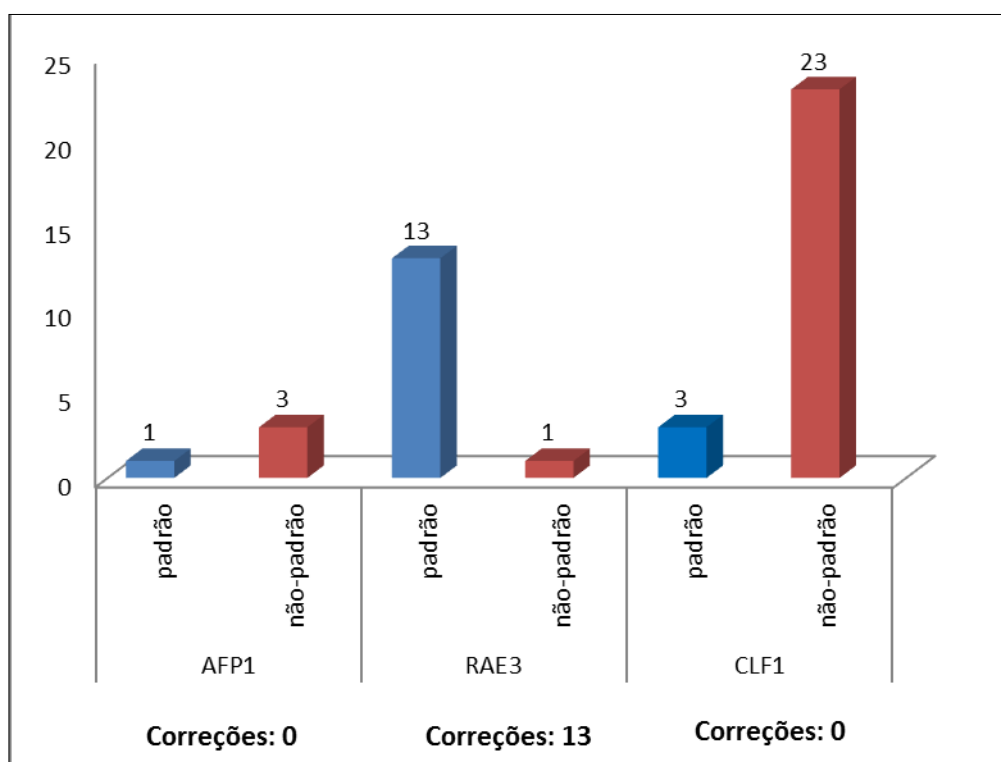


GRÁFICO 22 – Número de ocorrências e índice de correção dos autores graduados em Letras

É possível observar que, apesar de CLF1 possuir mais ocorrências do que RAE3, as ocorrências não-padrão superam as padrão e não há correções por parte do primeiro autor, da mesma forma que não há correções em AFP1. Logo, embora a graduação em Letras seja um fator relevante na correção das relativas nas atas (no caso de RAE), mas não seja o fator determinante (porque os outros autores não corrigem as relativas), é possível identificar qual fator social pode ser sobressalente para que RAE faça correções nas orações relativas, demonstrando, assim, consciência da diferença entre as relativas padrão e não-padrão.

Apresentaremos, no quadro a seguir, os fatores sociais dos três autores supracitados:

**QUADRO 8**  
Fatores sociais dos autores graduados em Letras

<b>AUTORES FATORES</b>	<b>AFP</b>	<b>RAE</b>	<b>CLF<sup>43</sup></b>
<b>Gênero</b>	Feminino	Feminino	Feminino
<b>Faixa etária</b>	3	2	2
<b>Escolaridade</b>	Graduação em Letras	Graduação em Letras	Graduação em Letras
<b>Tempo de serviço na CMOP</b>	17 anos	12 anos	10 anos
<b>Tempo de serviço na Seção de Atas</b>	2 meses	..	1 ano
<b>Cargo na CMOP</b>	Agente Legislativo III	Agente Legislativo I	Assessora de Redação de Atas
<b>Profissão</b>	Agente Legislativo III	Professora	Cargos diversos na CMOP
<b>Modalidade</b>	Efetiva	Efetiva	Contratada
<b>Colaborador</b>	Não	Sim	Não

No quadro acima, é possível notar que os três autores possuem perfis bastante parecidos. Apenas CLF trabalha na modalidade de contrato e nunca foi colaborador da Seção de Atas. Porém, ressalta-se que há uma diferença entre RAE e os demais autores: a profissão. Além de RAE trabalhar na CMOP, também é professor de LP. Isso pode explicar o motivo

---

<sup>43</sup> CLF entrou para a Seção de Atas no ano de 2013 para redigir e revisar as atas das AP.

pelo qual o autor corrige suas atas. Ao dar aulas no ensino fundamental, possui muito contato com o ensino e a aprendizagem das orações relativas, por isso, fica atento ao fenômeno em questão quando se depara com ele em suas atas. Ou seja, é possível levantar a hipótese de que RAE, por ser professor, corrija suas atas por estar sempre em contato com o objeto de estudo, que é conteúdo de ensino dos 8º e 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do Ensino Médio.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho faz uma abordagem sociolinguística sobre as variantes das orações relativas (padrão preposicionadas e não-padrão) encontradas nas atas de audiências públicas da Câmara Municipal de Ouro Preto, selecionadas de acordo com a autoria. O presente estudo diferencia-se inovando através da pesquisa feita no gênero ata de audiência pública. Além disso, possibilita o contraste entre a fala e escrita mineira. Dessa forma, é possível construir um diálogo com o PB.

A fim de fazer uma análise sociolinguística mais avançada e completa, optou-se pela rodagem de dados em *step*. Esse tipo de rodada do *Goldvarb* calcula os pesos relativos usando todos os fatores e grupos de fatores presentes no arquivo. O resultado é um peso relativo (PR) para cada um dos fatores e, a cada rodada, um *input* e um valor de *log-likelihood* (logaritmo de verossimilhança) e um valor de significância.

Esta pesquisa apresentou  $p_0 = 0,819$ , ( $p_0 > 0,05$ , fatores equilibrados pelo *Goldvarb*), *log-likelihood* = -269,327 (valor alto) e  $p = 0,036$  ( $p < 0,05$ , o que indica valores de significância). Esses números, portanto, sugerem baixa probabilidade de ocorrência da hipótese nula e aproximação entre os modelos e os dados observados, o que garante a confiabilidade deste trabalho em termos estatísticos pelo programa.

Foram rodados pelo programa nove grupos de fatores e, devido ao valor de significância, foi selecionada a rodada de número 37 pelo *Goldvarb* como *step-up*. Já a rodada *step-down* foi excluída da análise deste trabalho por apresentar um número de significância inferior ao da rodada *step-up*.

As variáveis dependentes são as variantes estudadas das orações relativas: padrão preposicionada, cortadora e copiadora. O *Goldvarb* utiliza análises binárias, as porcentagens apresentadas pelo programa mostraram a análise da estratégia não-padrão em relação à padrão.

Como variáveis independentes, foram selecionados como grupos de fatores os dados linguísticos e sociais das ocorrências. Os dados linguísticos selecionados foram: *a natureza semântica do antecedente, a classe gramatical do mesmo, a preposição requerida pelo pronome relativo, a função sintática do mesmo, a presença de traço especificado ou não-*

*especificado do antecedente, o traço mais ou menos humano do mesmo, a distância entre o relativizador e a cópia e os verbos principais mais recorrentes nas orações relativas.* Para a rodada no programa *Goldvarb*, considerou-se os seguintes dados linguísticos: *a natureza semântica do antecedente do pronome relativo, a classe gramatical desse pronome, a preposição requerida pelo pronome, a função sintática dele e a presença do traço especificado ou de traço não-especificado do antecedente.* Os demais dados não foram rodados pelo programa, mas foram utilizados na realização deste trabalho.

Devido ao fato de que não foi possível obter os dados extralinguísticos (idade, escolaridade, gênero, classe social, etc.) dos informantes das atas (aqueles que costumam falar nas APs), recuperaram-se os dados extralinguísticos ou sociais dos autores das atas e utilizou-se o critério autoria a fim de fazer a seleção dos documentos. Os dados sociais selecionados dos autores das APs foram: *gênero, faixa etária, escolaridade, tempo de serviço na CMOP, tempo de serviço na Seção de Atas, cargo na CMOP, profissão, modalidade (efetivo ou contratado) e colaborador (sim ou não).* Para a rodagem no *Goldvarb*, devido à grande diversidade de fatores, selecionaram-se os como mais relevantes: *escolaridade, tempo de serviço na CMOP, tempo de serviço na Seção de Atas e colaborador (sim ou não).*

Durante a rodada *step-up*, foram selecionados, em ordem de maior atuação na variante inovadora, de acordo com os PRs, os seguintes grupos de fatores: *escolaridade, tempo de serviço na CMOP, função sintática do pronome relativo, preposição requerida pelo relativo, tempo de serviço na Seção de Atas e natureza semântica do antecedente.* Foram eliminados (em ordem de menor atuação na variante inovadora, de acordo com os PRs) os seguintes grupos de fatores: *colaborador, classe gramatical e presença ou ausência de traço especificado.*

As atas apresentaram 143 ocorrências da variante da relativa padrão (23%), 459 ocorrências da variante da relativa cortadora (75%) e 13 ocorrências da variante da relativa copiadora (2%). Dentro dessas ocorrências, apenas o pronome relativo *que* apareceu. De acordo com as pesquisas de Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu, há uma tendência maior da utilização desse relativo em detrimento dos outros nas variantes das orações relativas estudadas.

Esses resultados são condizentes com os das pesquisas dos autores apresentados anteriormente. Kato *et al.* concluíram que há uma maior resistência dos falantes em utilizarem as orações preposicionadas na linguagem (nesse caso, a padrão) e acabam optando pelas

relativas não preposicionadas (de sujeito ou objeto direto) ou pela estratégia cortadora. A pesquisa de Corrêa concluiu que os alunos tendem a se esquivar do uso das preposições. O trabalho de Abreu demonstrou que as relativas de sujeito são as mais frequentes nas falas espontâneas de crianças e adultos. Ou seja, há uma tendência de se evitar a estratégia padrão por parte dos falantes. Como este estudo é feito em documentos escritos que possuem uma pretensa representação das falas, pode-se levantar a hipótese de que a predisposição em empregar as estratégias não-padrão está se transferindo da fala para os textos escritos.

Os dados numéricos e percentuais apresentados nesta pesquisa condizem com os resultados de Mollica (1977) e Tarallo (1983), que afirmaram, em suas pesquisas, que o PB está caminhando a favor da estratégia cortadora. Kato *et al.*, Corrêa e Abreu também encontraram mais ocorrências da estratégia cortadora em seus trabalhos, confirmando as hipóteses de Tarallo e Mollica. Observa-se que o percentual encontrado dessa variante nesta pesquisa supera as demais, condizendo, assim, com os estudos citados neste trabalho.

Da mesma forma, consoante os dados dos autores supracitados, a estratégia copiadora é a menos encontrada nas atas. É importante ressaltar que esses resultados corroboram com as conclusões de Mollica e Tarallo, os quais relatam que essa é a estratégia mais estigmatizada pelos falantes e, por isso, a menos utilizada. Na pesquisa de Abreu, foi encontrada apenas uma ocorrência dessa variante, portanto, para a autora, devido ao fato de essa estratégia ser a menos usada, demora a entrar no repertório linguístico das crianças do que as demais estratégias.

Destacam-se, no favorecimento das estratégias não-padrão, os campos semânticos *lugar* e *tempo*, tanto numericamente quanto em relação aos PRs. É possível inferir que os falantes, na criação de orações relativas não-padrão, tenham maior facilidade em apagar as preposições ao utilizarem esses antecedentes semânticos, que geralmente estão associados à função sintática de *adjunto adverbial*. Já com relação às relativas padrão, destacam-se as *publicações*, tanto numericamente quanto no tocante aos PRs. Provavelmente, isso se deve ao fato de que, ao envolverem termos mais formais (jurídicos, matemáticos, etc.), os falantes monitorem mais sua fala e utilizem, com mais frequência, a preposição.

A classe gramatical mais recorrente tanto para as ocorrências padrão quanto não-padrão é a de *substantivo*, e seu maior número de ocorrências foi nas relativas não-padrão. Os índices apresentados pelas demais classes gramaticais foram baixíssimos em relação a essa classe gramatical. Isso porque as orações relativas funcionam, de acordo com as GNs citadas



anteriormente, como adjuntos adnominais ou adjetivos, que são função sintática/ classe gramatical que acompanha um nome (geralmente um substantivo), dando-lhe uma característica ou especificando-o.

Com relação aos PRs, as preposições que mais favorecem a ocorrência das variantes não-padrão está dentro do fator *outras* (*sobre, a, e com*). As preposições com maior tendência de ocorrerem na variante padrão são *de* e *em*. O trabalho de Kato *et al.* mostra que dentre todas as preposições, *em* é a mais requerida pelos contextos das relativas em geral e a que mais aparece é *por*, apesar de ser a menos requerida pelo contexto. O presente trabalho, em termos de resultados percentuais, expõe semelhança com o fato de ser *em* a preposição mais requerida em todas as variantes. Provavelmente isso ocorre devido à regência dos verbos principais das orações analisadas. A preposição *por* não aparece neste trabalho, diferentemente de Kato *et al.* A pesquisa de Corrêa observa que os alunos não empregam essa preposição espontaneamente e ela precisou levá-los a utilizá-la. A resistência dos falantes em aplicarem a estratégia padrão, da qual Abreu trata em seu trabalho, remete à existência de dúvidas quanto ao uso das preposições.

Devido ao fato de que foram estudadas apenas as relativas padrão preposicionadas e não-padrão, analisaram-se as orações relativas com as funções sintáticas de *adjunto adverbial*, *complemento nominal* e *objeto indireto*. O tipo de função sintática mais encontrada percentualmente foi de *adjunto adverbial*, tanto nas ocorrências padrão quanto nas ocorrências não-padrão. Os PRs indicam que a função sintática que mais favorece o aparecimento as variantes não-padrão é de *objeto indireto*. As funções sintáticas de *adjunto adverbial* e de *complemento nominal* tendem ao favorecimento da estratégia padrão. Isso é possível porque essas funções sintáticas estão mais internalizadas e são mais utilizadas pelos falantes. Dessa forma, eles têm maior facilidade em empregá-las nessa modalidade.

No tocante aos números e às porcentagens, esta pesquisa corrobora com os resultados de Mollica, Tarallo, Kato *et al.* e Abreu. Os PRs diferem desses resultados ao apresentarem a função sintática de *objeto indireto* como a que favorece mais a variante não-padrão perante a padrão. Isso pode ter acontecido devido à natureza do contexto de fala das atas analisadas, que são as APs, e as funções sintáticas estão relacionadas, provavelmente, à regência e/ou à transitividade dos verbos encontrados nas ocorrências das orações relativas.

Observa-se que o traço especificado do antecedente (*preposição, artigo definido, pronome possessivo e pronome demonstrativo*) foi o mais encontrado nas duas variantes

padrão e não-padrão. Isso está de acordo com o trabalho de Mollica, no qual o traço especificado do antecedente mostrou-se formador de fatores no aparecimento das relativas cortadoras.

O fator linguístico traço mais ou menos humano do antecedente foi o mais preponderante em questão numérica nas orações relativas, tanto padrão quanto não-padrão. A maioria dos antecedentes possui traço menos humano. Esse resultado condiz com os de Mollica, em que o traço menos humano é formador de fatores nas orações relativas cortadoras.

As orações não-padrão foram as encontradas em maior número (especialmente a variante cortadora); portanto, é natural que seus verbos principais também estejam em maior número com relação à variante padrão. Os verbos mais comuns nessa variante foram, em ordem decrescente, *ir, estar, ser, ter e haver*. Os verbos mais citados na variante não-padrão foram, em ordem decrescente: *ter, falar, estar, ser, chegar, trabalhar, ir e precisar*. Os verbos *ir, estar e chegar* estão associados, na maior parte das ocorrências, à função sintática de adjunto adverbial, pois o seu contexto seria: *ir a algum lugar, estar em algum lugar e chegar a algum lugar*. Isso contribui para que essa função sintática tenha sido a mais encontrada percentualmente. Os verbos *falar, trabalhar e precisar* estão associados à função sintática de *objeto indireto*: *falar de alguma coisa ou de alguém, trabalhar com alguma coisa ou com alguém e precisar de algo ou de alguém*. Como esses foram os contextos verbais mais recorrentes nas variantes não-padrão, pode-se associá-los ao PR encontrado na função sintática de *objeto indireto*, que foi a que mais favoreceu as relativas não-padrão na presente pesquisa, diferindo, assim, dos resultados dos trabalhos de Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu.

Ao analisar os números e as porcentagens das ocorrências padrão e não-padrão, nota-se que apenas os autores que possuem graduação em Letras superaram o número de ocorrências das variantes padrão em comparação à não-padrão. Os demais autores possuem, numericamente e percentualmente, mais ocorrências não-padrão do que padrão. Os PRs para o grupo de fatores escolaridade mostram que os fatores ensino médio completo e ensino técnico são os que mais influenciam o aparecimento das variantes não-padrão. Já a graduação em Letras e as demais graduações são os fatores que influenciam o aparecimento das variantes padrão, sendo que a graduação em Letras é o fator mais forte nessa manifestação. Portanto, observa-se que a tendência dos autores mais escolarizados é utilizarem a estratégia

padrão. Ou seja, apesar de as pesquisas apontarem para o uso da estratégia cortadora, ainda aplica-se a estratégia padrão em autores mais escolarizados.

O tempo de serviço na CMOP que mais favorece o aparecimento das estratégias não-padrão é de 6 a 10 anos. Os demais períodos de serviço na CMOP propiciam as estratégias padrão, especialmente os autores que possuem de 11 a 15 anos de serviço cujo PR é maior para essa estratégia.

Os autores que nunca trabalharam no setor produziram, numericamente, mais ocorrências devido ao fato de serem em maior número, colaboradores de outros setores da CMOP e da Seção de Atas ser recente. Já aqueles que ficaram no setor por até quatro anos foram os que produziram uma porcentagem menor de ocorrências. Os indivíduos que mais produziram relativas padrão foram esses que nunca trabalharam no setor, apesar de que o maior número de ocorrências em todos os tempos de serviço é o de relativas não-padrão.

De acordo com os PRs, ter atuado no setor por até dois anos contribuiu para o aparecimento das estratégias não-padrão. Os que nunca trabalharam na repartição e os que ficaram por até quatro anos favoreceram a estratégia padrão. Ou seja, os mais experientes na produção das atas são os que mais produziram estratégias padrão, e os menos experientes na produção do gênero textual elaboraram mais estratégias não-padrão. Esses dados dos PRs, tempo de serviço da CMOP e na Seção de Atas, mostram a relação entre a experiência com documentos escritos e a produção das estratégias. Aqueles que possuem maior experiência com documentos escritos produzem mais estratégias padrão, e os que possuem menos experiência criam mais estratégias não-padrão.

Os autores não-colaboradores (que fizeram atas durante mais tempo e estão há mais tempo na CMOP) são responsáveis pela maior parte desse tipo de ocorrências. Todos produziram um maior número de relativas não-padrão, tanto colaboradores quanto não-colaboradores, porém esses últimos produziram um número maior de relativas não-padrão em relação aos primeiros. Sobre relativas padrão, observa-se que, nos dois fatores analisados, essa modalidade é equivalente numericamente.

A questão da distância entre o relativo e a cópia contribui para a incidência da estratégia copiadora. De acordo com Mollica e Tarallo, quanto mais distante, maior a possibilidade de ocorrência da estratégia copiadora, já que o pronome cópia serve para retomar o antecedente e desfazer possíveis ambiguidades.

Neste trabalho, foram encontrados até cinco elementos entre o relativizador e a cópia. Estão entre eles as seguintes classes gramaticais: *artigo*, *substantivo*, *verbo*, *advérbio*, *locução adverbial*, *pronome* e *preposição*, sendo que a mais encontrada foi a classe gramatical de *verbo*.

Dentro de um total de 615 ocorrências, apenas 13 (2%) foram de orações relativas copadoras. Os dados apresentados corroboram com os de Mollica, Tarallo, Kato *et al.*, Corrêa e Abreu. Os autores não puderam fazer muitas considerações a respeito dessa variante justamente devido a esse fato. Eles observaram que essa variante é a mais estigmatizada pelos falantes e, por isso, a menos utilizada.

Para identificar se houve correção por parte dos autores nas falas escritas nos documentos e como essa revisão poderia influenciar o número das ocorrências e quais fatores extralinguísticos desses profissionais seriam favoráveis a isso, foi necessário fazer uma conferência entre o que estava escrito na ata (o fenômeno estudado das estratégias relativas padrão e não-padrão) e os áudios das audiências públicas. Foram selecionadas algumas atas e acrescentadas outras na amostra pelo fato de que nem todas da amostra original possuíam documentos de áudio. Descobriu-se que apenas o autor RAE corrigia suas atas. O que diferencia esse autor dos demais é o fato de possuir graduação em Letras e ser professor. Dessa forma, foi feita uma análise comparativa entre RAE, AFP e CLF (que é quem corrige as atas atualmente e possui graduação em Letras). Os três autores possuem perfis bastante parecidos. Apenas CLF trabalha na modalidade de contrato e nunca foi colaborador da Seção de Atas. Porém, ressalta-se que há uma diferença entre RAE e os demais autores: a profissão. Além de RAE trabalhar na CMOP, também é professor de LP. Isso pode explicar o motivo pelo qual o autor corrige suas atas. Ao dar aulas no ensino fundamental, ele possui muito contato com o ensino e a aprendizagem das orações relativas, por isso, ficaria atento ao fenômeno em questão quando se depara com ele em suas atas. Em outras palavras, é possível levantar a hipótese de que RAE, por ser professor, corrige suas atas por estar sempre em contato com o objeto de estudo, que é matéria do 8º e 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Cristina Baptista. **A aquisição de orações relativas no português brasileiro**. 2013. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1964.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português do Brasil**. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BOHRER, Alex. História de Ouro Preto. Disponível em: <<http://www.ouopreto.mg.gov.br/historia>> Acesso em: 15 out. 2013.

BORGES, Abilio Cesar. **Resumo da gramática portugueza para uso das escolas**. 8 ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Francisco Alves, 1910.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte: UFMG, 1963.

BRASIL. Presidência da República. **Manual de redação da Presidência da República**. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Presidência da República, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CÂMARA JR., Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Reuniões e atas**. Disponível em: <[http://www.cmop.mg.gov.br/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=38](http://www.cmop.mg.gov.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=38)>. Acesso em: 15 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **História e organização da Câmara Municipal de Ouro Preto**. Disponível em: <[http://www.cmop.mg.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=14&Itemid=16](http://www.cmop.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14&Itemid=16)>. Acesso em: 15 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Prédio da Câmara Municipal de Ouro Preto**. Disponível em: <<http://www.cmop.mg.gov.br>>. Acesso em: 15 out. 2013.

CAMPOS, Kátia Maria Nunes. **História e organização da Câmara Municipal de Ouro Preto**. Disponível em: <[http://www.cmop.mg.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=14&Itemid=16](http://www.cmop.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14&Itemid=16)>. Acesso em: 15 out. 2013.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: Fiorin, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2002.

CHAMBERS, Jack. **Sociolinguistic theory**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

COHEN, Maria Antonieta. A.; RAMOS, Jânia M. **Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança linguística**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

COHEN, Maria Antonieta. A. *et al.* **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e memória**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2010.

COHEN, Maria Antonieta. **Syntactic Change in Portuguese Relative Clauses and the Adjective in the Noun Phrase**, Unicamp, tese de doutorado, 1986-89.

COELHO, Izete L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORRÊA, Vilma R. **Oração relativa: O que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. 1998. 163 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

CRUZ, José Marques. **Português prático** – gramática para as 4 séries do ciclo ginásial. 24 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva Dias. **Syntaxe histórica portuguesa**. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. 2008. 349 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in brazilian portuguese: aspects of phonology, syntax and language history**. 1981. 404 f. Dissertação – University of Pennsylvania, Pensilvânia, Estados Unidos, 1981.

HORA, Demerval. **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KATO, Mary A. *et al.* As construções QU- no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, Ingedore (Org.). **Gramática do português falado (VI): desenvolvimentos**. São Paulo: Unicamp/Fapesp, 1996.

\_\_\_\_\_. Topicalização e deslocamento à esquerda. In: CASTILHO, Ataliba de. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora Unicamp/FAPESP, 1993. v. III, p. 315-362.

KATO, Mary A. Orações relativas, variação universal e variação individual no português. **Estudos linguísticos**, vol. V, p. 1-16, 1981.

\_\_\_\_\_. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-258.

KURY, Adriano da Gama. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: LISA, 1972.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Martha Pereira Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **The social motivation of a sound change**. Word 19, 1963.

LEME, Odilon Soares. **Assim se escreve... gramática** – Assim escreveram... literatura: Brasil – Portugal. São Paulo: EPU, 1934.

LOPES, Luís Paulo da Moita. **O português no século XXI: o cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

LUCCHESI, Dante. A teoria da variação linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio-ago. 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Marco A.; VIEIRA, Sílvia R.; TAVARES, Maria A. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1964.

MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Anáforas em relativas no português do Brasil. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, n. 41, p. 171-179, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. 1977. 86 F. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.



\_\_\_\_\_. Relativas em tempo real no PB contemporâneo. In: PAIVA, Maria Conceição; DUARTE, Eugenia Lamoglia. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 129-138.

\_\_\_\_\_. Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita. In: FACE, Timothy L.; KLEE, Carol A. (Orgs.). **Symposium**. 2. ed. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, v. 2. p. 167-171, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2000.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna C. (Org.). **Introdução à sociolinguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

PAIVA, Maria C.; DUARTE, Maria E. L. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

TRÓPIA, Eduardo. **Praça Tiradentes**. 1 foto. Disponível em: <<http://www.mondego.com.br>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Informações gerais da cidade**. Disponível em: <<http://www.ouopreto.mg.gov.br/informacoes-gerais>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

PRETI, Dino. **Estudos da língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (Série Dispersos).

RIBEIRO, João. **Grammatica portugueza**. 7. ed. Rio de Janeiro: Clássica de Alves & C., 1896.

RESENDE, Marcelo; DUTRA, Juliane Kelly. **Sementes negras**. Disponível em: <<http://ouopreto.org.br/Historia/viagem/fatos-historicos>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1984.

SILVEIRA, Antônio Barbosa da. **Manual de Redação Parlamentar**. 3. ed. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas (SP): Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. 289 f. Dissertação (Ph.D) – University of Pennsylvania, Pensilvânia, Estados Unidos, 1983.

\_\_\_\_\_. **Tempos Linguísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TEIXEIRA, José A. O falar mineiro. In: Revista do arquivo municipal. v. XLV São Paulo: Clichês de Lastris & Heikaus, 1938.

TÔRRES, Artur de Almeida. **Moderna gramática expositiva da língua portuguesa**. 10. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A., 1960.

LUZ, Rogério. **Vista panorâmica de Ouro Preto**. 1 foto. Disponível em: <<http://aventuras.com.br>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

## **ANEXO**

CD com dois documentos de texto:

**Pasta 1:**

Documento 1 - todas as ocorrências das orações relativas encontradas nas atas selecionadas da Câmara Municipal de Ouro Preto.

**Pasta 2:**

Todas as atas digitadas utilizadas para este trabalho, nomeadas de acordo com sua autoria, conforme apresentado no corpo deste trabalho.